

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

RELIGIÃO E EDUCAÇÃO:
PRESSUPOSTOS BÁSICOS PARA A CONSTRUÇÃO DA
CIDADANIA

ALANE DE LUCENA LEAL

GOIÂNIA
2003

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

RELIGIÃO E EDUCAÇÃO:
PRESSUPOSTOS BÁSICOS PARA A CONSTRUÇÃO DA
CIDADANIA

ALANE DE LUCENA LEAL

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás (UCG), como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Petrelli

Goiânia
2003

DEDICATÓRIA

A Coquelin Aires Leal Neto, pelo eterno encontro.

À Universidade Holística Internacional (Unipaz), Fundação Cidade da Paz, Campus, Brasília-DF.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Pedro e Teresinha.

Ao meu avô, Antero de Almeida.

Aos meus irmãos, Alfredo, Alan (*in memoriam*) e Antero.

A minha linda família: Coquelin, amigo e companheiro, avô dos meus netos, que, por mais de duas décadas, divide comigo a grande aventura, que é o viver junto, e Pedro, Paulo e Aline, filhos e neta, mestres queridos, que dão a minha vida um colorido especial.

A minha querida sogra Floracy, pelo exemplo constante e contagiante bom humor.

Aos amigos de hoje e de sempre, Lina, Helga, Blenda, Carol, Shirlei, Maria Helena, Ternise, Andy, Almir, Dada Inocalla, Serena Shaw, Regina, Inês, Izabel dos Anjos, Tatiana, Mônica, Renê, Patrick.

Ao amigo e relator, Patrick Thiago dos Santos Bonfim, pelo apoio e pela dedicação nos relatórios das oficinas com os alunos desta pesquisa.

Às psicodramatistas e supervisoras, Corintha Maciel e Penha Nery, pelo auxílio na montagem de algumas oficinas.

Às revisoras desta dissertação: Francisca F. Trujillo e Valdinea P. da Silva, pelo profissionalismo e pela dedicação.

Aos professores e aos dirigentes da Escola, que possibilitaram esta pesquisa.

Aos alunos da Classe de Aceleração e seus familiares.

Aos meus alunos que, no “contra-papel”, se tornaram meus mestres, incentivando-me a buscar e a crescer mais e aos colegas de trabalho pelo incentivo nesta empreitada.

À Universidade Católica de Goiás (UCG), Mestrado em Ciências da Religião; aos colegas do mestrado, à secretária Geyza, ao Coordenador Valmor, aos professores e às professoras.

Em especial, ao Professor Sérgio Araújo, pela ajuda incondicional; à Professora Laura Chaer, pela incansável “paz-ciência”; ao Professor Rodolfo Petrelli, pela orientação e pelo seu lado humano tão humano; ao Professor Jorge Ponciano pela leitura atenciosa e pelas sugestões e, sobretudo, por me ajudarem a ir ao encontro do meu Ser.

RESUMO

LEAL, Alane de Lucena. *Religião e Educação: Pressupostos básicos para a construção da cidadania*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2003.

O presente trabalho visa a estabelecer relações entre a educação e a religião como base para um novo modelo da prática religiosa ao encontro da sua essência e da formação da cidadania do indivíduo.

Buscou-se, com isso, a etimologia da palavra *Religare*, religar o indivíduo com tudo que o cerca, tendo em vista a ação, a prática religiosa no seu aspecto mais significativo: permitir ao homem perceber-se e perceber seu espaço no Universo.

Para tanto, desenvolveram-se oficinas com alunos de uma Classe de Aceleração (CA), de uma escola da Rede Pública de Ensino Fundamental. Nesses encontros, foram trabalhados elementos pertinentes ao tema Cidadania, entendido como o próprio direito à vida no sentido pleno, quais sejam: *Solidariedade, Diálogo e Ecologia*.

ABSTRACT

LEAL, Alane de Lucena. *Religion and Education*: as a foundation for a new model of religious practice on the process of meeting its essence and one's own citizenship.

This paper aims to establish a relationship between education and religion as a foundation for a new model of religious practice on the process of meeting its essence and one's own citizenship.

Thus, the study intend to find the ethimology of the noun *religare*, re-link oneself with the world around in order to approach the action, the religious practice taking into account its most meaningful aspect: to allow man make sense of himself and make sense of his space within the Universe.

The paper developed workshops with students from an Acceleration Class (CA) in a Public System Elementary School. Those meetings approached to Citizenship, which was understood through broader meanings of the right to live, which are: *Solidarity, Dialogue and Ecology*.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I: DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

1.1. O Programa de Aceleração da Aprendizagem – Classe de Aceleração (CA) 7

1.2. Campo de pesquisa: a escola na qual foi desenvolvida a pesquisa 11

1.3. Atores da pesquisa 13

CAPÍTULO II: EDUCAÇÃO E RELIGIÃO NA SOCIEDADE

2.1. O papel da Religião na sociedade 19

2.2. Aspectos sobre educação na sociedade 24

2.3. A formação religiosa dos alunos da Classe de Aceleração (CA) 28

2.4. Projeto de formação da cidadania – Essência religiosa 31

CAPÍTULO III: REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. A escolha dos teóricos..... 35

3.2. A compreensão da Sociologia da Religião à luz do pensamento de Durkheim 36

3.2.1. Solidariedade social 44

3.2.2. O estado de anomia 49

3.3. A compreensão da Sociologia da Religião à luz do pensamento de Berger 55

3.3.1. A identidade e a dialética entre o indivíduo e a sociedade 59

3.3.2. Influência da Religião na formação da identidade segundo a visão de Berger ..	67
3.4. Relação intersubjetiva, uma leitura fenomenológica	69
3.4.1. Buber e o encontro do diálogo	72

CAPÍTULO IV: METODOLOGIA E ESCOPOS EDUCACIONAIS

4.1. Método de investigação e instrumentos utilizados na pesquisa	80
4.2. Técnica de coleta de dados – Oficinas	81
4.2.1. A arte do Tai Chi Chuan	83
4.2.2. Psicodrama: a teoria de Moreno e a religiosidade na esfera social	84

CAPÍTULO V: DO PROCEDIMENTO DA PESQUISA

5.1. A percepção de uma realidade em mudança	88
5.2. Forma descritiva da coleta de dados	99
5.3. Técnica de registros de dados – Tabelas	101
5.3.1. Tabulação de dados das entrevistas com os familiares	102
5.3.2. Tabulação de dados das entrevistas com os professores	103
5.4. A classificação das categorias	105

CAPÍTULO VI: DISCUSSÃO

6.1. Apresentação dos resultados	109
6.1.1. Análise dos resultados dos dados	109
6.2. Discussão dos resultados	115
6.2.1. Momentos de reflexão: discussão dos resultados	120

CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
ANEXOS	133

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa organiza-se em dois eixos: Religião e Educação, como pressupostos básicos para construção da cidadania, do indivíduo inserido no contexto social e participante do processo de aprendizagem, ou seja, do universo do sujeito – onde interagem as dimensões de sua autoformação nos planos religioso (despertar e formar-se) e educativo (instruir e informar-se). Situa-se, pois, na intersecção desses dois eixos.

Nesse contexto, encontra-se o propósito da formação da cidadania dos alunos da Classe da Aceleração (CA), porquanto entende-se por cidadania o direito à vida num sentido pleno. Trata-se de um direito que precisa ser construído coletivamente, não só em termos do atendimento às necessidades básicas, mas de acesso a todos os níveis de existência, incluindo o mais abrangente, o papel do(s) homem (s) no Universo, que se realiza pela educação, pela vida em sociedade mediada pela religião, que é, sobretudo, um auxílio transformador.

No tocante ao papel da religião, analisou-se o aspecto espiritual que permite ao homem se perceber e perceber seu espaço no Universo, e que promove forças para ajudar a mudar o mundo.

Essa pesquisa requer uma teoria da escuta sensível em Ciências Sociais e Ciências da Religião, pois revela, na sua prática, a importância em não se ignorar a sensibilidade da ação humana como fato social.

A escolha desse tema deu-se pelo interesse em ampliar conhecimentos para uma prática vivencial com possíveis trocas de experiências, buscando-se superar as

dificuldades advindas no processo do saber teórico e sua função, como aplicação pedagógica – aqui entendida como *paídos* (criança) e *agogia* (conduzir), porque o ensino e a formação religiosa, na verdade, são viagens que acontecem por meio do encontro. Pode ser uma viagem imaginária ou intelectual, mas é evidente que a religião e a educação iniciam seus processos com uma espécie de partida, implica abandonar hábitos, mudar de língua, entender questões ligadas à religiosidade de cada indivíduo e dos grupos que compõem a sociedade. Acredita-se, pois, que viajar não é apenas sair de casa, é, sobretudo, encontrar o outro, porque é com ele que se aprende.

Se, por muito tempo, o papel da Ciência foi descrever, explicar e prever os fenômenos, impondo ao pesquisador ser um observador neutro e objetivo, essa pesquisa participativa e qualitativa adota um caminho oposto pela sua finalidade: servir de instrumento de mudança social. Está, dessa forma, mais interessada no conhecimento prático que no conhecimento teórico. Não se pode dissociar a produção de conhecimento dos esforços feitos para levar a mudanças, pois a religião é cidadania, é convivência solidária.

Dessa forma, é criada uma situação de dinâmica social diferente daquela da pesquisa tradicional, pois a pesquisadora também atua no cenário onde se desenvolve a pesquisa. O processo dessa pesquisa desenrola-se num tempo relativamente curto e os membros do grupo envolvidos, no caso os alunos da turma de CA, os familiares e os professores, tornam-se íntimos colaboradores, pois a pesquisadora é uma participante engajada, aprende durante a pesquisa e milita em vez de procurar uma atitude de indiferença, considerando as dimensões do vir-a-ser do ser humano.

Assim, a pesquisa, *Religião e Educação: Pressupostos básicos para a construção da cidadania*, analisa os padrões e mudanças de comportamento desses alunos, de suas crenças, bem como o desenvolvimento de grupos sociais direcionados para um fruto de esforço coletivo pelo aprimoramento dos valores religiosos. Daí a importância que a cultura, a filosofia, a religião, o diálogo entre as tradições sapienciais sejam revistos, estimulando a tomada de consciência de fatos que concretizem uma existência participativa.

O meio ambiente, o cosmo ou o universo são, em si mesmos, um todo dinâmico e, ao mesmo tempo, integrados. Nessa categoria, também encontra-se o humano, ou seja, o indivíduo com suas crenças, seus sentimentos e seus relacionamentos com ele mesmo, com os outros, com a natureza, com o mundo. Há, sobretudo nesse movimento de mudanças e modificações, uma necessidade de adaptabilidade, pois desenvolvem-se habilidades em aprender com os próprios erros, de modo que se obtenha um desempenho que possa levá-lo às realizações pessoal e social.

Nesse espaço, a religião destaca-se como elemento que auxilia o encontro de um sentimento maior, de solidariedade, de respeito, de escuta, de ecologia, de diálogo, dentre outros. O próprio sentimento religioso desperta uma ação individual e congrega o ser e o estar com o outro.

Religião é uma experiência humana, é uma proposta de *re-ligar* os indivíduos por meio dos valores humanos. Portanto, ser religioso é acreditar no mundo e no Outro, é crê no homem – na sua potência. Religião é essencialmente *re-ligação*.

Na tradição Cristã, a verdadeira virtude consiste no desprezo de si mesmo e no amor a Deus – que deverá se manifestar nas diversas formas de amor ao próximo.

Como a religião propõe um eixo de ligação entre o profano e o sagrado, de crença e ritual, de movimentos virtuosos e de conduta ética e da solidariedade do indivíduo, propõe-se, nessa ótica, um toque emocional, a cada dia, que possa reiterar essa biodiversidade da busca pela preservação, conservando o equilíbrio humano e o do próprio planeta. O ser humano precisa assumir eticamente a direção de seu destino e de sua história, com a perspectiva de educação, prevalecendo a opção pela ética do respeito ao outro, do diálogo e da fraternidade. E ele é essencialmente um ser em relação e o relacionamento social e religioso é um fator básico do processo educativo. Uma das características da religiosidade atual é a liberdade, tanto para mudar e experimentar novas opções quanto para pôr a rigidez de lado e adaptar a crença ao seu estilo pessoal. A religião também é uma forma de educar e a ética cristã tem estreita relação com a mesma.

Não se trata, portanto, de uma pesquisa sobre a ação ou para a ação, mas de uma pesquisa em ação, pois foi e está sendo construída. Nesse processo, nasce o saber prático, porque o discurso deve ser praticado e deve favorecer à interdisciplinaridade.

Assim, esse tema tem em vista a realização pessoal de educadora e a integração participativa do aluno na sociedade.

Dentro do campo da Educação e Pedagogia, a autora dessa dissertação vem adquirindo experiências nessa área como consultora/voluntária, isto é, desde 1992, participa de encontros com alunos, pais e professores, a saber:

- De 1992 a 1994, na Universidade Holística Internacional (Unipaz), Campus Brasília-DF. Trabalho realizado com crianças da escola

comunitária com o projeto **Abraço**, que visava despertar o interesse das crianças e dos adolescentes em ir à escola, diminuindo a evasão escolar.

- Em 1998, participação da comissão organizadora do I Congresso Holístico de Jovens do Centro-Oeste – **Os Jovens, a Transformação** – Pirinópolis-GO.
- De 1999 a 2000, desenvolvimento de trabalho com alunos da Classe de Aceleração em uma escola da rede pública de ensino, na periferia de Brasília-DF, no projeto de pesquisa monográfica da formação em Psicodrama: *Psicodrama e Ecologia Humana: o ensino e o aprendizado por intermédio do encontro*.
- No período de 1999 a 2001, desenvolveu parceria com duas psicólogas, atividades em grupo, de cunho preventivo e terapêutico para adolescentes, pais e educadores.
- Desde 2000, vem realizando encontros semanais com alunos da escola, da rede pública de ensino, Brasília-DF; também com alunos da turma da CA, na qual desenvolveu a pesquisa de campo dessa dissertação.

O objeto dessa pesquisa-ação existencial ou fenomenológica reside em uma mudança de atitude do sujeito (indivíduo ou grupo), no caso, os alunos da CA, em relação à realidade de mudanças vertiginosas na pós-modernidade, ou seja, em uma realidade que se impõe.

Não se trata, entretanto, de esperar uma mudança milagrosa ou de permanecer numa atitude passiva. Em verdade, trata-se da ação mesma em prol das mudanças social e pessoal, geradas por elementos de condutas religiosas, tais como: *Diálogo, Solidariedade e Ecologia*, ou seja, a ética e o respeito pelo outro, entendidos como tudo o que nos cerca, uma lúcida apreciação do princípio de realidade permanece constante, sem se perder numa postura fria de todos os que repetem continuamente que não se deve sonhar.

Essa é uma pesquisa sobre a escuta dos necessitados. Explícita, ainda, uma compreensão da dimensão humana, o resgate da cidadania mediada pela formação religiosa.

CAPÍTULO I

DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

1.1. O Programa de Aceleração da Aprendizagem – Classe de Aceleração (CA)

A Classe de Aceleração (CA) é diferenciada das demais classes porque atende a uma demanda de jovens com defasagem de ensino e de aprendizagem, além de apresentar uma turma bem diversificada em relação à faixa etária: de 12 anos completos a 17 anos incompletos.

A proposta contida no Programa de Aceleração de Aprendizagem concebe o conhecimento como o saber, interligado pelos seus diferentes campos, e não como uma lista de conteúdos isolados. Para tanto, é desenvolvido o como se interpretar o mundo, fazer relações, interagir com o conhecimento e, inclusive, intervir nesse processo de construção.

O Programa de Aceleração da Aprendizagem propõe a reinvenção, na escola, do sonho, da descoberta, da pesquisa, da alegria, do prazer como condições essenciais à concretização da Pedagogia do Sucesso. Ao aluno, devem ser dadas condições para recuperar a vontade de aprender, por meio de situações que favoreçam aprendizagens significativas.

Segundo a Secretaria de Estado de Educação e a Gerência de Aceleração da Aprendizagem, o Programa de Aceleração da Aprendizagem (1999) possui três grandes objetivos:

Fortalecer e desenvolver o autoconceito e a auto-estima dos alunos, segundo os quais a Pedagogia do Sucesso acontece dia-a-dia. (...) O fortalecimento da auto-estima se dará pela conjugação de alguns elementos que permitirão ao aluno acumular sucessos de forma progressiva, dentre eles, um ambiente motivador e investigador.

Ensinar os conceitos básicos nas primeiras séries. A matriz de habilidades contém tópicos mais importantes e interessantes do Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal.

Desenvolver um conjunto de habilidades básicas importantes para o sucesso na vida e na escola. O Programa pretende que todos os alunos adquiram valores e desenvolvam atitudes e habilidades necessárias em qualquer situação de aprendizagem.

As diretrizes que orientam o Programa de Aceleração da Aprendizagem afirmam que tal proposta é uma nova concepção educacional que ambiciona alcançar novos tempos. Pressupõem idéias de uma nova escola reestruturada nos seus valores e princípios, indicando a possibilidade de aplicar, na prática, metodologias que reúnam professores e alunos que estão no processo de aprender, e, conseqüentemente, construtores de seus próprios caminhos de crescimento.

Ainda hoje se mantém a idéia de que fatores como a falta de pré-requisitos e o baixo nível socioeconômico constituem barreiras à aprendizagem. Para que os instrumentos necessários ao desenvolvimento sejam utilizados, seus interesses devem ser considerados e sua relação com o professor apoiado em situações de aprendizagem compartilhada, na qual as funções e os papéis de cada um não se modificam, mas interagem de forma a garantir o sucesso. Dessa forma:

O Programa de Aceleração da Aprendizagem é uma intervenção emergencial que se destina a solucionar distorções, visando tanto às crianças que foram reprovadas como às que iniciaram tardiamente sua escolarização. Não se aplica, portanto, a qualquer outra forma que pretenda diminuir o tempo de

passagem da criança pela escola, tão pouco [sic] funciona como promoção automática, mas busca contribuir para a regularização adequada e definitiva do fluxo escolar (Programa de Aceleração da Aprendizagem/5ª série/DOC/Regional de Ensino do Núcleo do Bandeirante, Secretaria de Educação do DF, 1999).

As realidades diversas, presentes em nossa sociedade, como o desemprego, a falta de oportunidades no âmbito profissional, nova estrutura familiar e novo conceito de indivíduo, indicam a necessidade de se considerar essas mudanças para agir de forma diferente da prática pedagógica de décadas passadas. Assim, a fundamentação legal acerca da Aceleração da Aprendizagem prescreve que:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 9394/96, no Artigo 24, Inciso V, alínea b, e a Resolução nº 02/98 do Conselho de Educação do Distrito Federal, no Artigo nº 127, Inciso III, prevêm a aceleração de estudos para alunos com atraso escolar. (...) Utilizando desse precedente legal, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal implantou o Programa de Aceleração de Aprendizagem de 1ª a 4ª série no ano letivo de 2000, ampliando-o aos alunos da 5ª série, em 2001, que estão defasados em idade e série, no mínimo, um ano (Programa de Aceleração da aprendizagem de Ensino do Núcleo do Bandeirante, Secretaria de Educação do DF, 1999).

Quando esses jovens adolescentes sentem que se dá atenção diferenciada a eles, pode-se ajudá-los a evoluir, possibilitando aos mesmos a sensação de que se está levando em consideração a sua pessoa – enquanto peculiaridades, intimidades e vida privada –, bem como suas dificuldades, pois “o auto-respeito é a certeza de ter valor como pessoa, direito de viver e ser feliz, é a sensação de que o prazer e a satisfação são direitos naturais” (Programa de Aceleração da Aprendizagem, 1999).

O trabalho nas Classes de Aceleração desenvolve-se com alunos que sofrem dupla violência: de um lado a família que lhe exige estudo cobrando o fracasso do ano anterior; de outro lado, uma escola que já o rotulou como incapaz e indisciplinado.

Diante dessa situação, a auto-estima desses adolescentes é diminuída, justamente no período em que o adolescente passa por transição e reafirmação de sua identidade. A construção de identidade é um processo ininterrupto, que se desenvolve ao longo da vida. Os fatores que determinam a auto-estima estão relacionados à aceitação e à qualidade do tratamento que as pessoas dispensam ao jovem adolescente, principalmente aquelas mais importantes em sua vida.

Embora a família constitua, em um primeiro momento, o meio de desenvolvimento mais imediato para o jovem adolescente, a escola, desde cedo, transforma-se em um importante contexto de socialização. Portanto, a escola, além de contribuir para a configuração geral do autoconceito, determina o desenvolvimento das características e capacidades que o aluno possui em relação ao rendimento escolar.

No caso de alunos de CA, o investimento na recuperação do autoconceito e da auto-imagem é essencial para estabelecer uma ruptura com os obstáculos no processo de aprendizagem.

Na busca da independência e da auto-afirmação, esses jovens adolescentes que freqüentam a CA, sentem conflitos constantes entre desejar afastar-se dos pais e compreender o quanto na realidade dependem deles. Muitas vezes, os sentimentos contraditórios destes jovens são semelhantes aos sentimentos também

contraditórios dos pais que se digladiam entre desejar que seus filhos sejam independentes e o desejo de mantê-los dependentes.

Esses jovens defrontam-se com exigências de pais e mestres. Ficam confusos quando lhes dizem “você não tem idade suficiente para isso ou aquilo”. Dizem-lhes para assumir responsabilidades, para mostrar algum julgamento e que tomem decisões. A seguir, são tratados como crianças e espera-se que obedeçam a pais e a mestres.

Segundo o Programa de Aceleração da Aprendizagem, a indisciplina e a agressividade desses jovens alunos são assuntos sempre discutidos e comentados na sala dos professores que atribuem a causa desse problema à irresponsabilidade, ao desinteresse e à rebeldia do aluno. Raramente, as atividades propostas pelos mestres são analisadas quanto à adequação da promoção, da motivação, do interesse e da atenção.

Para melhoria dessa relação entre professores e alunos, faz-se necessário que a escola promova oportunidade aos professores de rever seus valores sobre suas atitudes. Para isso, inclui-se, a tomada da consciência da formação religiosa, como prática que auxilie no respeito, na solidariedade, no diálogo e na construção de cidadania.

1.2. Campo de pesquisa: a escola na qual foi desenvolvida a pesquisa

A escola selecionada para essa pesquisa é uma escola da rede pública que recebe alunos do Jardim da Infância à 8^a série. Situa-se em um bairro simples que,

pelas características físicas, parece ser de classe média baixa. Atende a crianças da comunidade bem como as que residem no entorno e nas periferias mais afastadas, isto é, de outros bairros e/ou cidades satélites.

A escola é uma das primeiras construídas pela NOVACAP – Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Foi inaugurada em 20 de abril de 1959. Está localizada em uma cidade satélite de Brasília-DF, localizada a 18 km do centro de Brasília. O bairro, onde funciona a escola do campo da pesquisa, está ligado pelos mesmos laços de pioneirismo da construção da capital da República. E é um bairro tranquilo, com poucos comércios locais e muitas casas simples e confortáveis.

A praça, a igreja, a escola e o campo de futebol contíguo constituem os últimos remanescentes do acampamento pioneiro desse bairro e configuram um local de destaque no espaço urbano.

No final do ano de 1959, a escola já atendia a 162 alunos. Primeiramente, havia apenas o Primário. Mais tarde foi implantado o Ginásio. E sua construção foi feita em madeira, como era comum no início da Capital Federal. A atual escola é formada por dois blocos remanescentes da construção original e por outros blocos acrescentados quando da reforma e ampliação executadas em 1990.

A preservação do patrimônio histórico local sempre foi uma preocupação dos moradores da redondeza. Os dois barracões da escola, construídos em estilo rústico, são considerados pela comunidade como um dos últimos e principais testemunhos históricos e simbólicos desse acampamento pioneiro, como também o são a capela Nossa Senhora Aparecida, Igreja Católica, sua pracinha e o campo de futebol.

Em 1995, realizou-se o tombamento oficial da escola, atendendo a uma antiga aspiração dos seus moradores (Processo de Tombamento: 150.000.370/95).

A escola encontra-se, hoje, em ótimas condições. Foram feitas obras a fim de proporcionar melhor infra-estrutura à comunidade escolar, como a quadra de esportes, onde os alunos praticam as aulas de Educação Física. Entretanto, cercas e grades estão presentes e dividem toda a escola, inclusive grades nas janelas das salas de aulas.

Percebe-se que essa escola possui tradição e história. O fato de ter sido “tombada” como Patrimônio Histórico da Humanidade revela a importância e o cuidado que os moradores do entorno tiveram com a mesma. Tal fato é observado tendo em vista as demais escolas das cidades satélites, que diferem tanto no aspecto da aparência física como no cuidado e na preservação do prédio como um todo.

Frente à escola, há uma Igreja Católica, também de construção de madeira, numa praça que atende à comunidade, necessitando de reparos e manutenções. Tal elemento sugere que a vida religiosa é um fato marcante, presente no grupo de alunos que freqüentam essa escola.

1.3. Atores da pesquisa

A CA, especificamente a turma com o qual foi desenvolvida essa pesquisa, em fevereiro de 2003, tinha 24 alunos matriculados, sendo 13 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, de uma faixa etária entre 12 anos completos a 17 anos incompletos, e apresentando defasagem do conteúdo intracurricular.

Nessa escola, há uma turma de CA atendendo ao turno matutino, que recebe os alunos da 1ª a 4ª séries e duas turmas do turno vespertino, uma turma da 5ª série e outra da 6ª série.

Em meio a esse grupo variado, encontrou-se muitos alunos que não sabiam sequer a data de aniversário. Percebeu-se contentamento nos semblantes de outros alunos que tinham conhecimento dessa e do seu nome completo.

A procedência da maioria dos alunos da CA é, humilde, pois alguns são filhos de chacareiros, jovens de classe média baixa. Os pais possuem nível de escolaridade entre o 1º e o 2º graus do Ensino Fundamental, sendo, por isso, trabalhadores com contratos temporários, autônomos ou, em maior número, desempregados.

Há, também, pais que trabalham como diaristas, garçons, faxineiras, manicures. Nas entrevistas e encontros da pesquisadora com a família, os pais e/ou responsáveis não apresentaram perspectivas de mudanças nos níveis social, econômico ou educacional, no âmbito de expansão da aprendizagem. Muitos referem-se a dificuldades encontradas em estudar e em trabalhar e desistem muito facilmente; outros não chegam nem a tentar progredir nesse aspecto.

Quando, em uma das entrevistas, a pesquisadora indagou a uma mãe, casada com um chacareiro, com dois filhos alunos dessa escola, que havia concluído o 1º grau (até a 8ª série escolar), se ela não pretendia retornar a estudar, ela respondeu:

Ah, Eu não tenho cabeça para isso não. Quero que meus filhos estudem e seja [sic] alguém na vida (...) Tô cansada de um dia ter coisa pra comer e outro não. (...) Deus é tão bom que, quando a gente gasta o último real, vem alguém e dá algo pra gente comer (...) assim, a gente nunca passou fome. Graças a Deus, né?!

Outro entrevistado, um pai, garçom, que reside nos fundos da casa dos sogros, também com o 1º grau completo, “temporariamente” desempregado, segundo a sua percepção – mesmo tendo completado quatro meses que fora demitido do seu último trabalho com carteira assinada – apresentou sintomas de alcoolismo no dia do encontro e respondeu ao ser questionado a respeito de retornar aos estudos:

Ah, eu sei lá quando é que eu vou terminar o segundo grau! Tá difícil! Eu até me matriculei ali, na escola, perto de casa, mas quando começou eu tava trabalhando à noite e nesse ano ainda não consegui emprego. Então eu faço alguns bicos (...) preciso botar de comer em casa, né?

O intuito do registro dessas falas é ilustrar o nível social desses alunos, isto é, a história de vida daqueles que compõem a CA.

No aspecto religioso, os atores dessa pesquisa possuem e praticam uma religião, com predominância do Evangélico: Igrejas Universal, Batista e Assembléia de Deus. Os demais ou são católicos ou não possuem religião definida. Os sonhos que envolvem essa turma estão direcionados para aspectos materiais, bens de consumo, poucos se lembrando ou manifestando interesse por bens espirituais, como amor, união, amizade, respeito, solidariedade, etc.

No geral, deve-se fazer alusão à agressividade, praticada por quase toda a turma bem como a dificuldade de concentração.

Para desenvolver essa pesquisa com a turma da CA, iniciaram-se os encontros no primeiro semestre de 2003, em fevereiro, quando apresentou-se o projeto de pesquisa à direção da escola.

Antes de escolher a turma da CA, objeto desse trabalho, uma turma específica foi “bombardeada” por reclamações pelos dirigentes da escola. Havia um consenso entre os professores e alunos de que aquela era uma das piores classes de CA da escola. Diante do pré-projeto de pesquisa, no qual estava inserida a proposta da mesma, a coordenadora teceu o seguinte comentário:

Olha, se você quer realmente trabalhar com “problemas”, então essa classe é um prato cheio. Os professores não estão agüentando trabalhar com ela. Os alunos são indisciplinados, não param quietos. Brigas com agressões físicas ocorrem freqüentemente em sala de aula. (...) Faz tempo que a escola não tem uma turma tão difícil assim. (...) Na minha opinião, lendo a sua proposta de trabalho (...) trabalhar a auto-estima, disciplina, diálogo e solidariedade (...) acho que você ajudaria muito a gente e a esses alunos se ficasse com essa classe.

Assim, foi escolhida essa classe especificamente para atender a uma demanda da escola, para esse grupo quase experimental.

No decorrer da pesquisa, presenciou-se, mais de uma vez, as pessoas tratando esses alunos de acordo com a imagem negativa que tinham construído. Conforme essa fala de um professor:

Ah, alguns alunos estão bem no parâmetro da Classe de Aceleração, ou seja, bem bagunceiros, desmotivados e lentos. Mas esta turma! Em onze anos de Fundação Escolar, eu nunca peguei uma turma como esta! Eles têm muita preguiça.

Presenciou-se, *in loco*, o perigo de se ter certos paradigmas rígidos, que se faz encaixar o objeto de conhecimento dentro dos padrões já formulados. Contudo,

considerou-se que quando o ambiente ecológico muda, mudam as relações que se estabelecem nele, portanto, toda a turma da CA é passível de mudança.

Um dos maiores desafios da escola atualmente é, sem dúvida, conquistar a atenção e o interesse da criança e do jovem para o estudo. Principalmente o do jovem que nesse momento está em um processo de ânsia de pesquisa do mundo que o rodeia. Para o professor deve ser também natural compreender esse estado e procurar ajustar sua prática pedagógica à realidade.

Acredita-se que a formação religiosa, como prática percebida e vivenciada, para além da formação de instituições religiosas, auxilia no sentido de fornecer subsídios para crenças de valores humanos no contexto da vida desses alunos. Propõe-se, dessa forma, uma avaliação qualitativa de ordem espiritual e subjetiva, para que a formação religiosa aumente os níveis da auto-estima dos alunos da CA, produzindo e ampliando a consciência que ocorre quando as idéias se transformam em vivências pelas artes e/ou pelas experiências dramáticas. É na escola que as tradições e crenças religiosas encontram espaço para serem esboçadas externamente.

Neste íterim, notou-se que os comportamentos eram muito agressivos entre os alunos, do tipo (registro da fala de alguns alunos):

A1: Seu moleque, volte aqui e pisa no meu pé se for homem!

A2: Seu idiota.

A3: Fessôra, ele [referindo-se a outro aluno] tá xingando minha mãe!

A2: Vô quebrar sua cara!

Relata-se a fala de outro aluno:

A4: Fessôra, [se dirigindo à pesquisadora], você também dá advertência?

Um aluno levantou a seguinte questão para a pesquisadora:

A3: Fessora, você é professora de que mesmo?(...) Você não tá aqui para acalmar a gente e fazer a gente prestar mais atenção? (...)."

Registra-se, por intermédio dessas falas, a presença da coerção, ou seja, da força e punição utilizadas na educação, bem como o estado de anomia presente nesse contexto de alunos da CA. Segundo a ótica durkheimiana, a anomia revela a desintegração das normas sociais cujos valores ficam enfraquecidos porque nem sempre as tarefas dos indivíduos correspondem aos seus anseios e aptidões. Observou-se que qualquer atitude era motivo para que os alunos chamassem a atenção da professora, utilizando até mesmo de provocação para alcançarem os seus objetivos. Identificou-se, sobretudo, a falência de valores morais e das normas sociais entre os alunos, as quais suscitam o surgimento de uma desordem social e coletiva.

Observou-se, ainda, que há muitos problemas na escola. Foram identificados, inclusive, alguns símbolos entre essa comunidade escolar, quais sejam: de poder e de manipulação, principalmente de coerção, como já mencionado. Percebeu-se que os alunos estão habituados a ameaças do tipo: "Tenho de ficar quieto, porque senão irei para a coordenação e serei punido".

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO E RELIGIÃO NA SOCIEDADE

2.1. O papel da Religião na sociedade

Podereis encontrar uma cidade sem muralhas, sem edifícios, sem ginásios, sem leis, sem uso de moedas como dinheiro, sem cultura das letras. Mas um povo sem Deus, sem oração, sem juramentos, sem ritos religiosos, sem sacrifícios, tal nunca se viu.

Plutarco

Por Religião, entende-se uma prática que abarca o sujeito nas mais variadas situações, isto é, que se manifesta por meio de crença, fé, conjunto de dogmas, devoção, reverências a coisas sagradas, etc. Todos esses elementos estão presentes na vida do indivíduo, são-lhe inerente. Portanto, a Religião é:

- a) doadora de sentidos;
- b) descoberta (de si e dos outros);
- c) a consciência do limite;
- d) o inefável;
- e) uma necessidade ontológica que se opõe a uma ansiedade existencial.

Assim, o fenômeno religioso é um elemento que compõe a identidade do sujeito. Com a questão da religiosidade está a confirmação de se fazer parte do mundo,

habitar o mundo que, encantado e mágico, repleto de enigmas por vezes, foge à realidade ou à interpretação.

Berger remete ao seguinte posicionamento:

(...) o sagrado, a realidade que o homem crê encontrar na experiência religiosa, é “totalmente diferente” dos fenômenos humanos ordinários (...) o sagrado impressiona o homem como um poder esmagador, terrível e estranhamente fascinante (Berger, 1997, p. 21).

A manifestação da crença é que está sujeita às interpretações de diferentes possibilidades porque demanda da subjetividade, da identidade, da cultura e da interpretação dos símbolos. Desse modo, a todo instante somos convidados a estar numa estreita relação com o elemento divino. A Religião propõe, sobretudo, o caminho entre o sagrado e o profano.

Ao pensar em religiões, o homem defronta-se, de certo modo espantado, com a imensa variedade de ritos e mitos que nelas são encontrados, o que leva a refletir sobre o traço comum a todas: a crença, o sentimento de pertença, que, por sua vez, promovem o equilíbrio, a harmonia e o respeito por si próprio, num mundo que o conduz ao encontro entre o profano e o sagrado.

Nesse círculo, contido do sagrado e do profano, tudo se transforma. No âmbito secular, o indivíduo era dono das coisas, o centro do mundo. Agora, ao contrário, são as coisas que o possuem, isto é, ele não é o centro de coisa alguma e se descobre totalmente dependente de algo que lhe é superior. Sente-se ligado às coisas sagradas por laços de profunda reverência e respeito, logo, o homem é a criatura em busca de vida e de força.

Dessa forma, a religião debruça-se na forma elementar da busca da verdade, enquanto percebida, sentida, pelo sujeito de acordo com sua subjetividade e cultura. Há, sobretudo, o respeito ou a tentativa desse pela diversidade religiosa dos indivíduos.

Assim, a fé engloba a dimensão cognitiva e afetiva, uma vez que se dá no plano da razão e da emoção. A relação com o transcendente também implica a relação com o outro e consigo mesmo. É do contato do ser humano com o sagrado que se originam as diversas religiões.

Desse modo, Religião é prática e é história. Produz cultura e é por ela influenciada. Berger (1997, p.24) acrescenta que: “a crença e a prática religiosa dentro das tradições das principais igrejas cristãs têm estado em declínio na sociedade moderna” implica entender que o indivíduo busca outros significados. A Religião é, inclusive, percebida como uma conduta de sistemas, de relações sociais e intersociais.

O significado da palavra *religião*: “re-ligar” as partes ao todo, remete à reflexão que a religião além de “re-ligar” o indivíduo à totalidade, propõe também uma forma de re-ligação dos seres humanos entre si e com a natureza.

As crenças religiosas têm um forte impacto na vida social, na medida em que sugerem a utopia de uma ordem ideal para o mundo e assim estabelecem os critérios éticos do bem e do mal.

Não se trata de questionar se a religião é verdadeira ou se é alienante. Nesse trabalho, a religião está sendo analisada como fenômeno social, presente nas sociedades desempenhando relevante papel na conduta moral dos grupos humanos, porque, sugere, sobretudo, solidariedade entre os grupos.

Faz-se presente a Religião nas etapas importantes da vida do indivíduo. Basta citar, entre outros, o reconhecimento da paternidade e a escolha do nome ligado a fenômenos naturais (entre os primitivos), o batismo (entre os cristãos), a circuncisão (entre judeus e islamicos), o casamento, o culto aos mortos. A compensação a que certas religiões conduzem seus fiéis projeta-os como superiores ao resto da sociedade.

A Religião é, na verdade, como outros, um meio de comunicação no interior de um particular sub-sistema social e global. O outro caso é: o poder, o dinheiro, o amor e a verdade. Sendo assim, a Religião somente é compreensível dentro de uma teoria geral da comunicação. Seu objeto é um recurso especial: a formação, o despertar, entendendo por esta uma soma de possíveis conhecimentos que permitem realizar escolhas, de reduzir a incerteza, de agir ou reagir de modo adequado, de comportar-se conseqüentemente e obter resposta a um comportamento alheio previsível, e assim por diante.

Se a Religião contribui para interiorizar o valor da autonomia e da responsabilidade da pessoa, e o valor do respeito recíproco entre crenças e ideologias diferentes, tudo isso garante ao funcionamento do sistema uma base de consenso moral universal.

A Religião é a fonte da consciência coletiva da unidade do sistema acima das diferenciações que envolvem. Nesse sentido, ela cumpre uma função integrativa do sistema social. A coragem que o divino inspira ao homem na sua realização como pessoa, como participante do futuro do mundo e da sociedade.

Nesse turno, os jovens têm condições de contribuir, com o entusiasmo e ardor que lhes é peculiar, para um grande projeto de ética mundial em vista da sobrevivência humana. Como lidar com o fenômeno religioso nas formas plurais da religiosidade; respeitar a liberdade e incentivar ações concretas de promoção da justiça; despertar para a alegria, a esperança, a festa e afastar a angústia; promover a tolerância, a igualdade na pluralidade, a construção da paz. Assim manifesta-se o sagrado, a revelação e a consolidação do humano.

Acredita-se, pois, que uma das mais importantes fontes de sentidos construídos pelos humanos é a Religião, segundo os teóricos analisados. As religiões emergem do exercício da capacidade de atribuir sentido que engendram as outras esferas da cultura, isto é, resultam do processo de produzir a totalidade da existência que a caracteriza.

Para Geertz (1978),

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo, o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo, e disposições morais e estéticas, sua visão do mundo, o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve (p. 78).

A Religião atende às necessidades integrativas pelo papel que desempenha por meio de suas normas de comportamento, do ideal de fraternidade humana e, mesmo, do papel alienador que muitas vezes exerce. Nesse último caso, exerce papel integrativo, se for considerado o fenômeno do ponto de vista da estrutura

vigente, que deseja a aceitação das imposições de uma política autocrática e/ou as imposições de uma classe dominante.

A Religião apresenta os conceitos do bem e do mal, relacionados com a divindade, estabelecem um código moral e oferecem respostas para questões relativas à vida, à morte e ao além-túmulo.

2.2. Aspectos sobre educação na sociedade

O Rabi de Kalev pediu certa vez ao Rabi lehudá Tzvi que lhe dissesse as palavras de ensinamento que ouvira de seu mestre, o Rabi Uri. “O ensinamento do mestre”, replicou o Rabi lehudá Tzvi, “são como o maná celeste, que penetra no corpo e dele não sai.” Como, porém o Rabi de Kalev insistisse, ele abriu o gabardo sobre o peito e exclamou: “Pois olhai dentro do meu coração: Aprendereis então o que é o meu mestre.”

Buber

A palavra “educação” deriva do latim *e(x) + ducere*, donde os verbos *educere* e *ducare* significam, etimologicamente, “conduzir para fora”. Deriva, então para desabrochar as potencialidades humanas, ou seja, os valores que potencialmente já preexistem nos indivíduos e que determinam suas atitudes.

O processo educativo não pode estar dissociado da configuração histórico-cultural do grupo. A educação é um processo contínuo. Requer um aprendizado baseado em trocas de experiências, respeito, interação, despertar a sensação de pertencer a um grupo em que exista cooperação e boa dose de compreensão para com as características próprias, pessoais do estudante.

Durkheim define que a educação é “a ação exercida pelas gerações adultas (...); tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade” (Apud Pereira e Foracchi, 1967, p. 42).

Em Durkheim, viu-se que a anomia sugere um foco de desintegração das normas sociais as quais geram uma patologia cujo ato educativo tem forte influência no processo de se restabelecer a ordem moral bem como uma postura ética.

Vendo-se na contingência de assumir a quase totalidade da função educativa, em virtude da retrocessão da família nos aspectos formativos, a escola não se encontra aparelhada para tanto.

Por outro lado, não obstante a tendência à fixação na função procriativa, a família exerce, obviamente, ação informal educativa – mesmo nos contatos episódicos de final de dia ou semana –, sobretudo nos primeiros anos de vida da criança.

Essa educação que a família proporciona antes de a criança ingressar numa instituição educativa deve ajudá-la na satisfação de suas necessidades e no alívio de tensões internas. O processo de socialização e personalização no lar é o meio pelo qual a criança passa, gradualmente, a considerar-se um indivíduo entre muitos e, ao mesmo tempo, como tendo relações com outros indivíduos.

A família marca indelevelmente a criança, porque: “a família, cuja virtude profilática é indubitável, (...)” (Durkheim, 2000, p. 492). Assim, todo trabalho educativo ou será complementar ou será contrário. *Complementar*, se os valores contarem com a mesma ponderação e forem os mesmos do marco familiar inicial. *Contrário*, se houver divergência na ponderação dos valores. Nesse caso, deve-se contar com processo de

reeducação. Enfrenta-se, então, o complexo problema a um tempo pedagógico – voltado para a criança e sociocultural – voltado para a família. Como a escola não está aparelhada para assumir todas as funções educativas da família, a sociedade não se encontra institucionalmente preparada para eficaz ação integrada da família.

O indivíduo encontra-se diante do complexo problema da educação dos dias atuais, que, mais que em outros tempos, é um problema de toda a sociedade.

Pode-se delinear esse problema nos seguintes termos:

- A família, transformada em núcleo de consumo, desagrega-se como grupo primário.
- A escola, vendo ampliado o campo de ação educativa, tenta complementar a ação inicial da família, mantendo-se, porém, como grupo secundário.
- Há necessidade de a família e a escola comporem, realmente, um grupo coeso de ação integrada, voltado, de maneira concreta e eficaz, para a formação social e preparação profissional das novas gerações.

Como fazer para que a troca de conhecimentos aconteça com prazer, despertando o manancial de potencialidades diversificadas, tornando esse saber fidedigno para um suposto conhecimento, que permite ao seu usuário uma construção de ferramentas que possibilite não apenas mais domínio de conteúdo teórico, mas que o leve a reestruturar sua vida bem como com os demais que o cercam, que convivem com seu espaço, com seu núcleo vivencial?

É muito freqüente a confusão entre os termos Educação e Pedagogia. Educação é a ação exercida por pais e mestres. É contínua, não existindo apenas nos

momentos em que os pais e os mestres comunicam conscientemente, por via do ensino propriamente dito, os resultados de suas experiências; existe, realmente, uma educação não intencional ininterrupta que promove a formação do indivíduo.

O papel da Pedagogia não é o de substituir a prática educativa, mas sim de guiá-la, esclarecê-la, auxiliá-la, remediando as lacunas existentes, corrigindo as insuficiências observadas.

Durkheim (1999) diz que cada sociedade, considerada em um momento determinado de seu desenvolvimento, possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos, de modo geralmente irresistível, sendo, difícil ministrar uma educação fora dos padrões vigentes.

Assim, tem-se que sociedade e indivíduo não são idéias opostas, mas interdependentes. Procurando melhorar a sociedade, o indivíduo melhora a si próprio; a sociedade, por meio da educação, procura humanizar e dignificar o indivíduo.

Acredita-se, pois, que todas as crenças e religiões trazem no cerne de seus ensinamentos os valores humanos. É de suma importância eliminar a intolerância quer racial, quer religiosa, e procurar integrar as diferenças culturais, religiosas e raciais, e os valores humanos são indispensáveis para que isso aconteça. Demonstrar a unidade na diversidade, o Deus único se manifestando de múltiplas maneiras. É impossível falar-se sobre religião sem se propor a re-ligação por meio dos valores humanos, pois, estes estão livres das limitações de crenças ou dogmas. Para tanto, a solidariedade e o diálogo são fundamentais porque dignifica o indivíduo e solidifica as relações.

2.3. A formação religiosa dos alunos da Classe de Aceleração (CA)

A partir dos envolvimento mais próximos com esses alunos percebeu-se que os mesmos trazem crenças oriundas da relação religiosa, familiar e escolar. Em alguns momentos, os alunos, em um espaço de trabalho ao ar livre, quando se desenvolveu uma das oficinas, oraram como manifestação de crença e fenômeno religioso presente em suas vidas.

A religião é a busca de sentidos à necessidade que o ser humano tem de atribuir sentido à sua vida. Os ritos de passagem conferem um sentido humano.

Nessa ótica, levantaram-se as seguintes questões:

Enfim, os indivíduos buscam, mas buscam o quê? E para quê?

Para tanto, diante das premissas dos teóricos analisados, considerou-se que a sociedade necessita de re-pensar; re-significar, viver, re-viver e vivenciar, pois, deve-se buscar uma espiritualidade em que a prática cristã não seja apenas uma técnica, mas uma questão da verdade, que se recuse a dissociar prática do pensamento e pensamento da prática. Ou seja, viver os ensinamentos.

O amor, a humildade e a solidariedade, com esses valores a alma não pode morrer, sob qualquer regime. E as demais virtudes desenvolvem-se a partir dessa base. Entretanto, esses adolescentes apresentam-se carentes de afeto, limites e valores morais. Desse modo, segundo o pensamento da religião Taoísta¹, quando há o desequilíbrio entre Yin e Yang, surgem problemas. O problema é que a ausência de

¹ A religião Taoísta, ontologicamente falando, encerra, em si uma concepção de harmonia e equilíbrio. Encontra-se nos pilares filosóficos da relação do homem consigo mesmo, com a natureza e com o universo. Para os taoístas, a felicidade humana consiste em seguirmos a ordem natural, agindo espontaneamente e confiando em nosso próprio conhecimento intuitivo, porque a essência do Tao é a natureza cíclica de seu movimento e de sua incessante

valores humanos, como respeito, diálogo e sentimento de solidariedade refletem-se na própria desvalorização da vida. Durkheim salienta a concepção sobre anomia, ou ausência de normas, de cunho moral, na sociedade. Nesse aspecto, esses alunos não reconhecem a ordem natural das coisas, manifestada principalmente pela indisciplina.

Nesse recorte, pode-se remeter a Boff (2002), o qual cita uma passagem da vivência taoísta (In: Merton, Zen e as aves de rapinas, p. 74)

(...) Deus, sem se confundir com as coisas, está presente nelas, porque as coisas são – para quem vê em profundidade – trans-parentes.(...) “Quem é o Tao?” Perguntou certa feita um discípulo ao mestre Zen. E este respondeu: “É a mente diária de cada um”. “Que é a mente diária de cada um?”. Tornou o discípulo. Ao que o mestre concluiu: “Quando fatigados, dormimos; quando temos fome, comemos.” Para quem percebe que Deus está em todas as coisas, tudo é manifestação do dom que é Deus, da gratuidade que é seu amor. Essa simplicidade reconduz todas as coisas, boas e más, para a sua unidade em Deus (p. 16,17).

A religião engloba a dimensão cognitiva e afetiva, uma vez que se dá no plano da razão e da emoção. A relação com o transcendente também implica a relação com outros e consigo mesmo. É do contato do ser humano com o sagrado que se originam as diversas religiões. A opção por determinada religião não depende apenas de cada indivíduo, mas é condicionada, por sua visão de mundo, por sua cultura, pela sua relação e convívio social.

A disciplina de Ensino Religioso não é dada na Classe de Aceleração. A hipótese adotada é que não há horário disponível, uma vez que a Classe de Aceleração

mudança. Dessa forma, surgiu a idéia dos opostos, isto é, de padrões cíclicos, tendo a terminologia *Yin* e *Yang*, os quais possuem uma contínua interação entre eles (Leal, 2002).

requer uma demanda maior do conteúdo curricular, isto é, acelerar os estudos dos alunos com atraso escolar. Segundo informação da Direção, a disciplina Ensino Religioso é sugerida pelo MEC, porém não há obrigatoriedade por parte dos alunos em assistir, o que não é divulgado para eles. Tal informação foi constatada pela lei do Ensino Religioso, nº 9475, de 22 de julho de 1997, que legisla sobre esse assunto, a qual cita-se a redação do Art. 33 da Lei² nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:

Art 33 O ensino religioso, de **matrícula facultativa**, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo (grifo da autora).

Acredita-se que o elemento religioso se manifesta de diversas formas na vida do indivíduo, seja por rituais em instituições, cuja prática é refletida, seja no cotidiano, nas praças, locais públicos, casas, escolas, ou seja, nas mais variadas situações. A Religião é um fenômeno social, marcadamente simbólico, é a representação da realidade, repleta de significados e por relações mediadas entre um ator e uma situação.

Pode-se remeter a Berger (1985): “(...) o fator religioso não opera isolado dos outros fatores, ele se mantém numa contínua relação dialética com a infra-estrutura ‘prática’ da vida social” (p. 23).

Assim, como a religião encontra-se em um processo dialético, dessa forma também ocorre a construção de cidadania, cujo processo dialético encontra-se

² Essa lei está publicada no Diário Oficial nº 139, Seção 1.

em incessante percurso em nossa sociedade, porque cidadania é o direito à vida no sentido pleno, isto é, direito que precisa ser construído coletivamente. Sobretudo porque a cidadania é uma construção que está sempre em processo porque só as leis não constroem a cidadania.

Portanto, Religião e Educação: Pressupostos básicos para construção da *Cidadania* pressupõe um traço espiritual que permite ao homem se perceber e perceber seu espaço no Universo, e que promove forças para ajudar a mudar o mundo porque a construção da cidadania também depende de outras dimensões como o desejo e a motivação de agir dessa ou daquela forma, como expressão do próprio fluxo da vida. É preciso, sobretudo, resgatar o desejo de *semeiar*, de sonhar, de viver com o próximo e aprender a “con-viver”.

2.4. Projeto de formação da cidadania – Essência religiosa

Este é o meu mandamento: Amai-vos uns aos outros como eu vos amo.

João 15,9

Tomando por empréstimo os critérios da formação do Homem no apogeu da Grécia antiga, os quais eram orientados, sobretudo, para a formação ética do indivíduo, entende-se que a pesquisa é permeada por essa crença (ética), que pode ser atualizada e pode permitir aos indivíduos envolvidos na mesma, professores, familiares e alunos, a descoberta de seus próprios potenciais e o

reconhecimento mútuo, possibilitando a realização de uma tarefa que engendre uma “co-criação”.

Compreende-se que para tal é necessário despertar o prazer que advém de “re-significar”, de reestruturar o que antes estava organizado de um determinado modo. É nesse contexto que se entende o para quê desse trabalho: abrir novos horizontes, novas perspectivas, novas interpretações (...).

Depois de toda essa tentativa de refletir a respeito da educação e da religião, isto é, da *Religião e Educação: Pressupostos básicos para construção da Cidadania*, algumas questões merecem ficar como reflexão.

Em primeiro lugar, o processo educacional transcende os muros de uma instituição de ensino. A escola não é a única responsável pela educação, mormente nos aspectos da formação da cidadania. Nesse processo, dá-se a questão da religião como prática adquirida no cotidiano e não apenas em instituições religiosas.

Em segundo lugar, educação é um conceito, mais amplo que ensino e mais abrangente, e significa um processo continuado de aprendizagem – um aprender a aprender que não termina com os ciclos de ensinamentos previstos na Constituição Federal ou na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e Programa de Aceleração da Aprendizagem – a Classe de Aceleração (CA).

E a Religião começa com obras. A Religião é cidadania porque a essência da formação religiosa é a solidariedade. Sobretudo porque a Religião envolve uma posição ética da vida religiosa (*práxis*), entendida como conjunto de valores éticos.

Acredita-se nessa dimensão complexa dos processos educacionais, religiosos e o do tornar-se pessoa, que envolve, também, o emocional. Para tanto,

objetivou-se discutir a respeito da grandeza da natureza humana em uma perspectiva da religiosidade inserida no contexto da formação da cidadania: do aluno da CA, que serviram de pretexto para dizer quão importante é viver cada momento com intensidade e com paixão.

A vida digna é aquela em que o milagre se renova a cada dia na disposição de estar sempre pronto a viver.

O cerne do problema situa-se na questão da mudança, aceitar uma ação interdisciplinar, a evolução, o desenvolvimento, a maturação, a modificação do comportamento de aquisição de aprendizagem e da religião.

Mudar significa fazer o reprimido sair de seu ciclo de repetições, pois o ser humano compõe-se de um sistema em permanente transformação. Não há separação possível entre o individual e o social, a religião, a educação nesse processo. Há, porém, uma articulação possível nas situações concretas, cuja engrenagem ajuda na escuta sensível, isto é, na busca de união entre teoria e prática.

Esse trabalho está voltado à contribuição na formação do caráter, da história dos cidadãos. E a sala de aula é um espaço sagrado em que o aluno merece ser valorizado e incensado pelo afeto, pelo respeito e pelo saber, pois, sobretudo, é preciso investir no humano.

Nessa perspectiva, de forma reflexiva, questiona-se: O aluno é preparado para quê?

Um dos principais objetivos para a formação do aluno deve ser sua convivência com o grupo e o desenvolvimento da sua capacidade de trabalhar em um mundo multicultural, em que as diferenças sejam respeitadas.

Torna-se evidente, entretanto, que não há receitas prontas, contudo, existe o jogo, a arte da sedução, na qual aquele envolvido esteja emocional e afetivamente pronto para experiências advindas da troca que todo encontro propicia. Assim, surge uma integração entre as partes que levam ao desabrochar de um todo, naquilo que soma, que compartilha seus desejos e ensejos, que não visa a mudar por mudar e sim edificar uma construção que abre possibilidades para descobrir-se, desvelar-se, conhecer-se profundamente, porque só se aprende, realmente, aquilo que é agradável e que convém, o que tem aplicabilidade, portanto, o que mais frisa Buber, no campo da educação, é o que ele chama de "inclusão" ou "experienciação".

Vê-se e ouvê-se falar em tecnologias, descobertas, globalizações e progressos e estagna-se. O que impulsiona um entendimento, uma busca desenfreada do ter, da conquista sem prática real do movimento, que legitima o indivíduo como ser pensante?

Nesta proposta, pressupõe-se verdadeira realização profissional de todos os envolvidos no cuidar e no ensinar. A transformação de tudo aquilo que está falho, ou dissociado dos desejos, no que se relaciona à existência plena e solidária, à realidade mais justa e menos segregada, só pode ser conseguida com união a partir de um trabalho, que se acredita trazer bons frutos para toda a sociedade, porque atua diretamente no equilíbrio integral. Por isso, exerce-se relação com o indivíduo, construindo e desconstruindo, juntos, novas propostas para possíveis soluções.

Para tanto, acredita-se que a Religião contribui para a cidadania e a convivência solidária.

A formação da cultura, a manutenção e a continuação no interior das sociedades, sejam elas modernas ou tribais, demonstram que o que existe de comum

entre as sociedades é o fato de que todas elas são estruturas que advêm dos comportamentos totais, e por isso, relacionais.

CAPÍTULO III

REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. A escolha dos teóricos

É à sociedade que devemos interrogar, são suas necessidades que devemos conhecer, já que é a essas necessidades que devemos satisfazer.

Durkheim

Na escolha do eixo teórico, os autores selecionados para a compreensão do fenômeno descrito nos capítulos anteriores e posteriores sugerem uma sociologia da religião do acontecimento ou da cotidianidade.

Para tanto, os autores referendados são Émile Durkheim (solidariedade) e Peter Berger (ecologia) conquanto percebem a importância da história das religiões no desempenho do social, bem como a questão da anomia presente na construção da IDENTIDADE dos atores da pesquisa, e Martin Buber (diálogo), dentre outros ligados à Pedagogia e às correntes fenomenológicas como elemento que sugere mudança de conduta, hábitos e valores éticos, tais como solidariedade, diálogo e ecologia, inseridos no contexto religioso e educacional.

O pesquisador fenomenólogo é, portanto, implicado no cerne religioso existencialista do Eu/Tu buberiano (Martin Buber, 1969), que estimula toda sua

presença para o outro, para sua essência. Enfatiza uma reciprocidade de olhar para a essência do “rosto” de cada um no centro de uma vivência sensível de proximidade.

Na busca dos teóricos, investigou-se, ainda, elementos que auxiliassem nas mudanças de atitudes, de práticas, de situações, de condições, de produtos, de discursos (...) em função de um projeto-alvo, *Cidadania mediada pela formação religiosa*, tendo a religião em ação, na prática em um contexto educacional, que exprime sempre sistemas de valores, práticas vivencial, individual e coletiva, que se supõe melhor que as que presidem a ordem estabelecida.

Nas palavras do professor Petrelli (2001), tem-se que:

(...) fenomenólogo é um “modus vivendi” que transforma qualquer experiência de vida, experiência de mundo, em um conhecimento essencial, não separável da experiência, e que dá a esta uma abertura transcendente (...) A realidade está nas coisas, são elas que detêm um significado em si (p. 28-20).

A perspectiva adotada na presente escolha do referencial teórico entende o homem como um ser construído social e historicamente, por meio das relações sociais estabelecidas.

3.2. A compreensão da Sociologia da Religião à luz do pensamento de Durkheim

Para que a sociologia trate os fatos como coisas, é preciso que o sociólogo sinta a necessidade de aprender com eles.

Durkheim

Para alguns teóricos, Durkheim (1858-1917) foi o primeiro a sistematizar o estudo dessa nova ciência, a sociologia, inserindo um método de investigação nos parâmetros científicos e procurando isolar aquilo que seria o verdadeiro objeto de enfoque da sociologia. Para ele, a inferência deve sempre partir do local para o global, isto é, a ciência vai das coisas às idéias (indução), pois somente assim uma teoria científica encontra respaldo. Portanto, o papel da ciência é entender o mundo sensível, não inventar explicações fora dele.

O homem chega a um mundo social cujas leis já estão estabelecidas e as suas condutas previamente determinadas pelo conjunto das regras morais anteriores à sua chegada. As idéias a respeito das coisas do mundo não são, em sua maior parte, advindas das próprias deliberações; elas chegam do exterior e infiltram-se por imposições.

Èmile Durkheim foi judeu e filho de judeu. Dedicou-se aos estudos dos fenômenos religiosos desde 1899, lançando *As formas elementares da vida religiosa* em 1912. Nessa obra, ele critica a generalização de animismo, observando também que, entre os primitivos, não são todos os mortos objetos de culto. Portanto, para ele, a religião consiste em um sistema solidário de crenças e de práticas dirigidas às “entidades sagradas” como os objetos – sagrados, ritos e regras sociais. A religião então é: “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas e proibidas; crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os seus adeptos” (Durkheim, 2000, p. 47). A religião é essencialmente social.

Sobre a religião, qualquer que seja a hipótese, o ponto comum a todas elas é a existência de um domínio em que as explicações racionais mostram-se insuficientes ou para a qual inexistem explicações racionais. Esse domínio envolve questões sobre bem e mal, vida e morte e além-túmulo.

A proposta desse capítulo é analisar a religião como fenômeno social, presente nas sociedades, e que desempenha relevante papel na conduta moral dos grupos humanos.

A moral tem seus fundamentos na religião, uma vez que obtém sua força no caráter sagrado que a sociedade atribui a seus mandados. Considera que nem o sobrenatural nem o desconhecido são elementos essenciais da religião. A própria idéia de Deus ou de um ser espiritual não integra o conceito de religião, pois há aquelas que não atentam para essa idéia. O centro da religião é o sagrado.

Durkheim conseguiu implantar o pensamento de uma sociedade coletiva, que já existia antes do nascimento do indivíduo, ou seja, cada indivíduo é moldado pelo meio em que vive sem poder mudar o coletivo, sofrendo, assim, vários tipos de sanções caso não proceda como o coletivo determina. Portanto, ele acredita que quase todos os acontecimentos se passam no interior da sociedade. Cada indivíduo bebe, dorme, come, raciocina e a sociedade tem todas essas funções que são exercidas de modo regular.

A forma mais elementar proveniente das principais categorias sociais, segundo Durkheim, está no totemismo, sistema de crenças religiosas e sociais determinado pelo totem, que é o conjunto dos atos ou ritos em que se exprimem essas crenças. Para Durkheim, totem é o ser sagrado, geralmente um animal, algumas vezes,

um vegetal, que deu seu nome ao clã e que lhe serve de signo. Esse signo é gravado ou esculpido sobre objetos, desenhado no corpo. Seu caráter sagrado estende-se a tudo aquilo que representa.

O objeto de estudo da Sociologia da Religião está presente na investigação do fenômeno religioso e suas relações com a sociedade. A partir da manifestação religiosa analisada por Durkheim (2000) do totemismo dos Aruntas, tribo australiana, foram elaboradas as seguintes teses:

- A vida do grupo é a fonte geradora e a causa da religião.
- As idéias e práticas religiosas referem-se ao grupo social ou o simbolizam.
- A distinção entre o sagrado e o profano é universalmente encontrada e tem conseqüências importantes para toda a vida social.

Dentro das teorias de Durkheim (2000), ressalta-se a seguinte passagem:

Assim, o totem é antes de tudo um símbolo, a expressão matéria de alguma outra coisa. Mas de quê? (...) resulta que ele exprime dois tipos de coisas diferentes, (...) forma exterior e sensível daquilo que chamamos de princípio ou deus totêmico (...) um deus é antes de tudo um ser que um homem concebe (...) como superior a si mesmo e do qual acredita depender. (...) a todo instante somos obrigados a sujeitar-nos a regras de conduta e de pensamento que não fizemos nem quisemos, e que, inclusive, são às vezes contrárias a nossas inclinações e a nossos instintos mais fundamentais. (...) um deus não é apenas uma autoridade da qual dependemos; é também uma força sobre a qual se apóia nossa força.(...) tanto no presente como na história, vemos a sociedade incessantemente criar de todas as maneiras coisas sagradas (p. 209-218).

Assim, a religião é coletiva não somente por seu exercício e suas origens, mas ainda por seus conteúdos, estando na base de toda a civilização humana. Experiência religiosa não é informativa é formativa – prática e ação.

Em Durkheim (2001), as instituições sociais, como a educação, servem para conservar a sociedade, o que é positivo em si mesmo, pois, caso contrário, a sociedade não teria continuidade.

Durkheim deu fundamento a uma forma determinada de análise da sociedade: a análise funcionalista. Tal análise baseia-se na visão da sociedade como um organismo, à semelhança de um organismo vivo, um todo integrado, em que cada parte desempenha uma função necessária ao equilíbrio do todo. Dessa forma: “se todos os corações vibram em uníssono, não é por causa de uma concordância espontânea e preestabelecida; é porque uma mesma força os move no mesmo sentido. Cada um é arrastado pelos outros” (p. 37).

Para Durkheim, a teoria da funcionalidade residual da religião só pode ser aplicada quanto a sua função especulativa. A religião, para ele é ação de vida, e enquanto tal é insubstituível.

Para o propósito dessa pesquisa, é importante identificar, mesmo que de maneira resumida, a parte da obra de Durkheim referente à educação, ainda que sua concepção de educação se integre no conjunto de conceitos que formam seu modelo de análise da sociedade. Para Durkheim (2001):

Observe o modo que são [sic] educadas as crianças. Quando reparamos nos fatos tais como são, e como sempre foram, salta aos olhos que toda a educação consiste num esforço contínuo para impor à criança as maneiras de ver, de sentir e de agir às quais ela não teria chegado espontaneamente.

Desde os primeiros tempos da sua vida que a obrigamos a comer, a dormir, a beber nas horas certas. Obrigamo-la à limpeza, à cama, à obediência. (...) a educação tem justamente por objetivo fazer o ser social. (...) Esta pressão permanente exercida sobre a criança é a própria pressão do meio social que tende a moldá-la à sua imagem, e do qual os pais e os professores são meros representantes e intermediários (p. 35).

Destarte, para Durkheim, o indivíduo é vítima de uma ilusão que o faz acreditar ter sido ele quem elaborou aquilo que se lhe impôs do exterior. Para ele, um dos mecanismos coercitivos de primeira ordem é a educação, pois esta opera ainda no alvorecer da formação da consciência social humana.

O fundamental na formação do indivíduo é: “(...) o ensino deve ser essencialmente moralizador; libertar os espíritos das visões egoístas e dos interesses materiais; substituir a piedade religiosa por uma espécie de piedade social” (In: Quintaneiro, 2001, p. 29).

Por essa visão, a sociedade determina totalmente o que será o indivíduo. Considera a divisão social do trabalho um processo natural, pois nem todos somos feitos para refletir e será preciso que haja sempre homens de sensibilidade e homens de ação. A diferença de aptidão, de caracteres hereditários e a própria diversidade das profissões acabam naturalmente produzindo educações diferentes, porque: “Mesmo onde a sociedade esteja dividida em castas fechadas, há sempre uma religião comum a todas, e, por conseguinte, princípios de cultura religiosa fundamental, que serão os mesmos para toda gente (...)” (Durkheim, 2001, p. 52).

As regras sociais, os costumes estão presentes antes mesmo do nascimento das pessoas e são a elas impostos por mecanismo social, como a educação. Portanto, os fatos sociais são ao mesmo tempo dotados de existência

exterior às consciências individuais. Nesse aspecto, Durkheim apresenta a teoria da coerção social, que é a força sobre os indivíduos, levando-os a conformarem-se às regras da sociedade em que vivem independentemente de suas vontades e escolhas. Portanto, um fenômeno não pode ser coletivo se não for comum a todos da sociedade ou, pelo menos, a maior parte das pessoas.

A educação sempre envolveu maior número de procedimentos de preparação para os indivíduos se desincumbirem de atividades econômicas.

Em Atenas – escreve Durkheim –, procurava-se formar espíritos delicados, prudentes, sutis, embebidos da graça e harmonia, capazes de gozar o belo e os prazeres da pura especulação; em Roma, desejava-se especialmente que as crianças se tornassem homens de ação, apaixonados pela glória militar, indiferentes no que tocasse às letras e às artes. Na Idade Média, a educação era cristã, antes de tudo; na Renascença, toma caráter mais leigo, mais literário; nos dias de hoje a ciência tende a ocupar o lugar que a arte outrora preenchia. (Apud Pereira e Foracchi, 1967, p. 36-37).

Atualizando as considerações de Durkheim, nesse início de século, prepondera o viés tecnológico, sobretudo da informática. A escola que nasceu para prover a preparação profissional, aos poucos vai-se assenhoreando do processo socializador total. Com efeito, a família vem recuando no tocante às funções de integrar o indivíduo na sociedade pelas próprias condições da sociedade contemporânea.

Durkheim (2001) acrescenta que:

(...) a sociedade não é uma simples soma de indivíduos; o sistema formado pela associação destes representa uma realidade específica que tem as suas características próprias.(...) sem dúvida, nada se pode produzir de coletivo se não houver consciências particulares. (...) é necessário ainda que estas

consciências se associem, se combinem, e se combinem de certa maneira; é desta combinação que resulta a vida social (p. 115).

Dessa forma, somente existem indivíduos no sentido moderno quando se vive numa sociedade altamente diferenciada, ou seja, em que o trabalho está presente, e na qual a consciência coletiva ocupa um lado realizado em face da consciência individual.

A Sociologia dedica-se ao estudo da gênese e do funcionamento das instituições sociais. Assim, a explicação sociológica consiste, por um lado, na determinação das causas do aparecimento das instituições e, por outro lado, na determinação de seus efeitos socialmente úteis.

Nesse sentido, as instituições “funcionam” porque elas possuem funções sociais, ou seja, as atividades por elas governadas correspondem a determinadas necessidades da sociedade.

A função de um fato social deve ser procurada na relação existente entre ela e determinado fim social. Porém, como os fins ou necessidades da sociedade mudam ao longo da evolução, muitas vezes as instituições sobrevivem à sua função – já não produzem efeitos socialmente úteis, mas por inércia continuam a existir.

Isso significa que a funcionalidade de uma instituição não é dado absoluto, mas relativo ao tipo de sociedade à qual ela pertence e à fase de desenvolvimento em que esta se encontra.

Cada consciência individual, pois, sob a influência do meio da educação, observa as regras morais por meio de um ângulo particular:

(...) o objeto sagrado nos inspira, se não o temor, ao menos um respeito que nos afasta dele, que nos coloca a distância; o mesmo é motivo de amor e de desejo, ou seja, provoca em nós uma tendência a que nos aproximemos. (...) deve existir a moral no religioso e o religioso na moral (Durkheim, 1996, p. 448).

A questão é a seguinte: como levar o indivíduo a tomar consciência de sua conduta, do resgate da sua cidadania, da sua própria formação, como ser pensante e atuante no universo?

Durkheim (2000) sugere a seguinte reflexão com a citação a seguir:

Pode-se compreender o caráter sagrado que as coisas tiveram sempre, e ainda possuem o caráter que constitui uma verdadeira religiosidade sem a qual não seria possível a existência da ética. (...) quando afirmamos que certas coisas são sagradas, entendemos que elas têm um valor incomensurável com relação a outros valores humanos. É por isso que todo sagrado se aparta, adquirindo um valor que não admite medida comum com aquilo que é profano (p. 212-214).

Para Durkheim (2000), a moral aproxima-se da religião. Para ele, “a moral não seria mais a moral se não tivesse nada de religioso, (...) existe o sagrado na moral” (p.107). Para tanto, o resgate de atitudes e de valores humanos estão na questão moral o qual revela-se por meio do diálogo e da solidariedade entre os indivíduos, pois, conforme análise em Durkheim, tem-se que a religião é coletiva porque é um fenômeno social, e a mesma desempenha relevante papel na conduta moral dos grupos humanos, mormente no processo educacional.

3.2.1. Solidariedade social

Por Solidariedade entende-se uma relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar o(s) outro(s).

Durkheim elaborou a tese da solidariedade social – e procurou mostrar como ela se constitui responsável pela coesão entre os homens e de que maneira varia de organização social, dada a presença maior ou menor da divisão de uma consciência mais ou menos similar entre os membros de uma sociedade.

O autor compreende que a sociedade não é simplesmente o produto da ação e da consciência individual, pelo contrário, “as maneiras coletivas de agir e de pensar têm uma realidade exterior aos indivíduos que, em cada momento do tempo, a elas se conformam” (Durkheim, 2001, p. 10), e mais que isso, “são não só exteriores ao indivíduo, como dotadas de um poder imperativo e coercitivo em virtude do qual se lhe impõem” (p. 30).

Durkheim (2001) considera um fato social como normal quando ele desempenha alguma função importante de adaptação ou de evolução. Acredita-se, pois, que o indivíduo não pode viver entre as coisas sem formular idéias que regulem sua conduta de acordo com tais idéias.

Por outro lado, sustenta o autor, a perspectiva permanece sempre aberta sobre a multiplicidade do social, sobre o seu desenvolver-se imprevisível e sobre o amplo leque das motivações pessoais e sociais que presidem ao agir social, isto é, o peso dos sujeitos em campo e das manifestações das quais eles são protagonistas como atores sociais.

A solidariedade social, para Durkheim, é formada pelos laços que ligam os indivíduos uns aos outros, membros de uma sociedade uns aos outros formando a coesão social.

Em geral, os fatos sociais são conseqüências da divisão do trabalho social conforme o tipo de sociedade, surgindo assim a forma de integração social a que Durkheim denominou de solidariedade. Comparando as sociedades arcaicas e modernas, observa-se que a sociedade evolui de um tipo de solidariedade mecânica para um tipo de solidariedade orgânica. Na primeira, há prevalência do grupo sobre o indivíduo, ou seja, emergem fortes estados de consciência coletiva, predominando leis penais, voltadas para a punição. Na segunda, há a afirmação de personalidades. Trata-se, com efeito, de uma integração voluntária.

Nesse caso, o equilíbrio e a solidariedade própria da divisão social do trabalho constituem fortes laços que unem as sociedades orgânicas e seus membros, pois, entende-se que ao nascer, o indivíduo encontra um conjunto de regras de conduta que se impõem. Denomina-se consciência coletiva o conjunto de crenças comuns à medida dos membros de uma sociedade formando um sistema de comportar e interpretar a vida com vida própria. Quanto maior é a consciência coletiva, mais há coesão entre os participantes da sociedade estudada, referente a uma conformidade de todas as consciências.

A consciência coletiva é representada pelo “conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado que tem vida própria”. São as crenças, os costumes, as idéias de todos que vivem em um mesmo grupo e as compartilham uns com os outros.

A consciência individual é aquilo que é próprio do indivíduo, que o faz diferente dos demais. São crenças, hábitos, pensamentos, vontades que não são compartilhados pela coletividade, mas que são especificamente individuais.

A consciência coletiva possui uma realidade distinta, pois persiste no tempo e serve assim para unir gerações. Recebe “espaços” de distintos tamanhos na consciência total das pessoas de acordo com o tipo de sociedade em que elas vivem. Assim, quanto maior for a ocupação da consciência coletiva em relação à consciência total das pessoas em uma sociedade, mais a coesão, nessa mesma sociedade, se originará da conformidade e da semelhança existente entre seus membros. Nesse caso, segundo Durkheim, a ordem social fundamenta-se na solidariedade, ou seja, quanto maior a consciência coletiva, mais os indivíduos se parecem uns com os outros e, portanto, se ligam, se aproximam pelo que têm em comum, pelo fato de terem os mesmos pensamentos, os mesmos costumes, acreditarem nas mesmas coisas, etc. A coesão e a solidariedade resultam das semelhanças dos indivíduos.

Em suma, se a consciência individual é maior numa sociedade, os indivíduos são diferentes uns dos outros e a solidariedade contribui de maneira diferente. É importante, para a sobrevivência do todo, ao mesmo tempo em que depende dos demais membros, especialistas em outras funções. É essa rede de funções interdependentes que promove a solidariedade.

Para Durkheim, a sociedade precede o indivíduo, sendo que as representações sociais, como normas, regras e leis, foram geradas pela religião, que é um fenômeno social. Durkheim percebe que a religião se organiza na sociedade por dois elementos que se contrapõem: o Sagrado e o Profano.

A vida coletiva, para ele, como a vida mental do indivíduo, está construída por representações. Destarte, é presumível que as representações individuais e as representações sociais sejam, de certo modo, comparáveis.

Por representações sociais, segundo Minayo (In: Guareshi, 2002, p. 89), entende-se como: “um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento”. Em seguida, a autora faz uma aproximação desse termo com o usado por Durkheim (2001) em representações coletivas (ou consciência coletiva), os quais surgem em decorrência dos fatos sociais ligados aos fenômenos sociais e reais, ou seja, é a sociedade que pensa como sociedade coletiva, porque:

As causas geradoras das representações, das emoções, das tendências coletivas não são certos estados da consciência dos particulares, mas as condições em que se encontra o corpo social no seu conjunto. Para compreender como a sociedade representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com a sua natureza. (...) se ela aceita ou condena certos modos de conduta, é porque entram em choque ou não com alguns dos seus sentimentos fundamentais, sentimentos estes que pertencem à sua constituição (Apud, Minayo; In: Guareshi, 2002, p. 90-91).

Desse modo, representações sociais são um conceito sempre relacional e por isso, social, porque é: “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Guareshi, 2002, p. 202). Portanto, “(...) as representações sociais são racionais, não por serem sociais, mas porque elas são coletivas” (Moscovici, In: Guareshi, 2002, p. 11).

Não pode existir vida representativa sem a vida coletiva que é formada pela reunião de indivíduos. Nesse recorte, nos remete-se a Durkheim (2001):

Far-se-á ver, como a sociedade, ao mesmo tempo é uma coisa boa, é uma autoridade moral que, ao comunicar-se por meio de certos preceitos de conduta que lhe são particularmente caros, confere às normas morais um caráter obrigatório (p. 61).

Durkheim não podia visualizar “a olho nu” que tipo de solidariedade seria predominante em uma sociedade dada. A solidariedade, como um fenômeno moral, só seria identificada a partir de algum indicador que a fizesse visível.

3.2.2. O estado de anomia

Por anomia, entende-se, no aspecto sociológico, uma situação em que há divergência ou conflito entre normas sociais, tornando-se difícil para o indivíduo respeitá-las igualmente.

Sob o aspecto do estado de anomia, destaca-se que o mesmo se aplica à distinção entre o normal e o patológico. Partindo de uma analogia entre sociedade e ser vivo, Durkheim define a normalidade dos fatos sociais pela sua generalidade na “espécie” social a que pertencem.

Sob o aspecto de anomia, Meireles (2001) nos adverte que:

A anomia é um vocábulo com dupla significação: violação da lei, ou ilegalidade, e ausência de lei preestabelecida. Na Sociologia, é um fenômeno que indica carência de normas, de leis reguladoras, e que se estabelece durante determinadas circunstâncias históricas dentro de um dado grupo social. A

anomia pode ser entendida como o resultado da ruptura entre os objetivos individuais culturalmente estabelecidos e os meios socialmente instituídos para alcançar essas metas, produzindo, como consequência, a decadência e a desorganização da estrutura institucional dentro de um sistema social (p.70).

Dessa forma, tem-se que o vocábulo grego que dá origem ao termo anomia significa “sem normas”, o que permite entendê-lo como denominador de uma situação de desregramento social, em que a ação dos indivíduos não mais é pautada por normas claras e compartilhadas.

Durkheim (1999) foi o primeiro a tentar precisar esse conceito, que apresentou como a ruptura de laços de solidariedade entre os indivíduos, podendo ser causado por inúmeros fatores. Os fatos sociais, de acordo com Durkheim, podem ser classificados por seus estados de normalidade ou patologia (ausência de regras ou de normas) como qualquer outro organismo vivo. Portanto, é normal o fato social que, primeiramente, apresenta-se cristalizado, generalizado aceito pelo consenso social, apresentando alguma função importante para a evolução ou adaptação do organismo social. Além disso, a normalidade do “fato social”, entendido como “fenômeno que passa no interior da sociedade”, pode expressar-se na reação da sociedade, confirmando a moral vigente.

Por tudo isso, patológico é o fato social que coloca em risco o funcionamento da sociedade diante de um comportamento anômalo do corpo social em discordância com suas regras de conduta.

Para o autor, a divisão do trabalho é o fator preponderante de integração social na sociedade moderna. Na falta de regras específicas, as condições de cooperação deveriam ser discutidas e recorrentes, e a solidariedade seria mais virtual

que real. Porém, é precisamente essa ausência de regras, ou seja, essa situação de anomia, o que se observa em importantes aspectos da vida econômica na sociedade moderna.

Dessa forma, Durkheim entende por anomia como um estado da sociedade em que desaparecem os padrões normativos de conduta e de crença e o indivíduo, em conflito íntimo, encontra dificuldade para conformar-se às contraditórias exigências das normas sociais.

O autor ainda assinala que em todos os casos da esfera social é o estado de anomia em que se encontram as relações sociais a razão pela qual a divisão do trabalho engendra conflito em vez de solidariedade. Em síntese, não há correspondência entre as regras jurídicas e morais estabelecidas e as condições sociais geradas pelo progresso da divisão do trabalho, o que caracteriza uma situação anormal ou patológica.

As regras ou normas na vida social cumprem uma função “moderadora”. À falta delas, não há autoridade e as soluções acabam sendo impostas pela violência. Ora, as soluções violentas dificilmente conquistam a adesão íntima das pessoas. Daí a sua provisoriedade e precariedade.

Nesse recorte, recorre-se novamente a Meireles (2001):

A inclusão desse fenômeno sociológico torna-se imprescindível em uma reflexão, porque trata da perda de referenciais mínimos e organizadores da sociedade, que resulta do desmoronamento das funções reguladoras da ordem coletiva. Essa “ausência de normas”, do ponto de vista social, é a baliza que falta ao cidadão para definir os objetivos de sua ação (p.70).

Contudo, Meireles (2001), distingue o conceito de anomia entre Durkheim e Merton – sociólogo americano, que analisou o comportamento desviante por meio de estudos das organizações e os seus trabalhos na década de 1940, colocando as organizações como um objeto distinto e merecedor de estudo. Ao longo dessa diretriz interpretativa, reporta-se a Meireles:

Ainda que se tenha inspirado em Durkheim (1893), [Da divisão do trabalho social], Merton obteve em sua nova formulação um destino singular, pois, diferentemente de Durkheim – que concebia originariamente a situação anômica como fruto do choque entre as aspirações econômicas e o desmoronamento das normas reguladoras – enfatizou que “algumas estruturas sociais exercem uma pressão definida sobre certas pessoas na sociedade, para que sigam conduta de rebeldia, ao invés de trilharem o caminho do conformismo (p. 201)” (In: Meireles, 2001, p. 76).

Em uma interpretação psicológica, a anomia é um “estado de espírito” no qual o senso de coesão social – mola principal da moral – está quebrado ou fatalmente enfraquecido.

A fim de grifar as observações de Durkheim e de Merton, tem-se Petrelli (2000), que expressa a definição de anomia nos autores supracitados:

Merton buscou em Durkheim o conceito de anomia e o reelaborou em uma teoria dos fenômenos transgressivos e suas variações sociais. (...) considero esta teoria hoje capaz de explicar múltiplas formas de comportamento: dos arruaceiros de fim-de-semana aos egrégios criminosos de colarinho branco; dos bandidos folcloricamente apelidados (da luz vermelha, por exemplo) aos engravatados palacianos, com suas luvas amarelas, suas pastas, não importando a cor, peritos em danos contra o patrimônio público (...) (p. 8).

A questão revela-se: a generalidade de um fato social, isto é, sua unanimidade, é garantia de normalidade na medida em que representa o consenso social, a vontade coletiva, ou o acordo em um grupo a respeito de determinada questão.

Partindo, pois, do princípio de que o objetivo máximo da vida social é promover harmonia da sociedade consigo mesma e com as demais sociedades, e que o estado de harmonia é conseguido por meio de consenso social, a “saúde” do organismo social se confunde, por vezes, com a generalidade dos acontecimentos e com a função da preservação dessa harmonia de acordo coletivo que se expressa sob forma de sanções social.

Nas palavras de Petrelli (2000), tem-se que:

Em Teoria e Estrutura Social, Merton define as condições precisas para deflagração, numa sociedade ou num pequeno grupo qualquer, de uma situação à qual se dá o nome – juntamente com Durkheim – de anomia. Durkheim, em O Suicídio, atribui a anomia a uma fratura não mais suportável entre desejos, expectativas, projetos de vida e a distribuição de oportunidades concretas de realizá-los. Em conseqüência, surge um estado de alienação e impotência e depressão que conduz ao suicídio. Sendo esta possibilidade de realização tão intensamente destrutiva – para a pessoa e para a sociedade – a cultura, com seus mecanismos de racionalização defensiva e de acomodamento, age como um antídoto neutralizador da destrutividade, absorvendo-a em tipos de comportamento social (pág. 8).

Ao longo dessa diretriz interpretativa, tem-se que, quando um fato põe em risco a harmonia, o acordo, o consenso, a adaptação e evolução da sociedade, estão, por assim dizer, diante de um acontecimento de caráter mórbido e de uma sociedade “doente”. Portanto, normal é aquele fato que não extrapola os limites dos

acontecimentos gerais de uma determinada sociedade e que reflete os valores e as condutas aceitas pela maior parte da população. E, por seu turno, patológico é aquele que se encontra fora dos limites permitidos pela ordem social e pela moral vigente. Contudo, os fatos patológicos como doenças, são considerados transitórios e excepcionais.

Durkheim acreditava ser necessário descobrir novas fontes de solidariedade e de consenso entre os membros da sociedade para fortalecer a coesão e assim combater a anomia.

Segundo Berger (1985): “A sociedade é a guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, nas suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estruturação da consciência individual” (p. 34).

Berger ainda sugere que, quando o indivíduo deixa de “pertencer” ao meio social, ou seja, não é aceito e/ou reconhecido, a sua identidade se rompe, pois o processo de socialização deixa de existir surgindo, assim, um confronto porque não há mais um apoio emocional e, o “ator social”, perde orientação do senso da realidade.

A fim de caminhar para uma discussão mais aprofundada sobre esse tema, tem-se Berger (1985) que alerta:

(...) Assim como se constrói e sustenta um nomos do indivíduo na conversação com interlocutores importantes para ele, assim o indivíduo é mergulhado na anomia quando essa conversação é radicalmente interrompida. As circunstâncias de tal ruptura nômia podem é claro variar. (...) é possível falar de estados de anomia coletivos e individuais. O indivíduo pode ‘dar sentido’ à sua vida e reconhecer a própria identidade, estará em processo de desintegração. **O indivíduo não só começará a perder as suas posturas morais, com desastrosas conseqüências psicológicas, como também se tornará inseguro quanto às suas posições cognitivas. O mundo começa a**

vacilar no exato momento em que a conversação que o sustenta começa a esmorecer (p.34-35) (Grifo da autora).

Nesse recorte, pode-se remeter novamente a Durkheim (2000): “A educação, pois, só pode se reformar quando a própria sociedade se reforma. Para isso, é preciso atingir em suas causas o mal de que ela sofre” (p. 488).

Desta feita, para Berger, a função mais importante da sociedade é a nominação, no sentido de nomos, normas, regras que regulam o indivíduo, encontrada no processo de socialização, da formação da identidade na qual a sociedade, em sua estrutura e organização, é doadora de sentido para os indivíduos.

3.3. A compreensão da Sociologia da Religião à luz do pensamento de Berger

Os papéis trazem em seu bojo tanto as ações como as emoções e atitudes a elas relacionadas. O professor que representa uma cena de sabedoria vem a se sentir sábio.

Peter Berger

A Sociologia é uma ciência que, como outra ciência humana, se afirmou no século XIX, na tentativa de explicar a sociedade que surgiu com o desenvolvimento do capitalismo, muitas vezes servindo para justificar esse sistema econômico, social, político e religioso.

A Sociologia como ciência investiga a religião naquilo que tem de social dentro de uma comunidade específica. Sociologia, ciência do social, portanto interessa a ela saber o que acontece no convívio do social com outras criaturas.

A Sociologia é a ciência que estuda como os papéis nascem, se estruturam e se articulam entre si, formando instituições que regulam a vida social e política dos seres humanos. Cada povo, cada cultura, tem suas crenças e seus rituais por vezes diferentes uns dos outros. A primeira explicação dada pela Sociologia é que a religião varia de um povo para outro, mas tem sempre o mesmo objetivo: levar as pessoas a desempenhar seus papéis na sociedade, pois acreditam que isso é um dever sagrado. Todas as religiões e sentimentos religiosos contribuem para manter a ordem social e política da sociedade em que se originam ou onde se implantam.

Toda comunidade de seres humanos está estruturada por meio de regras que funcionam como leis e que criam em volta de si valores e até mesmo uma moral. Tudo isso é fundamentado por uma série de representações e signos que tentam dar motivos plausíveis para que tais regras sejam aceitas e respeitadas. Acredita-se que um dos papéis fundamentais da religião está em fornecer tais códigos e por meio deles fazer com que os indivíduos vivam e convivam bem.

Dessa forma, pode-se afirmar que a influência da religião na constituição e manutenção da sociedade é inegavelmente visível. O fenômeno religioso é gerador de subjetividade que marca o indivíduo e que o faz tomar posturas concretas em sua vida cotidiana. Esse movimento é descrito por Berger (1985) como uma dinâmica que rege a vida social e passa por três níveis, segundo ele: “O processo dialético fundamental da sociedade consiste em três momentos ou três passos. São a exteriorização, a objetivação e a interiorização” (p. 16).

Tudo isso proporciona ao homem a possibilidade de integrar-se a uma cultura e desenvolver uma personalidade. A cultura funde-se ao homem. O homem constrói o mundo em virtude dessa cultura que é fortemente influenciada pelos

fenômenos religiosos. Basta olhar a cidade de uma forma mais aprofundada, para se perceber os traços da religiosidade de seus habitantes e co-produtores no número de templos religiosos, no nome das ruas praças e hábitos dos indivíduos que ali residem.

A explicação científica exige que os fenômenos religiosos sejam definidos independentemente de qualquer fé religiosa. Tem por meta explicar a diversidade dos fenômenos religiosos, sem fazer juízo de valor.

Sua contribuição é, fundamental para a compreensão da sociedade, em particular da educação. A Sociologia não se resume em um bloco único de explicação da realidade, porque faz parte da história da sociedade ao mesmo tempo em que participa de sua explicação.

Dessa forma, nesse capítulo levanta-se a seguinte questão: Como o sociólogo vê o homem religioso?

Para uma compreensão plausível, faz-se necessário traçar um entendimento sobre a Sociologia da religião, bem como do próprio indivíduo, porque, numa época repleta de respostas científicas muitos chegam a acreditar que não há mais espaço para a religião. Contudo, a capacidade de se questionar sobre o sentido da vida é própria do homem.

A contribuição da Sociologia da religião é fundamental para a compreensão dessa sociedade. Tem como objeto de estudo o fenômeno religioso. O que caracteriza esse fenômeno é a crença instaurada, estabelecida no indivíduo, na comunidade ou na instituição, crença essa que crê em uma entidade transcendente, que pode ser definida como ser *sobrenatural, transcendental e sagrada*.

O objeto de estudo da Sociologia da religião está presente na investigação do fenômeno religioso e suas relações com a sociedade. Para tanto, pode-se perceber que o indivíduo como:

- **Pessoa social:** exerce uma posição, ou seja, ocupa o espaço geográfico em que vive, exerce ou ocupa um *status*.
- **Componente de grupo:** por meio dele se entra no social. Padrões diferentes são modos de pensar e de agir em uma determinada sociedade. Por exemplo, comer é instintivo, mas como se come é padrão de comportamento.
- **Integrante do grupo social:** sugere a reunião de pessoas que têm objetivo comum, se constituem em torno do líder, ou seja, não há instituição na reunião grupal. Os grupos sociais vivem concomitantemente porque os indivíduos pertencem a vários grupos e os mesmos podem se formar naturalmente.

Assim, a Sociologia entende que a socialização de um indivíduo está inserida no processo de aquisição de conhecimentos, padrões, valores e símbolos. É ainda a aquisição de maneiras de agir, pensar, e sentir próprias dos grupos, da sociedade, civilização em que o indivíduo vive. Esse processo tem início no instante em que o indivíduo nasce, continua ao longo da vida e só termina quando o indivíduo morre.

Berger (1986), quando se refere a Durkheim sugere, com a citação a seguir, elementos que traçam um perfil do indivíduo na sociedade:

Durkheim ressaltava que a sociedade é um fenômeno 'sui generis', isto é, ela representa uma realidade compacta que não pode ser reduzida a outros termos ou para eles traduzida. Durkheim afirmou ainda que os fatos sociais são "coisas", possuidoras de uma existência objetiva externa a nós, tanto quanto os fenômenos da natureza. (...) Uma 'coisa' é algo como uma pedra, por exemplo, com que se topa, algo que não deixa de existir mediante um simples desejo. Uma 'coisa' é aquilo contra a qual se investe e vão, aquilo que existe que por fim pode cair sobre a cabeça de uma pessoa e matá-la. É nesse sentido que a sociedade constitui uma coleção de 'coisas'. (...) A sociedade, como fato objetivo e externo, manifesta-se, sobretudo na forma de coerção (p. 104-105).

Mediante a socialização, elementos da sociedade e da cultura tornam-se parte integrante da estrutura da personalidade psíquica, a ponto mesmo de se transformarem em parte do conteúdo dessa estrutura.

3.3.1. A identidade e a dialética entre o indivíduo e a sociedade

A identidade individual é alcançada pelo processo de socialização ou de interiorização da realidade (Berger, 1985), sendo realizada ao longo da vida de cada pessoa, em torno de suas relações sociais. A dimensão individual e a social estão interconectadas como dimensões de um mesmo fenômeno. Para Berger, a identidade acha-se em relação dialética com a Sociedade, sendo mantida, modificada e remodelada pelas relações sociais.

Em toda sociedade, existem grupos definidos que se ocupam predominantemente de cada uma das principais áreas de problemas institucionais. Analogamente, cada uma dessas esferas institucionais possuem seus próprios recursos

específicos, tais como trabalho, bens ou dinheiro, na esfera econômica – ou apoio e identificação, na esfera política.

Dessa forma, percebe-se que a identidade do indivíduo é marcada pelo social. Sendo assim, os grupos sociais convivem concomitantemente sob dois aspectos:

Grupo primário: família, convivência face a face.

Grupo secundário: informal, pode estabelecer relação com o grupo primário.

Ainda no tocante ao aspecto do grupo social, o mesmo pode ser:

- **Familiar:** pais, filhos, parentais.
- **Vivencial:** vizinhos, religiosos.
- **Educacional:** escolas, comunidades.
- **Econômico:** instituições como banco ou referente a salários.
- **Político:** exerce poder e ordem em uma determinada região.
- **Religião:** como modo de conhecer o mundo e situar-se nele.

A primeira e mais importante das esferas institucionais à qual os indivíduos pertencem é a da família e do parentesco porque está baseada na regulação das relações procriativas e biológicas entre os indivíduos de uma sociedade, e na socialização inicial dos novos membros de cada geração.

Outra esfera importante é a da educação. Ela vai além das relações familiares e de parentesco, pois ocupa-se da socialização dos jovens até que eles se transformem em adultos, e da transmissão – geração em geração – da herança cultural de uma sociedade.

De relevo é também a esfera da economia porque esta regula a produção, a distribuição e o consumo de bens e serviços no interior de uma sociedade. E a esfera política refere-se ao controle do uso da força na sociedade e à manutenção da paz interna e externa, bem como ao controle da mobilização de recursos para a realização de diversos objetivos e a articulação e fixação de certas metas para a coletividade. E a Religião que, segundo Berger (1985), ocupa um lugar destacado na construção do mundo.

De acordo com essas questões preliminares, para o sociólogo, o valor inserido no contexto grupal é algo desejável que aconteça, pois as normas são idéias do que deve e do que não deve ser feito em uma determinada sociedade.

Dessa forma, percebe-se que as normas da família são internalizadas, ou seja, elas se tornam um hábito adquirido porque estão de acordo com os interesses do grupo ao qual faz parte essa família. Assim, as categorias das normas dão noção do que é bom e do que é ruim.

Aprende-se a cumprir as normas nas instituições, como por exemplo, na escola. Aprende-se a ser professor com os alunos e o papel de aluno se aprende com o professor. Nessa constante interação e inter-relação, há uma complementaridade de papéis: “eu sou professor porquanto há alunos – pessoas que estão interessadas em aprender”. E assim sucessivamente acontece na sociedade, ou seja, necessita-se do outro para encontrar o papel no social e assim de tanto exercitar o papel entra-se na ontologia do ser, do indivíduo.

Então levanta-se a seguinte questão com referência à gênese das normas: O que vem primeiro, a estrutura ou a norma?

Pois bem, segundo Berger, ao nascer, o indivíduo já cumpre uma norma, e um ritual para se formar uma norma, sendo assim, o indivíduo nasce social. Como defendia Durkheim, “a sociedade precede o indivíduo”. No entanto, Berger descreveu que as normas da sociedade exerciam fortes influências no indivíduo, mas, que também o mesmo possuía uma certa autonomia sob a sociedade, ou seja, havia uma relação dialética entre indivíduo e sociedade.

Dessa forma, tem-se que a pessoa social encontra-se inserida em um *status*, isto é, necessita ser reconhecida, ser legitimada pelo outro. Sobretudo porque, dentro dos grupos, há interações das pessoas, interação face-a-face, pois o empenho de uma pessoa ocorre no ato de grupo primário ou familiar, no ato de modelar outra pessoa, há, inclusive, uma forte relação.

Tem-se a matriz grupal da identidade, ou seja, alguém entra em um grupo social para satisfazer as necessidades do grupo, as principais pelo menos.

Desse modo, entende-se por sociedade a reunião de grupo que vive num determinado espaço geográfico, convivendo mais ou menos intensamente de acordo com a disposição geográfica. Quanto menor a comunidade, maior a intensidade de comunicação. O indivíduo só se torna social por meio da aprendizagem social.

A socialização requer uma aprendizagem social, requer, dentre outras funções, o convívio com normas. Cada cultura possui seus valores, e dessa forma a sociedade espera do indivíduo alguma coisa porque os conteúdos da socialização são os valores que são passados.

Assim, as normas estão na sociedade quando são internalizadas ou quando apenas por interesse se aprendem as normas no *status* e no papel

desenvolvido, porque o papel é vivido em relações dialéticas, pois as normas são a consciência social.

Para Durkheim, as normas exercem uma coerção, isto é, uma pressão sobre os indivíduos para que os mesmos cumpram a norma estabelecida. As normas possuem uma hierarquia e costumes e a sociedade controla, mas retribui pelas sanções, costume cristalizado e se torna uma lei. Logo, as normas têm coerção em si. Assim, a sociedade moderna advém da própria norma a qual “obriga” o sujeito a ser assim ou de outro jeito.

Para tanto, acredita-se que alguns grupos religiosos ditam as normas que são pré-estabelecidas e que coagem os indivíduos a cumpri-las. As normas são as consciências sociais que também estão presentes na fragmentação de trabalho ou fragmentação religiosa para alguém. As normas podem se traduzir em costumes, ou mitos ou ainda folclore. As normas não podem ser violadas, pois quando se integra na sociedade ganha-se, cumprindo-as, pois desse modo se é reconhecido.

Dessa forma, as normas possuem hierarquia de valor porque as leis punem e a sociedade continua punindo, mesmo depois que alguém paga por aquilo que já cumpriu.

Nesse aspecto, onde se situa o indivíduo, o “eu” no contexto de normas sociais?

Segundo Berger (1985), a localização do “eu”, em configurações concebidas por estranhos, constitui um dos aspectos significantes do processo “crescer”. Então, a cosmovisão é inserida no contexto social da vida da criança e, com a criança, surge o elemento da identidade, porque há um referencial.

Estar na sociedade, portanto, é fazer parte de grupos sociais, é ter um endereço, um referencial, mapear a sua história e se localizar com seus infinitos papéis no processo de tornar-se adulto.

Todo processo sugere pontos e articulações diferenciadas, há níveis distintos, isto é, camadas sociais diferenciadas dentro de uma mesma sociedade. Há o “nós” e o “eles”. Há, sobretudo, controle social que é um dos conceitos mais utilizados em sociologia, pois, nenhuma sociedade pode existir sem controle social (Berger, 1985).

No controle social, existe registro de violências àqueles que estão ou exercem poder e/ou controle sobre os demais. Os subterfúgios para tal prática demandam uma certa “criatividade”, bem como certo aprendizado cultural, pois a coerção pode ser manifestada pela força, violência, ameaça, manipulação, pressão econômica, a melhor utilizada no sistema capitalista.

Tais medidas são desenvolvidas e aprimoradas nas civilizações para se exercer o controle social. Os indivíduos atuam no grupo, modificando e sendo modificados, re-estabelecendo contatos, “atualizando” seus valores, porque assim se processa a dinâmica grupal.

Ainda sobre o controle social, há elementos como “ridicularizar o outro” como forma de exercer domínio ou manipular indivíduos, pois, segundo Berger (1986),

“o ridículo e a difamação”, ou ainda, a desaprovação e, conseqüentemente a perda de prestígio, são instrumentos potentes de controle social em grupos primários, ou grupo mais íntimo, (...) a criança obedece à norma não por receio de castigo, mas para não ser alvo de zombaria (p. 85).

O indivíduo é obrigado a viver e a conviver com esses sistemas e com o controle social.

No controle social ou sistema coercitivo, a cultura, entendida como conjunto de elementos que compõem o indivíduo e a sociedade com as várias formas de se manifestar. E também exercem coerção nos grupos sociais, ou acarretam sanções legais, elementos como: costumes, morais, seitas, crenças, convenções, etc.

Surge, então, uma cadeia ou rede – sucessão de fatos e acontecimentos intercalados na relação social de grupo ou de indivíduo. Nas palavras de Berger (1986), para elucidar um exemplo:

(...) a imoralidade é punida com a perda do emprego (...) o controle social do sistema ocupacional é da maior importância porque é o emprego que decide o que uma pessoa pode fazer na maior parte da sua vida, exercendo uma pressão da ocupação da pessoa; a excentricidade pela perda das possibilidades de se conseguir outro anticonvencionalismo pela rejeição dos grupos que respeitam aquilo que consideram ser boas maneiras (p. 87).

Tal procedimento pode resultar em rejeição pelos demais componentes do grupo social por meio desse círculo vicioso. Sobretudo porque, dentro da localização na sociedade, cada elemento compõe um sistema de hierarquia, da chamada estratificação social. Portanto, a sociedade é vista como uma realidade externa que pressiona e coage o indivíduo.

Berger (1986) trata dos diferentes papéis que o indivíduo desempenha ao longo da vida, as cenas que é “levado” a “interpretar” quando a sociedade o coloca frente às vicissitudes do cotidiano, pois:

(...) em quase todas as situações sociais existem pressões poderosas para garantir quais as respostas sejam as adequadas (...) os papéis trazem em seu bojo tanto as ações como as emoções e atitudes a elas relacionadas (...) o papel dá forma e constrói tanto a ação quanto o ator (p. 107).

O indivíduo é multifacetado por papéis e identidades que assume para e na sociedade, porque é ser de relação e necessita da sociedade para legitimá-lo como ser que pensa, sente e decide, ainda que exercendo uma autonomia “relativa”, isto é, a sociedade presentemente se manifesta no homem, e nas suas decisões, pois o mesmo está inserido no contexto social, dela nasce e dela faz parte por toda uma vida.

“O Homem na Sociedade” ou “A sociedade no Homem” é um processo de mão dupla porque “a sociedade determina não só o que fazer, como também o que ser” (Berger, 1986, p. 107).

Por fim, a própria identidade pode ser reificada, isto é, encarar (algo abstrato) como uma coisa material ou concreta; coisificar, a apreensão dos fenômenos humanos como se fossem coisas. Em outras palavras, a reificação é a apreensão dos produtos da atividade humana como se fossem algo diferente de produtos humanos, como se fossem fatos da natureza, resultados de leis cósmicas ou manifestações da vontade divina.

A reificação implica o fato de que o homem é capaz de esquecer sua própria autoria do mundo humano, e também que a dialética entre o homem (o produtor) e seus produtos é perdida de vista pela consciência. O mundo reificado é por definição um mundo desumanizado, sentido pelo homem como um fato estranho à sua própria atividade.

A verdadeira relação entre o homem e seu mundo é invertida no plano da consciência. O homem, produtor de um mundo, é apreendido como sendo produto

desse mundo. E a atividade humana é apreendida apenas como fenômeno secundário de processos não humanos. Os significados humanos deixam de ser entendidos como produzindo o mundo e passam a ser compreendidos como sendo produtos da natureza das coisas.

A reificação é, pois, uma modalidade da consciência ou, mais precisamente, uma modalidade da objetivação que o homem faz do mundo humano. Mesmo apreendendo o mundo em termos reificados, o homem continua a produzi-lo. Em síntese, isso que dizer que, paradoxalmente, o homem é capaz de produzir uma realidade que o nega.

Há, então, uma identificação total do indivíduo com as tipificações que lhe são socialmente atribuídas. Ele é apreendido como não sendo nada senão esse tipo. E tal apreensão pode ser positiva ou negativamente acentuada em termos de valores ou emoções.

Dessa forma, tem-se que: “a sociedade, então, não é apenas uma coisa que existe ‘lá’, no sentido durkheimiano, mas ela também existe ‘aqui’, parte de nosso ser mais íntimo” (Berger, 1986, p. 136), como já mencionado. Porque a sociedade, sobretudo, controla e dá forma à identidade do indivíduo, pensamentos e emoções.

3.3.2. Influência da Religião na formação da identidade segundo a visão de Berger

Pode-se encarar a religião como uma forma universal de se estabelecer uma ordem na sociedade, fundamentada em teodicéias que buscam contemplar a lógica da vida e do convívio social, dando, desse modo, condições para a continuidade

da vida em conjunto e sustentando a esperança do homem em um bem viver a vida, dando sentido à mesma.

“A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. (...) a religião é a ousada tentativa de se conhecer o universo como humanamente significativo” (Berger, 1985, p. 41). É nessa tentativa que o mundo se transforma mesmo que lentamente, vislumbrando novas fases de Deus, do divino, do sagrado e do profano.

Berger (1985) afirma que: “(...) a identidade não é uma coisa pré-existente; é atribuída em atos de reconhecimento social. Somos aquilo que os outros crêem que sejamos”. Nesse aspecto, o autor afirma que as identidades são atribuídas pela sociedade, ou seja, “uma pessoa não pode ser humana sozinha e, aparentemente, não pode apegar-se a qualquer identidade sem o amparo da sociedade” (p. 113-114).

A identidade é um elemento fundamental da realidade subjetiva, e, é claro, encontra-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais e, uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais pelos quais a identidade se forma e se conserva são determinados pela estrutura social. Contudo, as identidades sociais reagem sobre a estrutura social determinada, mantendo-a, modificando-a até mesmo remodelando-a.

Para Berger (1985), a religião é uma empreitada humana por meio da qual um cosmo sagrado é criado; assegura a nominação, pois fornece uma ordem às experiências, porque assume o sólido e tranquilizador aspecto de um cosmo sagrado que protege o crente contra o terror do “sem significado”.

Pode-se dizer, portanto, que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo (p. 41).

Berger (1985) propõe que uma das funções positivas da religião é a integração das experiências marginais, ou experiências-limite, tornando-as plausíveis no “cosmo sagrado”, isto é, a mística destaca a limitação intrínseca de qualquer obra ou instituição humana diante da transcendência, permitindo ao ser humano criticá-las e modificá-las.

3.4. Relação intersubjetiva, uma leitura fenomenológica

A doutrina existe para ser aprendida e a conduta, para ser seguida.

Buber

O essencial do ser humano é o fato de “ser-com” no mundo. Por mundo não se deve entender apenas um lugar, um dado fechado, mas é onde a relação acontece, é a própria manifestação da intersubjetividade. Isto é, o reconhecimento do OUTRO. Reconhece-se a subjetividade do outro e se estrutura a sua própria, na

relação com esse outro, na busca pelo sentido. Tal manifestação dá-se por meio do diálogo, por meio da atitude que se tem em face desse mundo e ao outro (Buber, 1991).

A atitude do homem determina o sentido da sua existência. A atitude é uma ação que o homem toma no mundo. Na sua inserção dinâmica no mundo, o homem toma a atitude definidora da realidade de sua existência e com isso determina o mundo para si. Logo, o homem e o mundo estabelecem uma relação dual. O mundo não pode ser concebido sem o homem e o homem somente pode ser entendido quando em relação com o mundo. O homem não é um ser-para-si, mas um ser que se projeta e se manifesta no mundo e com o mundo. Não se alcança a plenitude do encontro sem antes haver realizado uma redução, numa abstenção dos julgamentos, para se atingir o outro sem barreiras.

No tocante ao aspecto religioso, observa-se a questão do transcendental³ como elemento presente na formação da identidade do indivíduo. Ao deparar-se com atitudes de admiração e de contemplação entre o indivíduo e a natureza, observa-se que elementos religiosos se manifestam das mais variadas formas.

Dessa forma, admirar e contemplar – o simples pôr-do-sol ou o canto dos pássaros – sugere que o homem vive em busca de harmonia, de equanimidade, ainda que adormecida. Portanto, o encontro com a natureza, e com a divindade também presente na natureza, propicia um envolvimento que transcende a fé

³ **1.** Transcendental excele (excelir, distinguir-se, diferenciar-se, perceber com alguns dos sentidos) em seu gênero, que excede os limites normais; que transcende a natureza *metafísica* das coisas; que revela perspicácia; **2.** que está acima das idéias e conhecimentos ordinários – emana diretamente da razão – está situado além da realidade do sensível (permanece no âmbito da experiência). **3.** na fenomenologia, diz-se da percepção mediatizada dos objetos e realidades do mundo externo em oposição ao que a consciência percebe imediatamente de si mesma (transpor) [Houaiss, 2001].

institucionalizada e racionalizada e promove a fé emancipada, acolhida na sua diversidade e ampliada na fé individual vivida e partilhada em comunidade social.

Assim sendo, pode-se intercalar tais pensamentos com a noção da religião. Essa forma que busca significações originárias é uma religião entendida como concepção humanista, uma vez que o sentido imediato das coisas é aquele que o homem faz surgir na sua relação com o mundo e com os outros homens.

Entende-se por religião, antes de tudo, como uma relação interior com a realidade transcendente, é semear, a partir da experiência do sagrado vivido interiormente. Engloba, sobretudo, a dimensão do social, do grupal, dos valores morais e culturais. Portanto, o homem é por natureza religioso e na sua prática como na sua crença, traz consigo elementos que permitem uma elaboração, um entendimento como o símbolo que indica e define a manifestação do comportamento humano. O homem se distingue dos demais animais pela religião porque, sobretudo ele, possui a capacidade de criar os símbolos e de atribuir-lhes valor. O homem é um ser humano porque é humanizado.

Nessa idéia de ser cósmico, advindo de um mistério, de algo inexprimível, reporta-se ao teólogo alemão Rudolf Otto (1985), que designa o numinoso como algo inexprimível, totalmente outro, propriedade que possibilita a experiência imediata do divino. Inspira temor reverencial e parece estar fora do alcance racional. Numinoso é conhecido como tremendo mistério, criatura, um *mysterium tremendum*. Mistério é entendido como algo secreto, algo que é estranho, incompreensível, inexplicável. É um

mistério escondido, extraordinário, insólito. Porém, manifesta-se nas coisas do cotidiano, e é por meio delas que se manifesta.

Segundo Otto (1985), religião pode ser entendida sob dois aspectos: *racional* porque possui predicados suscetíveis de definição que podem ser captados pelo pensamento conceitual, portanto, passível de objetivação; e o *sentimental* entendido como prática do misticismo, na qual prevalece o elemento não racional, ou seja, é a experiência entendida como religiosa. A religião não se esgota de seus elementos de tal sorte que ela tome consciência de si mesma.

3.4.1. Buber e o encontro do diálogo

Se eu tivesse de informar a alguém que pretenda saber qual seja, em linguagem conceitual, o principal resultado de minhas experiências e reflexões, não me restaria nenhuma outra resposta (...): Ser gente significa ser o ente que está face a face.

Buber

Martin Buber (1878-1965), filósofo existencialista, fenomenólogo, judeu da corrente do hassidismo, afirmava que, o hassidismo não era uma doutrina a ser seguida por seus adeptos de uma maneira específica, mas um estilo de vida. O traço mais importante do hassidismo é vencer a separação entre o sagrado e o profano. O profano, para ele, era visto como mero estágio preparatório para o sagrado. Portanto, o importante no judaísmo é a relação entre a ação do homem e a graça divina.

Profundamente influenciada pela mística judaica, a obra de Buber (1982) representa o resgate de um conceito fundamental à Sociologia e à Antropologia: a noção do ser humano e da subjetividade. Ela vai além do simples individualismo ou do

coletivismo totalitário, e, em seu lugar, coloca a relação dialógica como ponto de partida para a constituição de uma verdadeira comunidade. Buber desenvolve um pensamento que ultrapassa a teologia (embora seja significativa a presença teológica no seu pensamento).

A teoria de Buber toma referência ao ser humano em tudo o que importa, para que ele possa ser considerado como um “ser humano”, e assim toma uma preocupação com o seu desenvolvimento, aqui compreendida em sua totalidade, e sua existência como uma integração entre o ser, o mundo e Deus considerado como o Tu eterno.

Para o autor, o espiritual existe em verdadeira relação conjugal com o mundo. Conhecer não é uma mera contemplação exterior de um objeto-espetáculo. É um movimento de iniciação que penetra o desconhecido. Por isso, critica os que estudam sem a intenção de agir: “(...) aquele cuja sabedoria ultrapassa suas ações com que se parece? Com uma árvore com muitos ramos e poucas raízes: um vento qualquer a arranca e derruba” (Buber, 1982, p.14-15).

Desse modo, um dos aspectos fundamentais da vida da comunidade, sobre o qual pode-se agir a fim de tornar a paz vital mais próxima e, por conseguinte, adquirir uma relação mais equânime é, segundo Buber, a educação, porque o verdadeiro educador tem por objetivo básico o desenvolvimento das qualidades individuais do educando e sabe que isto não é possível pela imposição de sua vontade e de suas idéias sobre o outro, mas somente pela capacidade de realmente escutar o outro, de estabelecer um diálogo autêntico com ele, pois:

(...) aquele que não procura o que realmente sente e o que vai ao fundo de sua consciência, na essência de sua alma, não é apenas indigno do espírito, como

também não merece viver. O importante é sentir que as relações entre as coisas e os seres constituem o eixo central da existência” (Martin Buber, 1974, p. 72).

A paz, para Buber, não é apenas uma cessação da guerra, obtida por meio de compromissos políticos; para ele a paz vital significa uma cooperação das partes para a melhoria das condições de vida e cultura. Dessa forma, nasce de uma solidariedade profunda, ou seja, de uma conversão dos corações. A paz vital se nutre da diferença, da alteridade, da aceitação pelo outro o qual invoca o amor incondicional.

Nas palavras de Bartholo⁴ (1994), tem-se que:

[...] o traço mais distintivo das Escrituras Sagradas dos judeus é o diálogo entre o Céu e a Terra. Repetidas vezes Deus se dirige ao Homem, e é pelo Homem interpelado, desvelando ao Homem sua vontade, chamando-o para ser parte de sua realização. [...] o ‘religioso’ não são horas especiais, retiradas do curso das coisas, [...] o convertido se sabe em cada hora mortal chamado à exigência e responsabilidade [...] (p. 7).

Buber diz que o indivíduo precisa entrar em relação dialógica com o mundo se quiser realizar o seu “eu”. A partir dessa premissa, interpreta-se o pensamento de Buber como um elemento constitutivo de um modo de vida que ultrapassa simples teorias e conduz à prática da escuta, recebida como conselhos, isto é, como processo educativo, de apoio, voltado para o reestruturar que enfatize o envolvimento consigo mesmo, alcançando equilíbrio emocional. Buber visou, em suas obras literárias e palestras, promover o desenvolvimento por meio das relações interpessoais, apoiando, assim, a reeducação, pois “o olhar encontra rapidamente o calor e a gratuidade da resposta” (Buber, 1979, p.74).

A obra fundamental de Buber (1979), *Eu e Tu* retrata a própria experiência existencial se revelando. Nessa obra, encontra-se uma fenomenologia da palavra e uma ontologia da relação, que fundamenta uma antropologia e uma ética do inter-humano.

Quando Buber convida para o diálogo, convida para um encontro, para uma transformação que todo encontro promove. A relação, para Buber, está direcionada à atitude frente a tudo que o cerca, isto é, o outro como “tu” ou o seu representante, pois para Buber não é loucura travar um diálogo com uma pedra ou com uma árvore; assim o seria, se o homem passasse frente ao infundável deslumbramento da natureza sem ao menos visualizar essa beleza que se instaura nos momentos de admiração e contemplação.

Quantos indivíduos permitem a si mesmos cultivar a natureza interior, bem como usufruir da natureza externa como algo esplendoroso e moralmente nutritivo? Esse convívio anestésico, meio adormecido, essa busca desenfreada por uma ascensão social é que leva o indivíduo a se robotizar? Qual o mecanismo para que as pessoas vivam de forma tão alienante?

A relação “eu-tu”, o princípio dialógico, pode acontecer num só sentido, sem haver reciprocidade. Pode-se experienciar uma relação do tipo “eu-tu” sem que a outra pessoa a experimente a seu turno. Assim, “há diversas relações “eu-tu” que, por sua própria natureza, não podem se realizar na plena mutualidade (...)” (Buber, 1974, p. 98).

⁴ Roberto Bartholo é judeu, teólogo, economista, doutor em Filosofia Antropológica, professor na UFRJ e na Unb e profundo conhecedor da biografia e dos escritos de Buber.

Buber explica que, em geral, os homens não se encontram, não se falam realmente entre si. Estão voltados uns aos outros, mas não se escutam, vivenciam um mero palavreado. Contudo, percebe-se que a linguagem só pode ser autêntica no encontro, porque o que postula a diferença entre o mero palavreado e o diálogo autêntico é encontrado na mutualidade, no falar-ao-outro, numa fala que se abre à descoberta desse outro.

A fim de grifar as observações de Buber, Bartholo (1994) acrescenta que:

Para Buber falar de Deus é permanecer no domínio do relacionamento (...) Nesse aspecto ressalta a aguda observação feita por ele em 1961 numa entrevista à rádio BBC: "(...) Devo confessar que não gosto muito de religião e fico muito contente que essa palavra não se encontre na Bíblia." (...) o crucial não é falar de Deus, mas falar com Deus. Falar com Deus é conversão, evento-fruto que brota nesse caminho misterioso de aproximação que é a história humana (p. 10).

Assim, surge um princípio verdadeiro que é o da não imposição, porquanto, é preciso que os parceiros da relação não queiram se impor um ao outro, haja vista que se relacionar por meio do diálogo é baseado no respeito à totalidade de cada indivíduo, estabelecendo assim a liberdade da experiência, pressuposto que permite a realização do ser humano.

Dessa forma, nasce o desejo premente sobre o ser de relação que está imbricado em cada indivíduo como ser humano que se constroeu por tentativas, na busca que se legitima como classe pensante e resguarda toda uma lealdade para consigo e para com o outro.

Desse modo, algo que amplia o senso comum é a socialização, que certifica que o indivíduo é um ser de relação, ao necessitar, sempre, de apoio, de reservas, de considerações, de aconselhamento, de reciclagem, de reaprendizado, do encontro, do outro; não para criar um ciclo de dependência, mas para alcançar momentos de harmonia, de socialização, crescendo com a experiência do encontro.

Em uma passagem do *Eu e Tu*, Buber (1974) faz referência ao ato simples e magnífico da transformação da crisálida enquanto *Isso* para o *Tu* da borboleta. A partir desse instante, pára-se, respira-se e pensa-se, tentando lembrar e, se possível, imaginar a cena da lagarta em sua passagem nesta metamorfose. Várias vezes, esta lagarta cai do seu suposto "ninho", do seu passageiro habitat e recomeça uma nova, porém já conhecida, trajetória, lançando-se a um novo e conhecido caminhar, retornando ao seu posto, ao seu momento de transformação. Muitos homens, em determinado momento da vida, necessitam do cultivo desta paciência em reportar-se para caminhos já percorridos, em recomeçar e traçar, em cada recomeço, novas conquistas. Sobretudo, porque a vida está no todo e não nas partes.

Portanto, segundo Buber (1979),

O ISSO é a crisálida, o TU a borboleta. Porém, não como se fossem sempre estados que se alternam nitidamente, mas, amiúde, são processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade (p. 34).

A fim de ilustrar tais pensamentos, cita-se uma passagem da filosofia judaica (Nudel, 1994) que, ao relatar a passagem da história de um pastor que rezava com simplicidade, amor e fidelidade, sugere a presença de Deus em todas as coisas. Assim, sucede-se a história:

Certa vez um Rabino ouviu suas orações (do pastor), e o advertiu de que aquela não era a maneira correta de orar. O pastor desculpou-se de não poder fazer suas orações segundo os livros, porque não sabia ler. O Rabino ofereceu-se para ensinar-lhe as preces corretas, convidando-o para visitá-lo regularmente. Em pouco tempo, o pastor aprendeu-as e memorizou-as. Passado algum tempo, o rabino voltou a encontrar o pastor, que já não orava como antes. Perguntou-lhe, então, por que não orava mais. O pastor disse que havia esquecido as orações e que também já não se lembrava de como as fazia antes. Preocupado, o Rabino consultou um superior que, com toda sabedoria, o admoestou pelo fato de ter inibido as preces originais do pastor, que por serem espontâneas e sinceras eram muito mais piedosas e faziam com que os céus tremessem (p.50).

E ao finalizar essa história, Nudel (1994) faz o seguinte comentário:

Nessas condições, a verdadeira prece não decorre da mera prática ritual, da piedade aparente ou da erudição, decorre da aplicação e do intuito da devoção interior. Ao proferir sua oração, o crente deve desfazer-se de seu fardo de pequenas misérias e desejos, e despojar-se da própria individualidade de modo a elevar-se ao reino das alturas (...) exigida pela prece genuína (p. 53).

Dessa forma, o sagrado e o profano estão unidos e se complementam numa totalidade universal, proporcionando o encontro entre o divino celestial com o terreno comum.

Inicialmente, é preciso compreender o que Buber procurou significar com sua crença na imanência divina, como assim proferiu: “Ver Deus em todas as coisas; alcançar a Deus por meio de todo ato autêntico” (Buber, 1979, p. 79).

Essa crença na imanência de Deus é fruto de uma reinterpretação da Cabala: Deus poderia ser encontrado em todos os aspectos da vida, uma vez que o

mundo existia dentro d'Ele. Com alguns elementos panteísticos, esse modo de pensar procurava resolver o problema do distanciamento que havia separado o homem, a criatura, de Deus, o Criador, além de minimizar a questão que surgia do grande medo de Deus.

Para melhor explicar o sentido da imanência divina apregoado por Buber, cita-se um ditado: “Deus reside lá onde o deixam entrar. (...) o que é profano não é mais olhado doravante como um estágio preparatório do sagrado: é aquilo que ainda não foi consagrado” (Buber,1991, p. 75-81).

Não é uma espiritualização do mundo, nem mesmo destemporalização das coisas (Buber, 1991), mas apenas uma mudança de perspectiva. Mudança que torna horizontal a relação com Deus, em contraste com a verticalidade e o distanciamento.

A colocação da comunidade no centro de seu interesse estabelece a retomada do sentido da responsabilidade para com o povo. Unidade e responsabilidade mútuas, entre as comunidades. É a retomada da ação na realidade, ação responsável, fruto de uma escolha, da liberdade individual de cada um.

Percebe-se que a abordagem de Buber só é possível mediante uma atitude fenomenológica do ser. Não se alcança a plenitude do encontro sem antes haver realizado uma redução, numa abstenção dos apriorismos e dos julgamentos, para se atingir o outro sem barreiras.

Proporcionar novas descobertas, mudar paradigmas, eis o que deve configurar como pressuposto básico para a construção do conhecimento que, por trazer bagagem de algumas frustrantes tentativas de mudanças, leva, por vezes, ao recuo.

Entretanto, estas mesmas tentativas corroboram uma nova e inusitada aquisição do saber e abertura para o aprendizado.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA E ESCOPOS EDUCACIONAIS

4.1. Método de investigação e instrumentos utilizados na pesquisa

O objetivo dessa pesquisa participativa foi o de investigar a situação dos alunos da CA e encontrar possíveis soluções visando resolver problemas com direta e imediata aplicação, ou seja, investigar elementos para embasar mudanças e desenvolver a prática educativa em sala de aula, tendo a formação religiosa como forma condutora do diálogo, solidariedade e ecologia. Tais elementos foram concebidos como indicadores de cidadania de cunho religioso.

A pesquisa em ação permitiu conclusões superiores a uma mera impressão ou a resultados fragmentados. Portanto, essa é uma pesquisa flexível e adaptativa. Teve, por sua vez, grande valor na solução de problemas educacionais, sem, contudo contribuir diretamente para o corpo de teorias educacionais.

A linha adotada na presente pesquisa adere aos princípios metodológicos qualitativos, cuja abordagem fenomenológica é apresentada como ciência descritiva da realidade, das suas variações modais e das suas formas essenciais. A abordagem exige o contato pessoal do pesquisador com o objeto, a participação social ou a identificação imaginativa (Petrelli, 2001). Por isso, tem-se como finalidade descobrir os motivos, as intenções e demais fatores das ações e dos acontecimentos sociais voltados para a formação religiosa e a formação da cidadania, no caso, do aluno da Classe de Aceleração.

Para tanto, desenvolveram-se encontros semanais com os alunos da CA, em forma de oficinas⁵, nas quais utilizaram-se como recursos da prática da arte marcial do Tai Chi Chuan e do Psicodrama.

Nesse processo, considera-se a religião como integrante da cidadania o qual, a cada dia torna-se mais uma exigência básica dos direitos humanos. Tem-se que a religião é a busca de sentido à necessidade que o ser humano tem de atribuir sentido à vida.

Objetivou-se, ainda, desenvolver trabalho de campo, cuja coleta de dados ocorreu por intermédio de entrevistas abertas com os pais (familiares) e os professores dos alunos da CA e, dessa forma, assinalar possíveis mudanças de comportamentos desses alunos, representadas por gráficos, em períodos distintos, tabulados em Antes e Depois das oficinas. Para tanto tem-se que a novidade não está na teoria mas na prática.

⁵ Em sentido figurado, oficina refere-se ao lugar em que se verificam grandes transformações. Lugar, ou espaço onde se exerce um ofício tipo laboratório experimental. Espaço aonde são dirigidas algumas vivências (Dicionário Houaiss, 2001).

4.2. Técnica de coleta de dados – Oficinas

A partir de um enfoque interdisciplinar, a coleta de dados para essa pesquisa foi desenvolvida por meio de oficinas em uma CA de uma escola de Rede Pública de Ensino Fundamental, em Brasília-DF, como já citado. Esboçaram-se algumas experiências que foram coletadas para essa pesquisa e desenvolveu-se um trabalho de sensibilização educacional e profilático com a CA, motivando os alunos a estudar, a freqüentar as aulas, bem como a contribuir para o andamento da aprendizagem, tendo como pressuposto básico a solidariedade: a comunhão, a essência religiosa, na qual se desencadearam exercícios lúdicos, sem, no entanto, utilizar a declaração da religião, ou seja, uma educação religiosa explícita.

Nos encontros semanais, as oficinas foram desenvolvidas por tópicos de cunho filosófico para reflexão, do tipo: O que é virtude; solidariedade; compaixão; amizade; ecologia, bem como a utilização do Psicodrama e as expressões corporais de exercícios de Tai Chi Chuan.

Os encontros com a turma de CA ocorreram, então, semanalmente às terças-feiras, no horário das 15h40 às 16h30, tendo início em fevereiro de 2003.

Iniciou-se o procedimento de coleta de dados a partir de entrevistas e questionário (*modelo em anexo*), organizado para os alunos, com o intuito de fortalecer o vínculo afetivo entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

Apesar da situação ser inusitada para os alunos da CA, a maioria ficou à vontade após os primeiros momentos da conversa. Em uma das oficinas desenvolvidas, os alunos responderam a um questionário que fornecia respostas diretas, do tipo: “Que adolescente eu sou” (Pires, 2002, em *anexo*) para que se pudesse identificar o perfil da

turma, atendendo à demanda da pesquisa, que coletava registros para que a mesma fosse direcionada a um processo de personalização, ou seja, para que se identificasse no indivíduo as suas características peculiares, como: carência, ajustamento social, alunos problemáticos, na leitura da direção da escola, e necessitado de atenção e escuta, isto é, de “re-ligação” com a sociedade como um todo.

Nos subcapítulos seguintes, segue descrição sucinta das modalidades utilizadas nas oficinas, tanto de Tai Chi Chuan quanto do Psicodrama, bem como elementos religiosos marcadamente presentes nos pensamentos de Buber e de Moreno, e que, portanto, influenciaram na condução dessa pesquisa.

4.2.1. A arte do Tai Chi Chuan

Utilizou-se, para aquecimento, o exercício de Tai Chi Chuan como proposta de integrar corpo mente e espírito e, ao mesmo tempo relaxar os jovens adolescentes, clientes desta CA.

O Tai Chi Chuan é um sistema que encontra pilares filosóficos no “Tao” ou “Taoísmo”. Busca a relação do homem consigo mesmo, com a natureza e com o universo, levando àquilo que os orientais identificam como “consciência cósmica”. É uma prática que sugere o encontro com o cosmo, consigo mesmo, promovendo paz, equilíbrio e saúde mental. É um exercício que está para além de atividades físicas e/ou motoras.

Optou-se pela arte marcial chinesa do Tai Chi Chuan por entender que a mesma representa, na sua prática, uma batalha entre uma pessoa e suas próprias

limitações, fornecendo, dessa forma, liberdade de escolha para que se pudessem desenvolver os próprios papéis – de educadores, de alunos, enfim, de aprendizes que, em comunhão, buscam saber mais, num movimento crescente de dentro para fora.

Promovendo aos seus participantes uma flexibilidade que ultrapassasse o simples exercício físico e que é encontrada internamente naquele que se dispõe a uma experiência nova, aliada à prática do Psicodrama como uma técnica que revela a importância corporal, como ponto fundamental para o desenvolvimento espontâneo, assim, acredita-se que é no corpo que se forma o núcleo da espontaneidade e o Tai Chi Chuan auxilia na liberação do fluir e despertar dessa espontaneidade.

Tai Chi Chuan significa prática do equilíbrio dos opostos, traduzido do chinês: *Tai* = equilíbrio, homem centrado; *Chi* = os pólos, os extremos e *Chuan* = punhos, prática. Os benefícios dessa prática para a saúde e o bem-estar já foram alvo de estudos em vários países do mundo. O desenvolvimento dos movimentos compassados e circulares, que essa arte requer, envolve ritmo, equilíbrio, respiração e concentração.

Assim, a prática do Tai Chi Chuan propõe o autoconhecimento e a extrema atenção no eu e no outro como a maior possibilidade de relação. A pessoa só pode respeitar o outro quando se respeita. Aliás, qualquer relação só tem sentido quando é de troca, pois o homem é parte do mundo. O Tai Chi, segundo o Mestre Dada Inocalla, filipino e praticante há mais de 30 anos, é uma filosofia e um trabalho de corpo e espírito que resulta em saúde física e mental, num equilíbrio interno e externo.

4.2.2. Psicodrama: a teoria de Moreno e a religiosidade na esfera social

O Psicodrama é um método de terapia e de ensino em grupo que, utilizando a livre improvisação dramática, visa ao desenvolvimento da espontaneidade e da liberdade de expressão do indivíduo.

Para o Psicodrama, o homem é um indivíduo social porque nasce em sociedade e necessita dos outros para sobreviver, sendo apto para a convivência com os demais, é, portanto, a sociologia do povo, pois é uma proposta de não verticalidade, o qual segue o processo de dentro para fora, conhecido, também, como método científico-qualitativo, que utiliza a pesquisa participativa.

Os pontos centrais da teoria moreniana são a socionomia e a espontaneidade. A socionomia é a ciência das leis sociais, “(...) a antiga dicotomia ‘qualitativo’ versus ‘quantitativo’ é resolvida na socionomia de nova maneira. O ‘qualitativo’ está contido no ‘quantitativo’ não é esquecido (...), tratado como uma unidade” (Cukier, 2002, p.280).

Nessa ótica, traça-se a teoria de ação de Moreno (1997), cujo principal pressuposto é a experiência da ação livre, isto é, espontânea e participante, correspondendo aos verdadeiros anseios do sujeito com o pressuposto da Sociologia da Religião, que, segundo Durkheim (2001), “para que a sociologia trate os fatos como coisas é preciso que o sociólogo sinta a necessidade de aprender com eles” (p. 89). Dessa forma, aprende-se com os atores dessa pesquisa.

Segundo Moreno, a realização da ação espontânea equivale à criação e ao desempenho de papéis que correspondem a modelos próprios de existência.

Gonçalves (et al, 1988) acrescenta que:

Para que tenhamos o prazer de nos sentirmos vivos é preciso que nos reconheçamos como agentes do nosso próprio destino. Quando somos

reduzidos à condição de peças de engrenagens, nas quais somos colocados sem o reconhecimento de nossa vontade, impedidos de iniciativa pessoal, estamos apropriados de nossa espontaneidade. (...) A **espontaneidade** é a capacidade de agir de modo “adequado” diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou **renovadora** ou **transformadora** de situações preestabelecidas (p. 46-47) (O grifo é da autora).

Nesse sentido, ser espontâneo significa estar presente às situações configuradas pelas relações afetivas e sociais, procurando transformar seus aspectos insatisfatórios, portanto, a espontaneidade é indissociável da criatividade.

Dessa forma, na teoria do Psicodrama perpassa a intenção da religiosidade imbricada na esfera social, isto é, refere-se às questões da religião como atributos que envolvem as relações sociais, como sentimentos, apresentados de forma internalizada, porém, identificadas por meio de atitudes nas relações com o mundo e com os homens. A fim de grifar as observações de Moreno nos aspectos tocantes à relação social, tem-se Durkheim (2001), o que acrescenta:

(...) os únicos elementos que formam a sociedade são indivíduos.(...), entretanto a sociedade não é uma simples soma de indivíduos, (...) sem dúvida, nada se pode produzir de coletivo se não houver consciências particulares. É necessário que estas consciências se associem, se combinem, e se combinem de certa maneira; é dessa combinação que resulta a vida social e, por conseguinte, é esta combinação que a explica (p. 114-115).

Moreno propõe uma comunhão na qual acontece a troca, a permuta, sugerindo o rompimento da “conserva cultural” pelo estímulo da criatividade e espontaneidade. Esse processo do ensino e do aprendizado é permeado pela intersubjetividade fenomenológica, num constante vir-a-ser como um método aberto. E diante das trocas de informações da relação professor e aluno, afeta-se e todos são

afetados, usando a intencionalidade para que a integração aos universos que se abrem, procurem um estado “tético”, isto é, uma experiência interpessoal e não o sentimento ou emoção de uma só pessoa. Tele é, portanto, o próprio encontro.

Psicodrama trata da aprendizagem por meio de atividades, construção do conhecimento por método vivenciais, isto é, aprendendo vivendo e convivendo. E dessa forma, pode-se cuidar e criar para que o aprendiz tenha um elemento essencial para a sua concretização: prazer.

Para dar prosseguimento à pesquisa, ou seja, registrar os dados referentes a possíveis mudanças de comportamentos dos alunos da CA, seguem os aspectos do procedimento da pesquisa.

CAPÍTULO V

DO PROCEDIMENTO DA PESQUISA

5.1. A percepção de uma realidade em mudança

No primeiro dia de encontro com a turma, foi lançada para os alunos a seguinte pergunta: “O que vocês esperam dos nossos encontros?”

Os alunos responderam (registraram-se apenas algumas falas):

A1: Eu? Ah (...) espero que seja bom, que a gente possa fazer amigos, conhecer [sic] melhor as pessoas, saber mais coisas da gente mesmo(...) [momentos de pausa e silêncio].

A2: Ajudar no nosso desempenho.

A3: Brincar.

A4: Ficar assim (...).

Ao que a pesquisadora indagou: Assim como?

A4: Mais calmos, sem Violência!

A5: Saber obedecer(...) já levei muita suspensão (...) [risos].

Acredita-se, pois, que se o comportamento de todos os outros, se o sucesso de uma comunidade depende do sucesso de cada um dos seus membros, então, o incentivo para a formação de laços afetivos entre todos seria uma vantagem estratégica.

Diante do exposto, lança-se a seguinte questão: Por que ou para que da utilização desses métodos na abordagem *Religião e Educação: Pressupostos básicos para construção da cidadania?*

Os alunos da CA, como um todo, necessitam de um grupo que esteja desprovido de conceitos pré-formulados no que diz respeito aos seus comportamentos e condutas.

O intuito desses encontros e desenvolvimento de oficinas foi para “medir” uma possível mudança qualitativa do comportamento dos alunos da CA – a questão da subjetividade como um processo dialógico dos atores envolvidos (Rey, 2002) –, isto é, o antes e o depois do comportamento dos atores dessa pesquisa, dos alunos envolvidos com as oficinas oferecidas pela pesquisadora, cujos resultados dos dados foram tabulados conforme procedimento de pesquisa quantitativa.

Buscou-se no desenvolvimento do teatro espontâneo com os atores dessa pesquisa utilizar a “arte do momento” em contraste com a “arte da conserva”, ou seja, os alunos tidos, nesse momento, como atores e, ao mesmo tempo, como público e criadores de temáticas pertinentes ao enfoque religioso e educacional quais sejam: solidariedade e conduta ética, que buscam promover respeito e atitudes de responsabilidade.

Foi proposta pela pesquisadora uma forma “nova” de encontro com os alunos, que aconteceu fora da sala de aula, ao lado da quadra de esportes da escola, embaixo de uma frondosa árvore de Ipê, ao ar livre, aonde se trabalhou temáticas específicas. Tentou-se abordar tópicos de cunho reflexivo sobre Solidariedade e Anomia. A título de ilustração, segue descrição de uma das oficinas desenvolvida com os alunos da CA, feita pela pesquisadora:

Ok. Precisamos negociar algumas coisas aqui. Temos normas a seguir aqui na escola. Se vocês cooperarem, poderemos nos encontrar ao lado da quadra, porém precisamos estar sempre juntos, como grupo, não poderá haver dispersão. Se algum colega não cumprir com essa regra, então teremos de nos reunir em sala de aula mesmo. Ah! Mais uma coisa, o que acontece com os nossos encontros permanece entre nós. Isto significa que vocês não podem falar aos outros colegas como foi o nosso encontro. Está bem clara para vocês a norma estabelecida para que os nossos encontros aconteçam fora da sala de aula?

Os alunos escutaram atentamente sem nenhuma interrupção e foi proposto um ato de comprometimento que só se saberia se aconteceria na prática.

Em um outro momento o qual discutia-se sobre as atividades do primeiro dia fora da sala de aula, a pesquisadora foi interrompida por uma aluna que entrou na sala de aula bruscamente, sem o mínimo cuidado com o que estava acontecendo na sala. Esta aluna posicionou-se no meio da sala de aula, pegando seus pertences e conversando com algumas colegas, ignorando por completo a

presença da pesquisadora. Então, a pesquisadora aproveitou o momento e lançou a seguinte pergunta:

P: O que nós estamos vendo aqui neste momento?

A1: Bagunça!

A2: Falta de respeito.

A3: Falta de educação.

A4: Falta colaboração.

P: O que podemos fazer para 'modificar este quadro'?

A5: Conversar.

A6: Ter respeito.

A1: Ter educação.

A4: Ter responsabilidade.

Após esta breve interrupção ao qual a pesquisadora aproveitou a oportunidade criada pela cena a partir dos próprios alunos, levando para momentos de reflexão pertinentes ao tema trabalhado com estes alunos da CA, qual seja, Solidariedade e Anomia, a pesquisadora solicitou para que todos fossem para o local combinado, fora da sala de aula, e a aluna que havia entrado bruscamente na sala de aula se recusou a participar. [Esta aluna inclusive é a que apresenta maior dificuldade de concentração e muita indisciplina]. Segue o diálogo que se manteve entre a pesquisadora e a aluna.

A9: *Eu não vou!*

P: *Por que não A9?*

A9: *Ah não, me deixa (...) Eu quero ficar aqui!*

P: *Por favor, A9 sua presença é muito importante para nós!* [Aproveitando o momento ao qual identificou-se o vínculo já estabelecido entre pesquisadora e aluna].

Então A9 sorriu (provavelmente agradecida) e foram as duas, aluna e pesquisadora, ao encontro da turma que já se encontrava no pátio.

Nesse dia “pouco se trabalhou” no sentido de se desenvolver as oficinas, porém, percebeu-se que toda a turma ficou ‘tocada’ com o que presenciaram. Houve registro de mudanças de comportamento no sentido de se obedecer sem imposição e sim pelo afeto, ternura, respeito e, sobretudo aceitação. Praticou-se um pouco do exercício do Tai Chi e nos despedimos.

Iniciou-se o encontro seguinte (na outra semana), com algumas posturas do exercício de Tai Chi Chuan. Eles se apresentavam tímidos, meio travados, sem querer ‘colaborar’ ou ‘soltar’ os movimentos para a dinâmica proposta.

Em seguida sentaram-se todos no gramado, e lançou-se a seguinte questão:

P: *O que nós fizemos no encontro passado?*

A4: *‘fessôra’, nós vimos respeito e não respeito na sala de aula.* [Se referindo ao momento em que a A9 entrou na sala de aula interrompendo bruscamente a atividade proposta].

Aproveitou-se este aquecimento para montar uma cena. Foi proposto para que se dividisse a turma em dois grupos: “A” que concordava que a turma precisava melhorar e “B” que pensava que não precisava mudar, ou seja, a turma se apresentou dividida no tocante a conduta dos alunos com relação à educação e ao respeito para com os próprios colegas.

Os alunos, entre eles, montaram duas cenas “A” e “B”, tentando mostrar a presença de respeito e solidariedade para com o grupo.

Então, o grupo “A” apresentou a seguinte cena:

Solidariedade no cotidiano: (06 alunos)

Alunos: Estamos na rua atravessando a rua e então, uma ‘velhinha’ pede ajuda, podemos ajudar ou ignorar, mas como queremos ser solidários, que é isto que é ser solidário não é professora?

P: Ok prossigam. São vocês que vão montar a cena e representar, lembram-se?

Alunos: Bora cara, se não num dá tempo! [Os alunos encenaram a contento e comentaram que ser solidário também é ser participativo e atencioso para com os mais velhos].

O segundo grupo, “B” ao qual defendia a idéia de que os alunos desta sala não eram mal educados e não demonstravam falta de respeito ou de educação em sala de aula, iniciaram a apresentação encenando o convívio em sala de aula, porém o sino bateu e a turma se dissipou...

Segundo percepção da pesquisadora, os alunos têm demonstrado interesse em participar. A maioria já 'consegue' ficar alguns instantes sem tanta conversas paralelas. Eles também demonstram certa ansiedade e excitação na hora de encenar alguma cena que eles mesmos criam. Ratifica-se que as cenas montadas surgiram a partir dos encontros em sala de aula, e o que motivou os alunos, segundo a percepção da pesquisadora, foi a tomada de consciência da situação caótica (e anômica) em sala de aula, ou seja, eles viram *in loco* o quanto a desatenção está presente durante as aulas. Isto aconteceu, principalmente no encontro aonde a A9 interrompeu a fala da pesquisadora bruscamente. Ou seja, o grupo continua disperso, mas com boa vontade em colaborar.

O trabalho educativo feito por meio de filmes e peças de teatro e de visitas a famílias foi uma ocasião entre os alunos para a análise crítica do funcionamento dos sistemas sociais; para uma relação mais profunda com as pessoas, o mundo e a natureza; para a construção da identidade, na questão da socialização, como visto em Berger, e da cidadania como prática social.

No trabalho ao ar livre, pôde-se criar dinâmicas em que os alunos da CA elegeram uma planta e uma árvore para contemplar e, a partir de então, cuidar. Desse modo, os alunos perceberam o outro e a vida, formando um elo de afeto, experimentando a sensação agradável de ser responsável. Esse é um aprendizado de mão dupla, professor e alunos, um aprendizado de altruísmo.

Houve uma pausa para ouvir o silêncio, ver o movimento ou perceber detalhes e formas mais sutis da natureza que constituiu uma experiência inefável. Aprendeu-se a entrar em contato consigo mesmo e permitiu-se um estado de espírito

solto, lúdico e despreocupado, no qual se produziu o autocontrole e a percepção consciente do fluxo de impulsos e pensamentos que predispôs novos conhecimentos e descobertas. Enfim, vivenciar a religião na sua prática, na ação com tudo que cerca os indivíduos. Aqui a religião é essencialmente religação, isto é, a experiência que se liga à natureza, ao cosmos e a si mesmo.

Sempre, ao chegar à sala de aula, a pesquisadora tecia algumas considerações sobre o encontro anterior e explicava o que fariam juntos naquele momento. Fazia alongamento e um pouco de exercício de Tai Chi Chuan para despertar o corpo e “chegar” (no sentido de se *estar presente* de corpo e alma e não apenas de corpo físico) à sala de aula de forma tranqüila e harmoniosa. No início, sentiu-se resistência de boa parte do grupo, uma vez que a turma se encontrava em uma faixa etária entre 12 a 17 anos de idade; contudo, à medida que o grupo se sentia seguro e percebia que tudo era uma brincadeira, pôde-se dar continuidade aos trabalhos com a participação da grande maioria.

Em alguns momentos, variou-se o aquecimento com jogos indicados para motricidade e expressão corporal, tais como: descoberta de si mesmo, pássaros no ar, personagens célebres, jogo dos bichos, entre outros (Yozo, 1996).

Em uma das oficinas, sentaram-se todos em círculo e colocou-se uma caixa com algumas fichas de perguntas no centro da roda. Utilizou-se uma roleta para girar e assim ser escolhido o aluno para tirar uma ficha da caixa e responder, ou então, no caso de ser uma ficha em branco, o aluno deveria elaborar a questão. As perguntas eram do tipo:

- Qual o seu *hobby* preferido?
- De que você mais gosta nesse grupo?

- De que você menos gosta nesse grupo?
- Qual o seu prato predileto?
- Quantos anos você tem?
- Qual seu esporte preferido?
- Qual a disciplina de que você mais gosta?
- O que você faz nos finais de semana?
- Qual é o seu mestre interior?

Todos participaram ativamente, com certa ansiedade. Um aluno que tirou a questão “Qual é o seu mestre interior?” perguntou qual o significado da mesma. A pesquisadora explicou-lhe que mestre é aquele que ensina, aquele que mostra o caminho a se seguir, que passa algo de bom que pode ser aproveitado no dia-a-dia. Mestre pode ser os pais, um outro parente, o professor ou um amigo querido. Então ele respondeu:

A: Ah, fessora, meu mestre é Jesus. O grande mestre é Jesus.

P: Como assim?

A: É Jesus, Deus. (Meio sem graça, provavelmente porque percebeu a surpresa da pesquisadora com a sua resposta).

P: Mas por que Jesus?

A: Porque é Ele que me ensina, que me ajuda a tomar decisões.

P: Como?

A: Através dos sonhos, Ele (Deus) me mostra como fazer, por meio de sonhos (...).

P: Ok. [Com um sorriso e um tranquilo semblante].

Percebe-se a manifestação da religiosidade no convívio com esses alunos. Em seguida, com o intuito de se fazer uma ponte com o encontro anterior, a pesquisadora lançou a seguinte pergunta, escrevendo no quadro e para preservar o

anonimato dos atores, utilizou-se A1, A2 ... A24, para identificar os alunos, P para a pesquisadora e CA para toda a turma:

P: O que vocês entendem por solidariedade?

CA: É (...) compartilhar o pão, o alimento, ajudar.

P: Quem?

A1: Os pobre, [sic] as pessoas que não têm condições.

A1: Doação.

A2: solidão.

P: Não, não é solidão. Solidão é quando se está só. Solidariedade é compartilhar, ter respeito, escutar, ajudar, é tudo o que os seus colegas disseram.

Registrou-se no quadro a fala dos alunos. Com relação à última fala do aluno que comparou solidão e solidariedade, a classe riu, mas não houve chacota com o colega, como era de costume.

Sendo esse ato criador improvisado, pretendeu-se trabalhar em um enfoque de discussão e de escolha do tema livre, ou seja, a ação, as palavras, o encontro e a resolução dos conflitos dos alunos da CA, que foram pertinentes às condutas anômicas observadas no contexto de sala de aula e já descritos e pretendeu-se que os comportamentos desses alunos fossem modificados e adequados ou reajustados a partir deles próprios.

Assim, o cenário-espaco, isto é, o espaco da vida desses alunos se religou ao espaco maior da criação, onde teve-se a oportunidade de lidar com temas considerados pelos alunos da CA de grande interesse para possíveis geradores de

mudanças de comportamento, tais como: para que brigar, por que vir à escola, por que preciso escutar o colega, o que é convivência familiar, aprender a desenvolver a solidariedade, o que é violência, evitar o uso de drogas, etc.

Nesse enfoque, trabalharam-se várias situações simultaneamente: os cotidianos pessoais, familiares e educacionais, as inquietações, as aspirações e as incertezas por que passam esses adolescentes no momento atual.

Acredita-se, pois, que, por meio dessa aprendizagem vivencial, foi possível assimilar o conhecimento com maior facilidade e incorporá-lo ao Eu como um elemento próprio, e não enxertado ou imposto.

Procurou-se a resposta vivencial, a atitude “não conservada” por parte do aluno de adaptação social, pois a percepção de cada um ajuda a ampliar a percepção geral e a configurar uma solução que está latente em todos. O processo começa a assumir o papel do outro, passa pelo caminho de partindo do perceptual, iniciar a inversão de papel com esse outro e corrigir esse perceptual até a completa inversão de papéis.

Pensou-se em um método ativo que, além de estimular e desenvolver a capacidade crítica, incentivasse o aluno da CA a ter e a valorizar sua própria motivação, a aprender e a se socializar.

Destarte, não há progresso escolar ou de mudança de comportamento e/ou crenças naquilo que simplesmente se ouve ou vê, mas sim naquilo que se ensaia e que se faz. O papel de mero espectador não traz vantagens ao estudante: a “verdade” deve ser conquistada a partir da própria experiência do aluno.

Acredita-se, inclusive, que esse método pode ampliar a percepção dos alunos como papéis sociais e o aumento e coesão do grupo e, por conseguinte da união

e continência na relação entre eles, havendo então intensificação de sentimento grupal, ou seja, de solidariedade e respeito pelo outro, pois, na medida em que aumenta a cooperação e diminui a competição entre eles, os alunos desenvolvem a interação aluno-cidadão e a relação pessoa-pessoa, *Eu e Tu* em vez de *Eu Isso*, nas palavras de Buber (1979), os quais se consolidam.

O intuito das oficinas foi o de atender ao objetivo de desinibir a turma, criar vínculos, desenvolver a autenticidade do grupo e o hábito de ouvir e falar, enfim, resgatar a cidadania mediada pela formação religiosa, como pressuposto inserido no contexto social, grupal e educacional porque percebeu-se a religião como elemento presente na vida do indivíduo e, no caso, dos alunos da turma de CA.

Como reposicionar-se frente a uma sociedade por demais carente e tolhida de elementos básicos como a solidariedade, o respeito e o diálogo? Como exercitar um contato que promova o compromisso com uma ética baseada em princípios de respeito e responsabilidade?

Para que se possa acreditar em mudanças é preciso ter sensibilidade e compreender que, em cada questão, há uma conduta que leva à reflexão, ao pensar que impulsiona a busca de referenciais teóricos e práticos, promovendo, assim, o diálogo existencial genuíno e participativo. Então surge um momento mágico que ocorre na alquimia do encontro, da transformação, tendo como elemento básico a escuta, porque toda e qualquer escuta requer um esvaziamento do ser, de valores, de sentidos para, então, se construir amor ao próximo e a si mesmo.

5.2. Forma descritiva da coleta de dados

Em primeira instância, elegeram-se quatorze famílias para aplicação de entrevistas abertas, no período de 8 de março a 19 de abril de 2003, tabulado como *Antes* das oficinas e de 6 a 21 de agosto de 2003, período tabulado como *Depois*.

Para as entrevistas semi-estruturadas, a pesquisadora utilizou observações e anotações no caderno, instrumento que utilizou como diário, com o intuito de deixar os familiares o mais a vontade possível. Procedeu-se ao seguinte roteiro:

- O aluno ajuda com as tarefas domésticas.
- Ele obedece (sem ameaças).
- Quando e por que fica violento.
- Cuida dos afazeres escolares.
- Contribui para a organização da casa.
- Cuida da sua aparência física.
- Cuida do animal (quando for o caso).
- Preserva o meio ambiente (não joga papel no chão, no caso, no quintal ou nos arredores da vizinhança).
- Não destrói plantas ou flores.
- Possui respeito pelos próximos.

Aos professores que acompanharam os alunos procedeu-se de forma generalizada, pois, ao se analisar suas falas, constatou-se que os mesmos tenderam a reunir, numa só opinião, fatos pertinentes ao comportamento dos alunos em sala de aula de forma geral, isto é, de toda a turma de CA. Para tanto, as entrevistas com os professores ocorreu em 19 de fevereiro a 11 de março de 2003, período tabulado como *Antes* e em 22 de julho de 2003, como *Depois*. Para com os professores, procedeu-se

com o seguinte roteiro, com entrevista aberta sem a utilização de questionários ou gravador.

- Os alunos colaboram em sala de aula.
- Prestam atenção nas atividades propostas.
- Tem diminuído a evasão escolar.
- Brigam menos nos decorrer dos encontros.
- Tem aumentado a pontualidade entre eles.

Elegeram-se alguns dos aspectos mais representativos da realidade, isto é, exercitar a cidadania mediada pela formação religiosa dentro do contexto educacional porque a educação é um processo de conscientização da relação “ser-mundo” e, destarte, decorrem da ampliação e comunicação do horizonte individual e a formação religiosa é a própria cidadania, pois se inicia com obras de solidariedade.

As respostas dos professores e as dos familiares foram selecionadas para análise e recortadas por representarem as categorias e, também, por apresentarem pertinência às questões da pesquisa. Assim, as categorias referem-se a aspectos importantes do tipo da conduta dos alunos em sala de aula e em suas casas, Antes e Depois das oficinas. Tanto na primeira diretriz quanto na segunda, estabeleceram-se as categorias *Diálogo*, *Solidariedade* e *Ecologia*, sendo que nas respostas dos familiares estabeleceu-se subcategorias para clarificação da análise dos dados.

A respeito de tais registros, buscou-se dar significados das expressões dos sujeitos envolvidos na pesquisa, quais sejam alunos, famílias e professores. Assim, foram coletados dados que demonstraram possíveis mudanças de comportamento dos

atores da pesquisa, percebida pelos professores e analisadas, por intermédios de suas falas (entrevista aberta) pela pesquisadora, visto que mudanças de atitudes ocorrem processualmente, mormente entre os alunos que apresentam atrasos e desinteresses nos estudos. Estabeleceu-se, ainda, o critério de graduar as variáveis utilizadas como indicadores de mudanças em Bom (Bo), Regular (Re) e Ruim (Ru).

5.3. Técnica de registro de dados – Tabelas

Com a finalidade de clarificar e de sistematizar o processo de discussão e análise da pesquisa, as falas mais significativas dos entrevistados foram reunidas em blocos temáticos, a partir de temas comuns a elas, selecionados e identificados pela pesquisadora em formas de tabelas. Foram organizados de maneira a configurar categorias de análise, permitindo construir e explicar teoricamente as manifestações de possíveis mudanças dos sujeitos estudados. Para facilitar o entendimento e a visualização dessa análise, estabeleceu-se que as respostas ou a fala dos participantes seriam apresentadas em itálico e indicados conforme a seguir: Famílias: F1, F2,...F14; Professores, Pr1, Pr2...Pr7; Pesquisadora: P. Segue em detalhes, as tabelas das entrevistas abertas:

5.3.1. Tabulação de dados das entrevistas com os familiares

Essa etapa consistiu em estar com a família dos alunos da CA a fim de registrar dados para comprovação, ou não, de mudança do comportamento dos alunos

antes e depois do desenvolvimento das oficinas. A autorização para tal procedimento foi previamente concedida pela direção da escola.

Para registros das mudanças de comportamento dos alunos utilizaram-se os critérios com análises em base da entrevista aberta (diálogo) com a família. Assim, entrevistou-se a família para registros dos comportamentos dos alunos da CA com relação ao convívio deles em casa, sobretudo com relação ao *Diálogo*, *Ecologia* e *Solidariedade*.

Tabela 1: Registro de dados das entrevistas abertas com os familiares.

Ator da Pesquisa: A1 (Fem./15 anos) F1		Antes			Depois		
		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito	X			X		
	b. Escuta		X		X		
	c. Tolerância		X		X		
	Percentual	33%	66%	0%	100%	0%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito	X			X		
	b. Prestativo	X			X		
	c. Disciplina		X		X		
	Percentual	66%	33%	0%	100%	0%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive		X		X		
	b. Cuidado		X		X		
	c. Respeito	X				X	
	Percentual	33%	66%	0%	66%	33%	0%
		04	05		08	01	
Percentual Σ		22%	28%	0%	44%	6%	0%

Antes: [...] Ela é filha única é pau pra toda hora. Ela não mente. Ajuda em casa. Se ela colabora assim, às vezes, como eu te disse, né! Às vezes rola o maior quebra pau aqui dentro. É bem desatenta. Se ela me respeita, bom (...), acho que sim, nós somos muito amigas, de verdade, é. Acho que sim.

Depois: [...] Parece mesmo que ela está crescendo (...) entendendo mais das coisas. Ela está bem mais compreensiva do que no início do ano. A gente se entende mais. Preciso dela e ela também precisa de mim.

Tabela 2

Ator da Pesquisa: A2 (Fem./16 anos) F2		Antes			Depois		
		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito			X		X	
	b. Escuta			X		X	
	c. Tolerância		X			X	
	Percentual	0%	33%	66%	0%	100%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito			X		X	
	b. Prestativo	X			X		
	c. Disciplina			X		X	
	Percentual	33%	0%	66%	33%	66%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive		X		X		
	b. Cuidado		X		X		
	c. Respeito		X		X		
	Percentual	0%	100%	0%	100%	0%	0%
		01	04	04	04	05	
	Percentual Σ	6%	22%	22%	22%	28%	

Antes: [...] é muito explosiva, por qualquer coisa ela explode. A minha vida é brigar com ela só faz as coisas se eu ficar mandando. Ela só é prestativa, porque eu trato ela ali, ó, no cabresto! Ela cuida de mim, tem dia que não to muito bem então ela faz um chá e leva para mim, ou então alcança meu chinelo. Ela até que é muito boa.

Depois: [...] Continua a mesma. Ela anda matando muito as aulas. A professora de matemática disse que ela ta até recuperando a matéria prestando mais atenção nas aulas. Em casa, ela melhorou assim. Mas ela até que é bem trabalhadeira em casa. Disso eu não tenho o que falar. Faz as coisas. (...) As coisas que ela tem que fazer.

Com relação ao total da mostragem das entrevistas com os familiares, o registro de dados apresentou a seguinte somatória:

Total Σ	49	65	12	110	16	
Percentual Total Σ	39%	52%	10%	87%	13%	0%

5.3.2. Tabulação de dados das entrevistas com os professores

Para identificar as variáveis coletadas com esta entrevista aberta com os professores, optou-se pela generalização da percepção do professor frente toda a turma da CA. Para registro e posterior análise de dados, esse momento foi pautado com um diálogo aberto com o intuito do professor se posicionar frente ao comportamento dos alunos da CA, isto é, qual a sua percepção frente aos mesmo.

Tabela 1: Registro de dados das entrevistas abertas com os professores.

Classe de Aceleração Professor: Pr1	Antes			Depois		
	Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo			X		X	
2. Solidariedade		X			X	
3. Ecologia			X			X
		01	02		02	01
Percentual		33%	66%		66%	33%

Antes: [...] *Os alunos são muito imaturos. Desinteressados. Apresentam dificuldades em ouvir [escuta] e escutar a professora. São muito dispersos, apresentam agressividades, às vezes, físicas, porque verbal é o tempo todo.*

Depois: [...] *Na minha turma, eles melhoraram bem o comportamento.* Pesquisadora: *Como assim?* Pr1: *Ah, eles brigam menos, ficam até mais tempo quietos que antes [se referindo ao início das aulas].*

Tabela 2

Classe de Aceleração Professor: Pr2	Antes			Depois		
	Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo			X		X	
2. Solidariedade			X	X		
3. Ecologia			X		X	
			03	01	02	
Percentual			100%	33%	66%	

Antes: [...] *Não existe união com esta turma [não há solidariedade]. Eles utilizam o tempo todo de chacota [agressividade verbal]. Canso muito com esta turma. Não apresentam a mínima iniciativa. Não conto com eles para nada. Aluna que ameaça os garotos e parte para agressão física assim (...) por nada. E bate mesmo!*

Depois: [...] *Esta turma até que no aspecto da disciplina deu uma melhorada (...) estão brigando menos! [indícios de mudanças, observada pelo próprio professor!]. (...) não brigam como antes.*

Com relação ao total da mostragem das entrevistas com os professores, o registro de dados apresentou a seguinte somatória:

Total Σ		04	17	03	11	07
Percentual Total Σ	0%	19%	81%	14%	53%	33%

As categorias apresentadas como resposta à primeira questão, ou seja, ao momento identificado como Antes do desenvolvimento das oficinas com os alunos, que investiga a mudança de comportamento do jovem aluno percebida pelos seus familiares, consistem em entrevistas abertas em dois momentos distintos, como já descritos anteriormente.

As categorias, *Diálogo*, *Solidariedade* e *Ecologia*, bem como as subcategorias *Respeito*, *Escuta*, *Tolerância*, *Prestativo*, *Disciplina*, *Ambiente* em que vive e *Cuidado*, refletem os valores condizentes da construção da cidadania.

Buscou-se evidenciar nuances referentes a possíveis mudanças de comportamento dos alunos da CA, em decorrência das oficinas desenvolvidas com os mesmos, e da sua importância no aspecto da formação do indivíduo.

A respeito das categorias já mencionadas, optou-se, primeiramente, em classificá-las recorrendo a dicionários, em seguida, aos conceitos adotados na pesquisa e, quando necessário, tecer comentários e/ou exemplos.

5.4. A classificação das categorias

No primeiro momento, segue uma classificação sucinta sobre os termos Cidadania e Religião, uma vez que essa pesquisa gira em torno dessas temáticas.

Entende-se **Cidadania** como o próprio direito à vida no sentido pleno. Contudo, é um direito que precisa ser construído coletivamente, não só em termos da existência; é preciso haver uma educação para a cidadania, que promova uma tomada

de consciência. Por quê ou Para quê? A violência perpassa o cotidiano das pessoas de inúmeros segmentos, em especial, da população mais carente: mulheres, presos, negros, crianças e idosos. Há um sofrimento que tem lugar no âmbito privado e não vem a público, a não ser que essas pessoas tomem consciência de seus direitos como cidadãos.

Por **Religião** entende-se um caminho que possa oferecer o atendimento às necessidades básicas, mas de acesso a todos os níveis. Pode também ser entendida como um traço espiritual que permite ao homem perceber-se e perceber o outro no Universo, que tenha a qualidade de fazer os vínculos de dentro e de fora do mundo, e que se preocupe com o todo. Nesse aspecto, há o sentido da subjetividade como elemento que se expressa, ou seja, é a identidade do indivíduo que vem à tona, e, ao mesmo tempo, é pensamento e ação para lidar com o mundo, para organizá-lo melhor na direção do que parece ser – a busca de igualdade e de liberdade – é o desejo que motiva o indivíduo a agir dessa ou daquela forma, como expressão do próprio fluxo da vida. Portanto, na proposta da *Cidadania mediada pela formação religiosa*, está implicado a construção da cidadania o qual pressupõe outras dimensões, quais sejam o desejo e a livre expressão de ser o que se é e viver com dignidade. Religião é cidadania, é convivência solidária.

A respeito das categorias presentes nas entrevistas realizadas com as famílias e os professores dos alunos, estabeleceu-se o seguinte critério para traçar um desenvolvimento do entendimento sobre as mesmas.

- *Diálogo* (respeito, escuta e tolerância):

a) Segundo o dicionário Houaiss (2000), entende-se *diálogo* como um sentimento que leva alguém a tratar outrem, ou alguma coisa, com grande atenção e consideração.

b) Para a Pesquisadora, *diálogo* é entendido como uma fala em que há interação, porque, por intermédio do diálogo, cria-se a consciência coletiva havendo uma escuta sensível aonde desperta o cuidar. Dessa forma, processa-se a flexibilidade e pode-se perceber além do que é colocado, sem critérios de valores ou de julgamentos.

- *Solidariedade* (respeito, prestativo e disciplina):

a) Segundo o dicionário de conceitos de teologia (1993), *o homem é feito para o outro e deve encontrar-se com ele através da simpatia que leve a comunhão. (...) não existe uma só palavra fundamental: “eu”. Porém existem duas: “eu e tu”, nas relações entre pessoas – na relação “Eu-Tu” ocorre o encontro que leva ao compromisso – dele surge o ‘Nós’, que é sustentado pelo “entre” na relação de amor (...) comunhão com Deus e com solidariedade cristã; (...) o homem deve passar do uso daquilo que o aliena o escraviza e o leva a oprimir os outros para o uso da liberdade que o faz compartilhar as coisas com os irmãos na solidariedade de onde brota uma sociedade justa e humana.*

b) Segundo a percepção da pesquisadora, entende-se *solidariedade* como um sentimento de responsabilidade – entendido aqui como habilidade para responder – que implica um sentimento de consciência, de troca e de vontade. Nesse ínterim, também estão envolvidos os sentimentos de disciplina, presentes na inter-relação e interdependência porque, dentro dos papéis sociais que o indivíduo exerce ao longo da vida social, há uma correspondência de dependência recíproca de funções. Ainda nessa ótica, pode-se ser entendido como atender ao outro sem autoritarismo ou medo, como ajudar em casa, ter iniciativa para cumprir com as obrigações sem imposição de ameaças ou de

chantagens emocionais ou de trocas de favores. Ainda que tais circunstâncias apareçam, surgem naturalmente, sem prévias determinações. Sobre esta categoria, como visto por Durkheim, há uma explanação mais detalhada no Capítulo II – Solidariedade Social.

- *Ecologia* (o ambiente em que vive, cuidado e respeito):

a) Segundo o dicionário de conceitos de teologia (1993), tem-se que: *O conceito de Ecologia (do gr. 'oikos' = casa), publicado em 1866 pelo zoólogo E. Haeckel, ele entendeu Ecologia como a ciência das relações entre o ser vivente individual ou as espécies e o mundo exterior. A "Ecologia" hoje não designa mais apenas um campo parcial da biologia, mas se tornou conceito-chave de autocompreensão cultural de política de orientação de vida individual e coletiva (...) considera-se a relação do homem com a natureza (...) tocam também nos arranjos sociais, mentalidade coletiva, maneira de pensar, hábitos de consumo, atitudes e padrões de valores que se acham na base de tudo isso.(...) ética de cunho religioso.*

b) Para a autora dessa dissertação, *Ecologia* é um sentimento que demonstra a autovalorização ou interesse em participar das atividades propostas. Há, sobretudo, o diálogo com a natureza tida como parceria. É um exercício de relação que desperta o sentimento holístico, do grego *holos*, em que o todo é maior que a soma das partes; uma prática que propõe uma escuta interna e externa, de dentro-fora-dentro, ou seja, "eu e o universo somos UM".

Essas foram as categorias aplicadas para se alcançar a significação das mesmas, isto é, compreender e codificar as falas dos sujeitos, as quais surgiram das entrevistas abertas entre os professores e familiares dos alunos da CA.

Com relação ao aspecto do conceito da Religião e Cidadania (Solidariedade, Diálogo e Ecologia) para os alunos da CA, registrou-se que os mesmos foram vivenciados a partir dos encontros propostos por intermédio das oficinas, principalmente no tocante a sensibilidade e respeito dos alunos para com os colegas

bem como com referência ao cuidado com o ambiente escolar e a natureza. Tal percepção foi confirmada pelos cenários e cenas desenvolvidas pelos alunos conforme descrição no Capítulo IV (4.1) “A percepção de uma realidade em mudança” p. 74.

CAPÍTULO VI

DISCUSSÃO

6.1. Apresentação dos resultados

Nesse capítulo, foram discutidos os resultados da coleta de dados, cujo procedimento foi relatado no Capítulo IV – Técnica de coleta de dados – Oficinas.

Os resultados da pesquisa foram analisados com base nas tabelas com categorias representativas, tabulados em antes e depois das oficinas com os alunos da CA, comentadas anteriormente, cujo processo ocorreu em seis meses. Entendeu-se que a resposta das entrevistas abertas possibilitou análise dos dados propostos na pesquisa dessa dissertação.

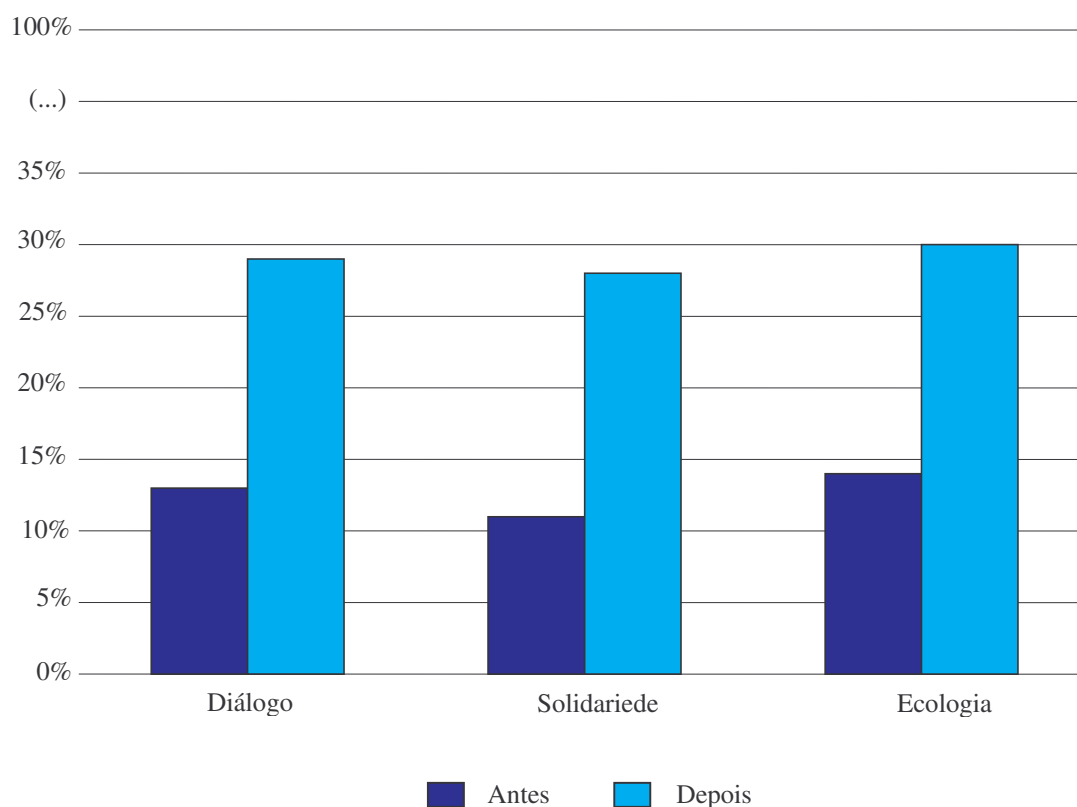
6.1.1. Análise dos resultados dos dados

Para a análise dos resultados dos dados, optou-se pela montagem de gráficos tabulados à medida que os seguimentos das entrevistas foram examinados com os familiares e os professores dos alunos, de acordo com entrevistas abertas e tabulações dos dados, vistos no Capítulo III, da Metodologia.

O intuito da apresentação dos gráficos foi facilitar a visualização da percepção dos familiares e dos professores quanto às mudanças de comportamento dos alunos envolvidos nessa pesquisa.

Montaram-se os gráficos em dois momentos distintos, antes e depois das oficinas. No primeiro, optou-se em registrar as categorias analisadas por indicarem mudanças de comportamento dos atores dessa pesquisa.

Gráfico 1: Comparativo dos Processos Antes e Depois em Relação às Categorias

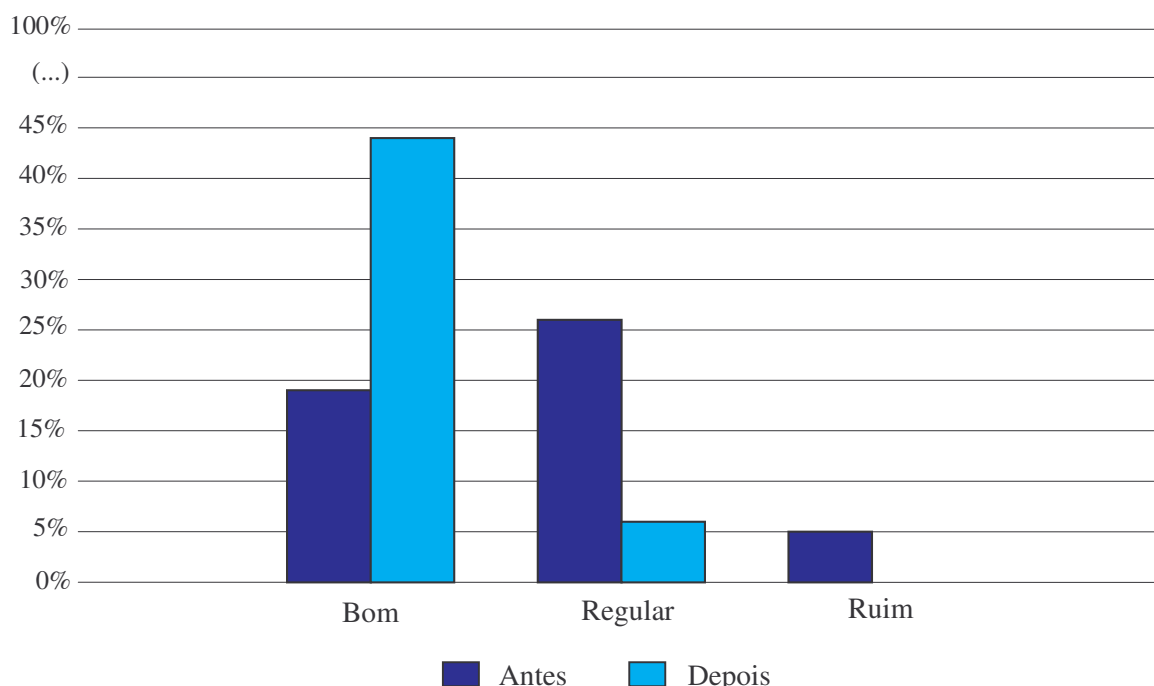


No tocante à análise dos resultados, percebe-se que as categorias *Diálogo*, *Solidariedade* e *Ecologia* apresentam aproximação no aspecto dos significados referentes ao exercício da cidadania. Nesse sentido, essas categorias oferecem uma

mostragem de compreensão por serem pertinentes ao processo de análise dessa pesquisa.

No Gráfico 2, comparou-se as mudanças de comportamento dos alunos desse experimento (Bom, Regular e Ruim) de acordo com os registros das tabulações e conforme percepção familiar em dois períodos: antes e depois.

Gráfico 2: Comparação da Percepção Familiar a Respeito das Alterações Comportamentais dos Alunos da CA, em relação à Cidadania.

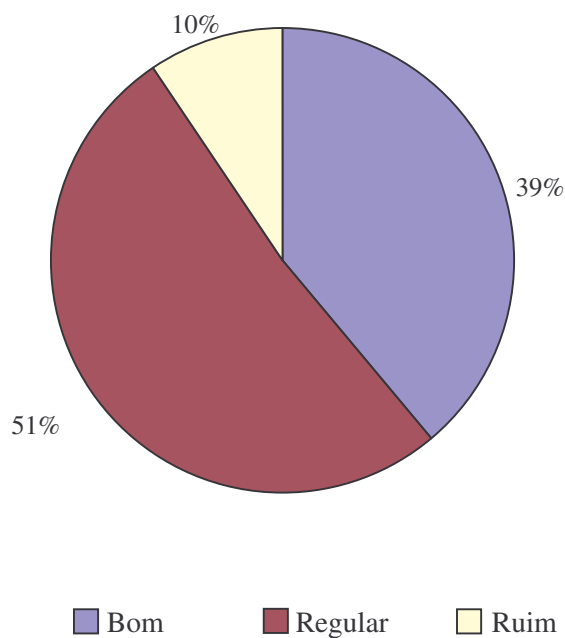


Pela mostragem, observa-se que houve um aumento significativo no aspecto referente ao comportamento descrito no grau comparativo em *Bom* e decréscimo nos aspectos *Regular* e *Ruim*.

Conforme demonstração do Gráfico 3 foi registrado na primeira entrevista com os familiares, em que a percepção dos mesmos em relação à mudança

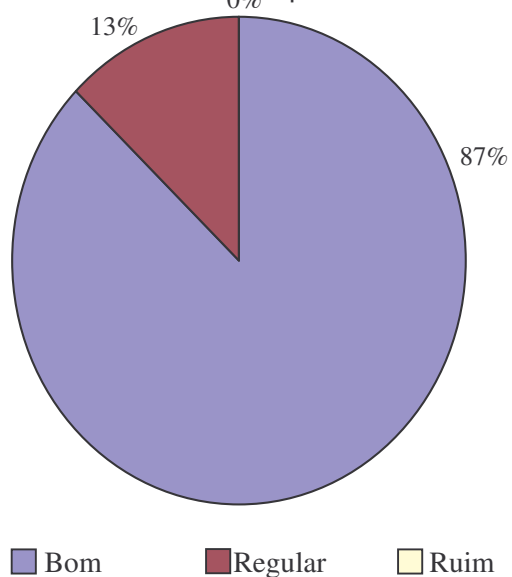
de comportamento dos alunos foi no aspecto Bom: 39%; Regular: 51%, e, no aspecto graduado como Ruim, houve registro de 10%.

Gráfico 3: Demonstrativo da Percepção Familiar a Respeito das Alterações comportamentais dos Alunos da CA, antes das Oficinas.



No Gráfico 4, apresentado a seguir, o período considerado como “depois”, apresenta nítida mudança no tocante ao aspecto do grau comparativo de comportamento entre Bom: 87%, e Regular: 13%. Sendo que o grau Ruim não foi mencionado por nenhuma das famílias entrevistadas.

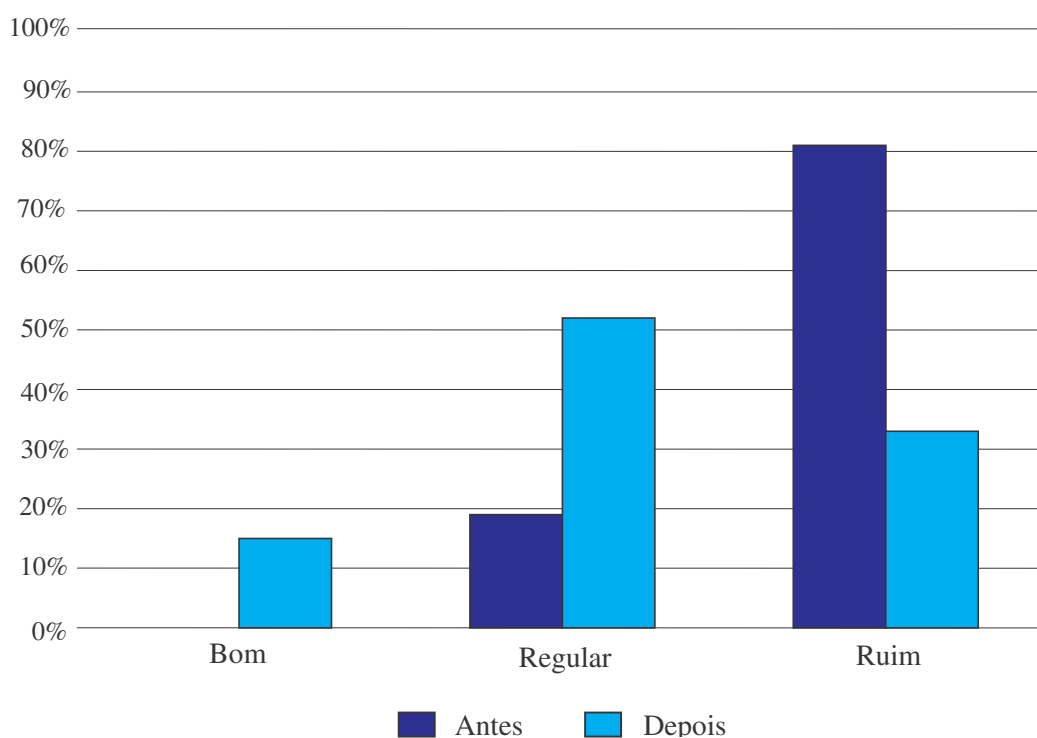
Gráfico 4: Demonstrativo da Percepção Familiar a Respeito das Alterações Comportamentais dos Alunos da CA, depois das Oficinas.



No Gráfico 5 dos professores, procedeu-se da mesma forma com o gráfico da família, isto é, analisou-se as entrevistas abertas dos professores para exame e identificação das possíveis mudanças de comportamentos dos alunos, advindos das oficinas.

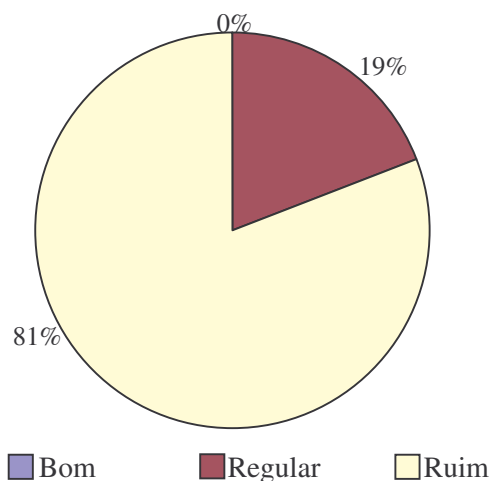
Com relação às entrevistas feitas com os professores, prosseguiu-se de forma semelhante, porém com as categorias generalizadas, isto é, optou-se por não utilizar as subcategorias, uma vez que os professores sempre se dirigiram aos alunos da turma da CA como um todo o grupo de alunos e não individualmente.

Gráfico 5: Comparativo da Percepção do Professores a Respeito das Alterações Comportamentais dos Alunos da CA, em Relação à Cidadania.



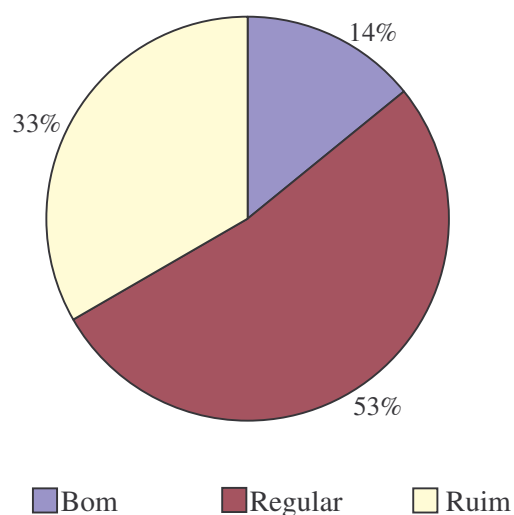
O Gráfico 6 diferentemente da visão dos familiares, na visão dos professores, apresenta um índice Bom 0%, Regular 19% e o Ruim 81%, referente ao comportamento dos alunos.

Gráfico 6: Demonstrativo da Percepção dos Professores antes das Oficinas.



No Gráfico 7, foi apresentada uma sutil mudança de comportamento dos alunos. Percebe-se o aumento do grau Bom: 14% e considerável diminuição do grau Regular: 53%. Ainda que persista, na visão do professores, o grau Ruim com 33% dos atores dessa pesquisa, é notada que a CA apresentou um índice considerável de

Gráfico 7: Demonstrativo da Percepção dos Professores a respeito das Alterações Comportamentais dos Alunos da CA, depois das Oficinas.



Esses resultados apresentados foram analisados conforme dados estatísticos, que se investigou o processo de obtenção e organização por intermédio de oficinas e entrevistas tabuladas entre o antes e o depois dos atores dessa pesquisa: alunos, familiares e professores.

Em seguida, tiraram-se conclusões dessas representações para explicação sistemática, por meio de observações quantitativas desses dados, conforme considerações de atributos de diminuição, de aumento ou de desconsideração dos graus atribuídos à mudança de comportamento dos alunos, quais sejam Bom, Regular e Ruim, referentes à porcentagem, que foram analisados por cada gráfico representado.

Para se tecer uma consideração final das análises desses dados, tem-se que o parâmetro dessas amostras representou o fato social de estudo e indicação de mudança de comportamento dos alunos o qual teve por fim representar, sob forma gráfica, as tendências características limites desse fenômeno – resgate da cidadania mediada pela formação religiosa.

6.2. Discussão dos resultados

Para esse momento de discussão dos resultados, reportou-se, mais uma vez, aos teóricos analisados no corpo desse trabalho. No tocante à abordagem de Durkheim, o aspecto da anomia focalizou-se na desintegração das normas sociais

vividas pelos atores, que gerou uma patologia cujo âmbito educativo teve forte influência no processo de se restabelecer a ordem moral. Tal procedimento foi notado pelo comportamento dos atores, identificado pela pesquisadora, em momentos, como o da pichação na escola, da indisciplina dos alunos e do desrespeito com o próprio grupo de alunos e com alguns professores, como também, pela agressividade e pela ausência de cuidado com o ambiente escolar.

Observou-se no comportamento dos alunos da CA que os padrões normativos de conduta e de crença bem como seus valores estiveram quase que desaparecidos e os mesmos entraram em conflito íntimo. Encontraram inclusive, dificuldades para conformarem-se às exigências das normas sociais, no caso da disciplina autoritária da escola, que, por vezes, entraram em confronto com a não autoridade da família. Pois, como foi apresentada na discussão da coleta de dados, a família desses alunos se apresentaram “perdidas”, isto é, carentes de objetividade de condutas para com seus filhos.

Ainda em Durkheim (2000, p. 109), tem-se que “(...) a religião de uma forma geral possui uma ação profilática sobre o suicídio”. Dessa forma, observa-se que a religião é um auxílio transformador que permite ao homem se perceber e perceber seu espaço no Universo e que promove forças para ajudar a mudar o mundo. Sobretudo porque a religião para Durkheim é ação de vida.

Assim sendo, pode-se confirmar indícios de mudanças dos comportamentos dos alunos, segundo percepção dos seus familiares e professores, conforme dados estatísticos registrados no período tabulado como antes das oficinas e, no segundo momento como depois das oficinas. Segue a percepção no primeiro momento dos familiares e em segundo plano dos professores.

Percepção dos Familiares

	Antes	Depois
Bom	39%	87%
Regular	51%	13%
Ruim	10%	0%

Percepção dos professores

	Antes	Depois
Bom	0%	14%
Regular	19%	53%
Ruim	81%	33%

Dessa forma, para o propósito das discussões de resultados, considera-se que as perspectivas religiosas quais sejam a atitude solidária, o respeito, o diálogo e a ecologia firmada e praticado com os alunos da CA, se apresentaram de formas diretamente ligadas no processo tornar-se adulto, e que, as mesmas, estão repletas de símbolos e ritos sociais como, por exemplo, tornar-se solidário por vontade própria e não por coerção ou ameaças porque esses adolescentes estão construindo suas identidades, vivendo esse processo e, acredita-se que a formação religiosa, a religião entendida como proposta de religar, desponta como elemento que promove uma vivência de integração, de humanização, de solidariedade e de acolhimento.

Nessa perspectiva, a solidariedade é mais que uma simples doação de afetos, mesmo porque os alunos não apresentaram apenas carência de afeto, mas, sobretudo, do diálogo franco, de participação, de se sentirem e atuarem como atores

sociais, protagonistas e merecedores dos seus próprios avanços no processo de se tornarem adultos.

Observou-se, ainda, que a consciência coletiva em Durkheim, tornou-se um pressuposto básico para a questão da solidariedade, do diálogo, da ecologia e da aceitação.

A consciência coletiva recebe espaços de distintos tamanhos na consciência total das pessoas de acordo com o tipo de sociedade onde elas vivem. Para tanto, o exercício de solidariedade proposto nas oficinas em sala de aula contribuiu de maneira oportuna, para que os atores exercessem o livre arbítrio, como ficou evidenciado na apresentação dos resultados em forma de gráfico de colunas das Categorias, pois, ainda em Durkheim, a coerção é, por vezes, identificada como falta de escolhas.

Ainda segundo Durkheim, a solidariedade também ocorre por meio da consciência coletiva. Tal postura foi identificada pela atitude dos alunos que, em grupo, transformava em um movimento crescente de solidariedade, de sentimento de pertença ao grupo, ou seja, cada ator buscou atuar em relação ao outro e ao meio ambiente.

Nesse aspecto, faz-se alusão a Berger no sentido da sua teoria de legitimação, ou seja, por meio da socialização, há a construção da identidade do indivíduo e esse se legitima, aumentando, inclusive, seu sentimento de pertença ao grupo e, por isso, a confirmação do sentimento de solidariedade entre os mesmos, o qual constatou-se com os resultados obtidos nessa pesquisa.

Nesse recorte, remete-se a uma reflexão mais aprofundada do sentimento religioso que surgiu no convívio e foi identificado a partir dos vínculos que se formavam com os alunos da CA: requer vivenciar a religião por meio da ação, do

afeto, do respeito e da amizade, bem como do comprometimento da competência da solidariedade e do amor incondicional.

Dessa forma, acredita-se que o método de investigação científica adotado privilegia a interação entre o sujeito que pensa e que manifesta esse pensar em suas atitudes.

Assim, reporta-se a Buber que utilizou o “Eu e Tu” como pressuposto básico para o entendimento inter-humano e solidário, isto é, a relação do “Eu” com o “Outro”, entendido o outro como tudo que nos cerca, tanto indivíduos como ambiente e a própria natureza. A bem dizer, tem-se Buber (1982, p. 78), que nos remete ao seguinte pensamento: “O crucial não é falar de Deus, mas falar com Deus”.

Para o propósito dessa análise, considera-se que a religião contribui para a formação do aluno, no sentido de suscitar elementos primordiais na construção da sua formação, tais como respeito, socialização, moral, ética, cidadania, e outros, principalmente do aluno da CA, que apresenta problema no aprendizado e no comportamento em sala de aula, manifestando inquietação e agressividade, conforme explicitado no Capítulo I – Descrição da amostra.

Buber, na sua obra, *O socialismo utópico* (1986), retoma a idéia do exercício voluntário, no qual ação promove uma gratuidade, permeada por uma troca cujo teor esteja direcionado a um profundo aprendizado, participando com espírito de solidariedade. Promovendo assim uma abertura maior para os sentidos e atitudes equânimes.

A partir desta premissa, tem-se que o homem é sujeito da história e transformador de sua própria vida, como da sua sociedade. É preciso, portanto, ser

inteiro e acolher o outro na sua inteireza, possibilitando um autêntico encontro que promova o ato da troca, do acolher o outro na sua imensidão do fenômeno humano.

Para tanto, Berger interpretou a socialização do indivíduo como a uma pessoa que se faz social – a formação dos hábitos e das suas funções – dos papéis sociais, que transformam a realidade subjetiva e as teorias sobre a identidade. Dessa forma, atua e interfere sobre o comportamento dos alunos, porque observou-se que, quando um dos alunos se manifestava contrário a bagunças ou pichações em sala de aula, o grupo era por ele influenciado, mormente quando o sujeito era um líder frente ao grupo da classe.

Para dar maior ênfase a essa discussão bem como remeter ao registro de mudanças de comportamentos dos alunos em sala de aula, reportou-se, mais uma vez, as falas dos alunos em forma descritiva de uma das oficinas com os alunos. Esse subcapítulo foi chamado de Momentos de reflexão.

6.2.1. Momentos de reflexão: discussão dos resultados

Nas oficinas desenvolvidas com os alunos da CA, objetivou-se identificar o que havia adormecido nesses alunos, como a vontade do querer saber e conhecer e entender da sua importância na prática e na relação com o outro.

Além disso, buscou-se, desde o primeiro dia do encontro, demonstrar com atitudes da pesquisadora e por meio de dramatizações, bem como exercícios da Tai Chi Chuan, da importância do respeito e da escuta no dia-a-dia, conforme registro da fala de alguns alunos em uma oficina [para preservar anonimato dos atores, utilizou-se A1,A2 ... A24, para identificar os alunos, P para pesquisadora e CA de toda a turma]:

P: O que vimos na semana passada? [Se reportando ao último encontro]

A1: O Pequeno Príncipe! [O filme O Pequeno Príncipe, obra de Antoine de Saint-Exupéry, Paulinas Vídeo]

A3: É, O Pequeno Príncipe!

P: O Pequeno Príncipe! O que trata O Pequeno Príncipe?

A2: Solidariedade, amizade.

A3: Sabedoria.

P: Sabedoria [reforça a palavra dita pelo aluno].

A4: Amizade [esta palavra aparece novamente, mas agora, dita por outra aluna].

A5: Soli (...) [não dá conta de falar o resto da palavra e a pesquisadora completa].

P: Solidariedade.

A5: Solidariedade [repete].

P: E o que é mesmo solidariedade, A5?

A6: Respeito.

P: Respeito, e o que mais? [A pesquisadora anotava no quadro as sugestões dos alunos].

A: Ajuda ao próximo.

P: Cuidado ao próximo, que mais? O que nós estamos vendo aqui nestas carteiras?

A11: Pichação.

P: Pichação! É legal isto?

A3: Não!

P: De novo, não tem um lugar adequado para fazer esses escritos? De quem é o armário?

A4: Do colégio.

P: Do colégio que é nosso. Quem é que usa a escola?

A3: A professora.

P: Só a professora que usa a escola?

A2: Os alunos.

P: Se eu começar a rabiscar, rabiscar, rabiscar, o que vai virar esta escola aqui?

CA: Lixo!

P: Vocês querem, ficar dentro do lixo?

CA: Nãoooo!

P: Não? Então o que vocês precisam fazer?

A13: Cuidar.

P: O que nós estamos vendo sempre nos nossos encontros?

A4: Disciplina.

P: Disciplina. O que é disciplina?

P: Oi, A1, o que é disciplina?

A1: Manter a ordem?

P: Manter ordem. Manter ordem para quem, para outro? Para si próprio? E o que é disciplina?

A1: Respeito.

P: Respeito, por aquilo que não é da gente. [Todos concordam].

CA: Simmm! (...)

Nesse dia, após esse breve aquecimento, foi proposta uma montagem de teatro com fantoches sobre as pichações na sala de aula, que estava com as carteiras todas pichadas, incluindo o armário e as paredes. Assim, este aspecto foi trabalhado na própria sala de aula, introduzido com momentos de reflexão bem como do porquê e da importância em se manter a sala limpa, arrumada e organizada. Essa atividade foi composta por momentos de risos e descontração.

No encontro seguinte, após a pesquisadora chegar à sala de aula, três alunos prontamente foram varrer a sala e apanhar os papéis da sala. Esse comportamento passou a ser uma constante nos encontros que se sucederam entre pesquisadora e alunos da CA.

A partir da discussão e análise dos dados, a pesquisadora pôde perceber e destacar possíveis elementos de integração, tais como respeito, escuta e solidariedade, sobretudo de forma participativa e espontânea.

As informações apresentadas no subcapítulo, Discussão dos Resultados, permitem tecer as considerações finais a respeito da relevância que é atribuída aos teóricos referendados ao longo dessa dissertação.

Assim, pode-se discorrer sobre a importância da formação religiosa como prática no contexto familiar e educacional. Buscou-se, sobretudo, aspectos

ligados à construção da cidadania do indivíduo enquanto momentos que apresentasse uma postura de dignidade e pertinência ao universo e a sociedade.

Confirmou-se a teoria de Berger como defensor da idéia de que o indivíduo nasce sociável, mas é na socialização que o mesmo desenvolve o espírito de solidariedade e respeito pelo próximo, sobretudo no tocante ao aspecto do diálogo, do Eu e Tu buberiano (Buber, 1979). De saber que Deus está presente em tudo e em todos.

Constatou-se que, no decorrer desse estudo iniciado no primeiro semestre de 2003, a resistência dos indisciplinados apresentou indícios de diminuição de comportamento inquieto e agressivo. Os gracejos vieram em momentos descontraídos, mais oportunos, nos quais todos riram (inclusive a pesquisadora). As agressões em forma de piadas foram muito mais voltadas para a dificuldade da tarefa que direcionada a um colega específico ou a professores ou até mesmo à pesquisadora.

Ao final do primeiro semestre, fez-se uma avaliação oral para devidas considerações dos aspectos do crescimento da turma para saber quais precisavam melhorar. Fez-se um círculo e ouviram-se os comentários e as críticas dos alunos a respeito dos encontros, desenvolvidos em formas de oficinas, que se registraram para posteriores inferências e medições de mudanças de comportamento sugeridas a partir do enfoque religioso na vida escolar dos alunos de Classe de Aceleração. Novamente, seguem registros das falas de alguns alunos:

A1: Houve muita bagunça.

A2: Queria assistir mais filmes.

A3: Queria que fosse diariamente.

A4: Gostei mais do Pequeno Príncipe⁶ porque ele fala do respeito (...).

A5: Eu gostei desse aí [referindo-se ao filme O Pequeno Príncipe].

A6: Porque fala da natureza.

A7: Eu gostei de aprender a ser gente (...), Tai Chi Chuan (...), do silêncio.

A8: Coisas novas.

A9: Fazer perguntas (...).

A10: Sei não.

A11: Que mais gostei? De tudo, ué!

Na análise fenomenológica, pressupõe-se em seus objetivos, uma verdadeira realização profissional de todos os envolvidos no processo do cuidar, do aprender e do ensinar.

Pressupõem-se, ainda, elementos da experiência religiosa, ou seja, busca-se, por meio das oficinas desenvolvidas, descrever as ações sociais com perspectivas positivas, isto é, entender que toda religião é um rito que acompanha um conhecimento e, nesse sentido, desperta sentimentos de união e de solidariedade.

⁶ Filme: O Pequeno Príncipe, adaptação da história de Antoine de Saint-Exupery, Paulinas Vídeo, São Paulo. 1996.

CONCLUSÃO

O objetivo dos encontros, dos desenvolvimentos das oficinas com os alunos da CA foi o de refletir na possibilidade do reconhecimento do significado da religião na vida, na formação da cidadania no contexto educacional, mais precisamente na Classe de Aceleração, pois, a religião é coletiva, é um fenômeno social, e que desempenha relevante papel na conduta moral dos grupos humanos, mormente em grupos de adolescentes.

Pensar a educação é pensá-la na escola, na religião e na comunidade e na vida social, porque há pessoas e papéis sendo desempenhados.

Nesse enfoque da *Religião e Educação: Pressupostos básicos para a construção da cidadania*, ressaltam-se que o aluno necessita ser amado, respeitado, valorizado. O aluno é um gigante que precisa ser despertado.

A habilidade social é ainda visível na construção de um espírito de solidariedade. O movimento da doação, da entrega, da participação. Não é possível viver impunemente em um mundo de incluídos e excluídos. Urge que novos líderes espirituais surjam e tenham a sensibilidade de resgatar a dignidade humana em todas as suas dimensões.

Por fim, mas não por último, a mais importante de todas as habilidades – porque proporciona o aprimoramento das outras, porque impulsiona a aprendizagem libertadora – é a felicidade de presenciar e participar do processo da habilidade emocional. Que capacidade é essa de dar e receber afeto, de sorrir, de chorar, de abraçar, de vibrar, de lembrar das faces imaturas dos jovens estudantes, de seus medos, de seus sonhos. Que capacidade é essa de engasgar a garganta e apertar o peito e de ter a sensibilidade de quem não nega atenção.

Esse trabalho está repleto de novos significados e novas descobertas. É fruto de uma pesquisa sobre o modo de conscientizar-se e, assim, sugerir mudanças de comportamentos desses sujeitos, entendidos como atores sociais e, portanto, construtores de seu próprio amanhã.

Com esse estudo, tomou-se consciência de que só mesmo a flexibilidade permite uma inter-relação saudável. Assim como bambu numa tempestade, sentiu-se o desafio diante de tantos problemas. Felizmente, problemas instigam a busca de soluções.

Os trabalhos desenvolvidos com esses alunos foram sempre em grupos, cada aluno contribuiu para que os pontos de anomia fossem dissolvidos na prática, reforçado sempre pelo diálogo, pelo respeito, pela aceitação e pela solidariedade, conforme pressupostos de Buber.

Os encontros com esses alunos apresentaram dificuldades e descobertas. Mesmo assim, foi nesse estado de empatia com a classe que se tentou garantir, desse momento em diante, uma relação que promovesse o diálogo entre a escuta e a fala, porque se a experiência mais elevada é a sensação de pertença ao

universo (*religere*), uma experiência para um professor deve ser a sensação de completa pertinência ao grupo-classe.

São realçados fatos que levam a crer que a transformação de tudo aquilo que está falho, ou dissociado dos desejos, no que se relaciona a uma existência plena e solidária, a uma realidade mais justa e menos segregada, só pode ser conseguida a partir de um trabalho, que trará bons frutos para toda a sociedade, porque atua-se diretamente no equilíbrio integral, por isso, exerce-se uma relação com o indivíduo, construindo, desconstruindo e reconstruindo, juntos, novas propostas para possíveis soluções.

Essa pesquisa, sobretudo, não ocorreu simplesmente para uma mera coleta de dados, mas, principalmente, para o estabelecimento de uma relação entre ambos os elementos: sujeito/ator e pesquisador, na qual as questões e assinalamentos, feitos pelo experimentador, são pertinentes ao conteúdo das falas dos sujeitos, ou seja, é fruto de uma pesquisa a respeito do modo de conscientizar-se e, assim, sugerir mudanças de comportamentos desses atores a partir de reflexões propostas, porém, surgidas por eles próprios.

É, sobretudo, um trabalho que desperta uma convivência amorosa, de tolerância, de respeito e solidariedade – uma condição ou estado de mutualidade entre deveres e direitos, alegrias e tristeza, aprendizados e ensinamentos –, a religião presente na ação em consonância com o discurso. Especialmente do diálogo como forma de incessante aprendizado, porque a religião é simplesmente tudo, o simples todo vivido na sua possibilidade do diálogo.

Viu-se como importante, o interesse dos participantes no sentido de estarem e serem envolvidos na arte da educação, bem como reverem suas atitudes como pais, professores e alunos, enfim, buscar conceber suportes para que novos valores de condutas humanas e religiosas fossem revistas e apreendidas.

Eis o simples intento dessa pesquisa: deixar uma mensagem para que se inicie a vivenciar a religião por meio da ação, do afeto, do respeito e da amizade, bem como do comprometimento, da competência, da solidariedade e do amor incondicional, mormente com os alunos da CA por apresentarem, como descrito anteriormente, características de conduta e comportamento que levam a crer que os mesmos são excluídos pela sociedade e que esse experimento privilegia a formação religiosa à qual entende-se como prática de cidadania e de solidariedade. Portanto, *Religião e Educação: Pressupostos básicos para a construção da cidadania* caracteriza-se pelo desejo da experiência, das emoções, do mistério, dos sentimentos imbricados no movimento de vir-a-ser do sujeito.

Amém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Wilson Castelo. *Formas de encontro: psicoterapia aberta*. São Paulo: Ágora, 1988.
- BABOUT, Scialom. *Judaísmo*. São Paulo: Globo, 2002.
- BARDIN, Leon. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Ed. 70, 1995.
- BARTHOLO, Roberto. *O diálogo do céu com a terra: Martin Buber, presença e palavra*. Ciclo de Palestras, "Grandes Pensadores Judeus", promovido pelo Museu Judaico e realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.
- BERGER, Peter. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- BERGER, Peter; THOMAS, Luckman. *Construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERMÚDEZ, J. G. R. *Introdução ao psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- BILLINGTON, Ray. *East of existentialism. The Tao of the West*. London. Unwun Hymn Ltd. 1990.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: Ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Espiritualidade: um caminho de transcendência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

_____. *Experimental Deus: a transparência de todas as coisas*. Campinas: Verus, 2002.

BOWKER, John. *Para entender as religiões: as grandes religiões mundiais explicadas por meio de uma combinação perfeita de texto e imagens*. São Paulo. Ed. Ática, 1997.

BUBER, Martin. *Encontro: Fragmentos autobiográficos*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *O socialismo utópico*. São Paulo: Perspectiva, 1986,

_____. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Eu e tu*. São Paulo: Ed. Moraes, 1979.

_____. *Palavras do Rabi*. São Paulo: Perspectiva, 1967.

CIDADANIA. Disponível em: <File:///A:/Cidadania no Tempo - Declaração Universal dos Direitos Humanos.htm>. Acesso em: 14 mar. 2003.

CUKIER, Rosa. *Palavras de Jacob Levy Moreno*. São Paulo: Ágora, 2002.

DALLARI, Dalmo. *Direitos humanos e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1998.

DICIONÁRIOS: Houaiss da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Novo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. *Das ciências sociais*. A. Birou. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1996

_____. *De conceitos fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

DECLARAÇÃO, Universal dos Direitos Humanos. *Artigo XVIII*. In: Assembléia Geral das Nações Unidas, proclamado em 10 de Dezembro de 1948.

DURKHEIM, Èmile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

- FONSECA, J. S. *Psicodrama da loucura – Correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora, 1980.
- FOX, Jonathan. *Acts of service: Spontaneity, commitment, tradition in the nonscripted theatre*. Elsevier Science Ltd., The Boulevard, Langford Lane, Kidlington IGB: UK, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978.
- GILES, Thomas Ransom. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1989.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GONÇALVES, Camila Salles et al. *Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. São Paulo: Ágora, 1988.
- GRESSLER, Lori Alice. *Pesquisa Educacional: importância, modelos, validade, variáveis, hipóteses, amostragem, instrumentos*. São Paulo: Edições Loyola, 1979.
- GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HUSSERL, Edmund. *Os pensadores*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1983.
- LEAL, Alane e Azevedo, Kádja; Tunes, Elizabeth (Prof^a. Orientadora). *Escola: espaço para o futuro. A visão de alunos com atraso escolar*. In: Anais da 1^a mostra integrada de Psicologia da UCB (Universidade Católica de Brasília), Brasília, Ed.Universa, 2000.
- LEAL, Alane e Joelma Cristina. *Xintoísmo – religiões orientais: O mistério percebido por meio do fenômeno*. Monografia apresentada ao curso de Mestrado em Ciências da Religião como requisito da disciplina Fenômeno Religioso, 2^a parte. Goiânia: Universidades Católicas de Goiás-UCG, 2002.
- LUZURIAGA, Laissa. *História da educação e da pedagogia*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971.
- MEIRELES, Marilucia Melo. *Anomia: a patologia social na virada do milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MORENO, Jacob-Levy. *Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1997.

_____. *Quem Sobreviverá. Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama.* Goiânia, Dimensão, 1992.

_____. *O teatro da espontaneidade.* São Paulo: Summus, 1984.

_____. *Sociometry, experimental method and the science of society.* Nova York, Beacon House, 1959.

NUDEL, Benjamim Waitrob. *Moreno e o hassidismo.* São Paulo: Ágora, 1994.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional.* São Paulo: Imprensa Metodista. 1985.

PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice. *Educação e sociedade.* São Paulo. Nacional, 1967.

PETRELLI, Rodolfo. *Fenomenologia: teoria, método e prática.* Série ensaios. Goiânia: UCG, 2001.

_____. *Transgressão: Série seminários.* MONINI, Italiano (Org.). Goiânia: UCG, 2000.

_____. *Para uma psicoterapia em perspectiva fenomênico-existencial.* Departamento de psicologia. Goiânia: UCG, 1999.

PIRES, Cristina Valle G., et al. *O dia-a-dia do professor. Adolescência: afetividade, sexualidade e drogas.* Belo Horizonte: Ed. FAPI, Vol. III – “Que adolescente eu sou (...)”; 2002.

PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DA APRENDIZAGEM 5ª série/DOC/Regional de Ensino do Núcleo do Bandeirante. Centro de Ensino de 1º Grau Metropolitana. Governo do Distrito Federal. Secretaria de Estado de Educação. Subsecretaria de Educação Pública. Diretoria de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Gerência de Aceleração da Aprendizagem. Brasília-DF, 1999.

QUINTANEIRO, Tânia et al. *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber.* Belo Horizonte: UFMG, 2001.

REY, González. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia. caminhos e desafios.* São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ROGERS, Carl. *Terapia Centrada no Paciente.* São Paulo: Martins Fontes, 1974.

SIQUEIRA, Nalva Kássia Dias. *Informativo das 7ªs séries do Centro de Ensino de Primeiro Grau Metropolitana.* Vila Metropolitana. Brasília-DF, 1999.

WEIL, P. *Relações humanas na família e no trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

_____. *O Psicodrama – Prefácio de J. L. Moreno*. Rio de Janeiro: Cepa, 1967.

YOZO, Ronaldo Yudi. *100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas*. São Paulo: Ágora, 1996.

ANEXOS

Continuação da Tabulação de dados das entrevistas com os familiares e com os professores (conforme explicitado no Capítulo V, p. 102):

Tabela 3

Ator da Pesquisa: A3 (Masc./14 anos) Família: F3		Antes			Depois		
		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito	X			X		
	b. Escuta		X		X		
	c. Tolerância	X			X		
	Percentual	66%	33%	0%	100%	0%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito		X		X		
	b. Prestativo	X			X		
	c. Disciplina	X			X		
	Percentual	66%	33%	0%	100%	0%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive	X			X		
	b. Cuidado		X		X		
	c. Respeito		X		X		
	Percentual	33%	66%	0%	100%	0%	0%
		05	04		09		
Percentual Σ		28%	22%	0%	50%	0%	0%

Antes: [...] Ah, dona, ele ajuda em casa, ajuda a cuidar dos irmãos. A mãe tá trabalhando lá no plano piloto(...)

Mas ele é muito bom, muito estudioso (...) Se ele fica violento, ah não, isso, não, ele briga com os irmãos, mas é assim mesmo (...).

Depois: [...] O A3 tá bem, mais alegre. Foi ajudar o pai assoviando. Ele adora a natureza! Ele sempre cumpre com as obrigações, ajuda o pai. Ele não briga não. Meus meninos são bem comportados e obedientes (...)

Tabela 4

Ator da Pesquisa: A4 (Fem./14 anos) Família:F4		Antes			Depois		
		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito		X		X		
	b. Escuta	X			X		
	c. Tolerância	X			X		
	Percentual	66%	33%	0%	100%	0%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito		X		X		

	b.Prestativo	X			X		
	c. Disciplina		X		X		
	Percentual	33%	66%	0%	100%	0%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive		X		X		
	b. Cuidado	X			X		
	c. Respeito		X		X		
	Percentual	33%	66%	0%	100%	0%	0%
		04	05		09		
	Percentual Σ	22%	28%		50%		

Antes: [...] *ela colabora, pouco, mas ajuda, podia ajudar mais (...) ela gosta muito de animal, De flores e árvores, também. Ela se cuida sim (...) Se ela me escuta, é, só às vezes né.*

Depois: [...] *Ela ajuda em casa. Não responde a gente como antes não. Outro dia ela pegou a vassoura e começou a varrer a sala, tava meio suja, empoeirada, e ela fez isso sem sequer eu pedir(..). Que bom né! Tomara que o irmão possa aprender com ela.*

Tabela 5

Ator da Pesquisa: A5 (Fem./16 anos) Família:F5		Antes			Depois		
		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito		X		X		
	b. Escuta		X		X		
	c. Tolerância		X		X		
	Percentual	0%	100%	0%	100%	0%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito			X	X		
	b. Prestativo		X		X		
	c. Disciplina		X		X		
	Percentual	0%	66%	33%	100%	0%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive	X			X		
	b. Cuidado		X		X		
	c. Respeito		X		X		
	Percentual	33%	66%	0%	100%	0%	0%
		01	07	01	09		
	Percentual Σ	6%	38%	6%	50%		

Antes: [...] *É, mas tem que ta falando sempre a mesma coisa, sempre e sempre (...) parece até que é de propósito! Então num sei, acho que não colabora não. Gosta de flores, das árvores, ela não me escuta muito não! Hã! Se ela me respeita, assim, se me obedece, ah, também se não obedecer. É pau que há! (...).*

Depois: [...] *Mais obediente! Ah está. Ajuda em casa. Me ouve, sim, escuta né, que você falou! Continua vaidosa. Antes não, ela fazia umas caras feias reclamava, ela não tem feito mais isso. Saiu se mal dizendo, batendo a porta. Nisto ela mudou bastante sim, ta bem mais paciente!*

Tabela 6

Ator da Pesquisa: A6 (Fem./14 anos) Família:F6		Antes			Depois		
		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito		X			X	
	b. Escuta		X		X		
	c. Tolerância			X	X		
	Percentual	0%	66%	33%	66%	33%	0%

2. Solidariedade	a. Respeito		X		X		
	b. Prestativo		X		X		
	c. Disciplina		X		X		
	Percentual	0%	100%	0%	100%	0%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive		X		X		
	b. Cuidado	X			X		
	c. Respeito		X		X		
	Percentual	33%	66%	0%	100%	0%	0%
		01	07	01	08	01	
	Percentual Σ	6%	38%	6%	44%	6%	

Antes: [...] Bom, ela ajuda porque senão ela entra [sic] de castigo e só sai depois que cumprir com as obrigações. Ela é meio violenta sim! Bate nos irmãos mais novos, parece até que “desconta” nos irmãos. Já peguei ela [sic] outro dia chutando o cachorro (...) Isso é coisa que se faça!

Depois: [...] Ela tem brigado bem menos com os irmãos. Ainda ta violenta, joga as coisas na parede quando ta com raiva, se mete em tudo. Mas quando eu digo, você precisa me escutar! Ela escuta, antes não, fazia coisa da cabeça dela e pronto. Ela tem cuidado mais das coisas dela porque também se não fica sem (...).

Tabela 7

Ator da Pesquisa: A7 (Fem./12 anos) Família:F7		Antes			Depois		
		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito		X		X		
	b. Escuta		X		X		
	c. Tolerância			X	X		
	Percentual	0%	66%	33%	100%	0%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito		X		X		
	b. Prestativo		X		X		
	c. Disciplina		X		X		
	Percentual	0%	100%	0%	100%	0%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive	X			X		
	b. Cuidado	X			X		
	c. Respeito		X		X		
	Percentual	66%	33%	0%	100%	0%	0%
		02	06	01	09		
	Percentual Σ	11%	33%	6%	50%	0%	0%

Antes: [...] A minha filha mais velha, A7, de 12 anos, é a mais afastada da família.(...) Mas é uma boa menina. A7 às vezes fica violenta, no sentido de querer bater nos irmãos, sai batendo a porta. O diálogo aqui em casa não é muito bom não (...) podia ser melhor.

Depois: [...] O que eu notei de mudança da A7 é que ela deu para fazer planos.(...) era assim meio explosiva, agora ela está até menos, A7 está mais interessada nos estudos. E mais tranqüila também, eu me refiro, com relação ao diálogo em casa, ela está mais paciente e tolerante (...).

Tabela 8

Ator da Pesquisa: A8 (Fem./13 anos) Família:F8		Antes			Depois		
		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito	X			X		
	b. Escuta	X			X		

	c. Tolerância	X			X		
	Percentual	100%	0%	0%	100%	0%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito	X			X		
	b. Prestativo		X			X	
	c. Disciplina		X			X	
	Percentual	33%	66%	0%	33%	66%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive	X			X		
	b. Cuidado	X			X		
	c. Respeito	X			X		
	Percentual	100%	0%	0%	100%	0%	0%
		07	02		07	02	
	Percentual Σ	39%	11%	0%	39%	11%	0%

Antes: [...] Ela ajuda em casa sim, mas é tão triste, que nem sei o que fazer. Gosta muito de flores sim. Se ela respeita, respeita sim. Gosta muito de crianças. Tem até mais paciência com os irmãos menores do que eu!

Depois: [...] Não vi nenhuma mudança da A8. Sempre ajuda em casa, mas sempre muito triste. Não briga com os irmão, ajuda em casa, gosta de flores.

Tabela 9

Ator da Pesquisa: A9 (Fem./13 anos) Família:F9		Antes			Depois		
		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito		X		X		
	b. Escuta		X		X		
	c. Tolerância		X		X		
	Percentual	0%	100%	0%	100%	0%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito		X		X		
	b. Prestativo			X	X		
	c. Disciplina			X	X		
	Percentual	0%	33%	66%	100%	0%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive	X			X		
	b. Cuidado	X			X		
	c. Respeito	X			X		
	Percentual	100%	0%	0%	100%	0%	0%
		03	04	02	09		
	Percentual Σ	17%	22%	11%	50%	0%	0%

Antes: [...] Não ajuda muito não. Só quer saber de namorar. Podia ajudar mais mesmo. Briga com os irmãos, muito, muito mesmo. Apanha e bate (...) menina difícil! Se a gente conversa [se mantém o diálogo] por aqui, assim, assim, pois parece que esses meninos só entendem os berros. A chibata (...) Ela gosta muito de natureza sim!

Depois: [...] A9 continua bem explosiva bem explosiva mesmo! Depois que o pai saiu ela está menos brigona. E aí os filhos ajudam.

Tabela 10

Ator da Pesquisa: A10 (Fem./16 anos) Família:F10		Antes			Depois		
		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito	X			X		
	b. Escuta	X			X		
	c. Tolerância	X			X		

	Percentual	100%	0%	0%	100%	0%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito		X		X		
	b. Prestativo	X			X		
	c. Disciplina		X		X		
	Percentual	33%	66%	0%	100%	0%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive	X			X		
	b. Cuidado	X			X		
	c. Respeito	X			X		
	Percentual	100%	0%	0%	100%	0%	0%
		07	02		09		
	Percentual Σ	39%	11%		50%		

Antes: [...] *Que precisa ajudar em casa. Colabora sim. Ela nunca fica violenta.*

Depois: [...] *Não tive tempo para observar esta mudança da A10. Ou então ela nem chegou a mudar. Colabora em casa. Conversamos muito, sobre tudo.*

Tabela 11

Ator da Pesquisa: A11 (Masc./15 anos)		Antes			Depois		
Família:F11		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito		X		X		
	b. Escuta		X		X		
	c. Tolerância		X		X		
	Percentual	0%	100%	0%	100%	0%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito	X			X		
	b. Prestativo	X			X		
	c. Disciplina	X			X		
	Percentual	100%	0%	0%	100%	0%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive		X		X		
	b. Cuidado		X		X		
	c. Respeito			X	X		
	Percentual	0%	66%	33%	100%	0%	0%
		03	05	01	09		
	Percentual Σ	17%	28%	5%	50%		

Antes: [...] *Em casa, assim como eu disse, se pedir, às vezes. Nunca fica violento. Nunca briga. Ele não gosta muito de animal não, já peguei ele atirando pedra no cachorro do vizinho, brinca de "istilingue" nos pássaros. Joga papel de bala até no chão de casa. Ele me escuta (...) às vezes demora mais.*

Depois: [...] *Até que ele não joga mais papel no chão não. É, neste sentido aí, que a senhora está falando, acho que sim, eu não vi mais ele jogar papel no chão.*

Tabela 12

Ator da Pesquisa: A12 (Masc./16 anos)		Antes			Depois		
Família:F12		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito		X		X		
	b. Escuta		X		X		
	c. Tolerância		X			X	
	Percentual	0%	100%	0%	66%	33%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito		X			X	
	b. Prestativo		X		X		

	c. Disciplina			X		X	
	Percentual	0%	66%	33%	33%	66%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive		X		X		
	b. Cuidado		X			X	
	c. Respeito		X			X	
	Percentual	0%	100%	0%	33%	66%	0%
			08	01	04	05	
	Percentual Σ		44%	6%	22%	28%	

Antes: [...] A disciplina é regular, pelo menos em casa, inquieto, afoito, fala muito palavrão e em sexo ele até respeita eles, senão (...).

Depois: [...] Muito inquieto. Não liga pra nada.

Tabela 13

Ator da Pesquisa: A13 (Masc./13 anos)		Antes			Depois		
Família:F13		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito	X			X		
	b. Escuta	X			X		
	c. Tolerância	X			X		
	Percentual	100%	0%	0%	100%	0%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito			X	X		
	b. Prestativo		X		X		
	c. Disciplina		X			X	
	Percentual	0%	66%	33%	66%	33%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive	X			X		
	b. Cuidado	X			X		
	c. Respeito		X			X	
	Percentual	66%	33%	0%	66%	33%	0%
		05	03	01	07	02	
	Percentual Σ	28%	17%	5%	39%	11%	

Antes: [...] Se ele ajuda? Ah sim, às vezes sim. Gosta de me ajudar na cozinha. Se ele me escuta, ah sim, de todos é o que mais escuta sim. Ah sim, do animal ele até que adora, e como. Se cuida do ambiente, sim, só não ajuda na horta num sei se isso é cuidar do ambiente também? Num destrói nem quebra as plantas não.

Depois: [...] A13 continua ajudando sim. Escuta a gente. Pára antes de fazer as coisas, é até meio detalhista, quando pega uma coisa para fazer vai até o final e faz! Se não der certo ele não desiste, tenta outra vez! Cuida do quarto dele mesmo. Não está lendo nem estudando nem mais nem menos do que antes. Tá do mesmo jeito. Ele não dá trabalho.

Tabela 14

Ator da Pesquisa: A14 (Masc. 12 anos)		Antes			Depois		
Família:F14		Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo	a. Respeito	X			X		
	b. Escuta	X			X		
	c. Tolerância	X			X		
	Percentual	100%	0%	0%	100%	0%	0%
2. Solidariedade	a. Respeito	X			X		
	b. Prestativo	X			X		
	c. Disciplina	X			X		

	Percentual	100%	0%	0%	100%	0%	0%
3. Ecologia	a. Ambiente em que vive		X		X		
	b. Cuidado		X		X		
	c. Respeito		X		X		
	Percentual	0%	100%	0%	100%	0%	0%
		06	03		09		
	Percentual Σ	33%	17%		50%		

Antes: [...] A14 é bem tranqüilo. Ajuda em casa. É muito prestativo. Obediente. É muito alegre. Eles não brigam. Ah, ele não cuida muito dele não, ele não gosta de tomar banho, morre de preguiça de trocar de roupa, do uniforme da escola. Já peguei ele indo com o mesmo uniforme quase a semana toda.

Depois: [...] A senhora está lembrada que ele não gostava de tomar banho. E que às vezes ele nem sequer trocava de roupas? Bom eu até já vi ele tomar banho sem mandar outro dia desse. Isto foi muito bom, Ah, é. Até fiquei alegre com isto. Isto mudou sim.

Tabela 3

Classe de Aceleração Professor: Pr3	Antes			Depois		
	Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo			X			X
2. Solidariedade			X			X
3. Ecologia			X			X
			03			03
Percentual			100%			100%

Antes: [...] Ah, alguns alunos estão bem no parâmetro da Classe de Aceleração, ou seja, bem bagunceiros, desmotivados lentos [comportamentos cristalizados]. Eles têm muita preguiça. Possuem baixa auto-estima [solidariedade: disciplina e auto-estima]. Não cuidam do material.

Depois: Não houve comentário de melhoras ou mudanças no comportamento da CA.

Tabela 4

Classe de Aceleração Professor: Pr4	Antes			Depois		
	Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo			X			X
2. Solidariedade			X			X
3. Ecologia			X			X
			03			03
Percentual			100%			100%

Antes: [...] São preguiçosos, apáticos, sem rendimento.

Depois: Não houve comentário de melhoras ou mudanças no comportamento da CA.

Tabela 5

Classe de Aceleração Professor: Pr5	Antes			Depois		
	Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo			X		X	
2. Solidariedade			X		X	
3. Ecologia			X		X	
			03		03	
Percentual			100%		100%	

Antes: [...] Eles apresentam desmotivação. Não possuem hábito de responsabilidade. Não cuidam do material [ecologia]. Uma lentidão. Eles não têm disciplina para o estudo. Não possuem organização! É muito difícil!

Depois: [...] Bem (...) Parece que eles despertaram de um sonho (risos). Eles precisam melhorar muito ainda, mas já percebo que eles estão dispostos a colaborar. Ao menos, noto que não preciso ficar repetindo o mesmo mais de três vezes. Apenas bastam dois comandos e eles me atendem.

Tabela 6

Classe de Aceleração Professor: Pr6	Antes			Depois		
	Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo			X		X	
2. Solidariedade		X		X		
3. Ecologia			X		X	
		01	02	01	02	
Percentual		33%	66%	33%	66%	

Antes: [...] Estes alunos são muito rebeldes. O grau de concentração deles é muito baixo.

Depois: [...] Não é assim, toda a turma, mas um ou outro apresenta boa vontade em cooperar, o que não se notava no ano passado ou até mesmo logo no início deste ano. Penso que mesmo esta minoria na turma pode favorecer para a mudança do grupo todo.

Tabela 7

Classe de Aceleração Professor: Pr7	Antes			Depois		
	Bo	Re	Ru	Bo	Re	Ru
1. Diálogo		X			X	
2. Solidariedade		X		X		
3. Ecologia			X		X	
		02	01	01	02	
Percentual		66%	33%	33%	66%	

Antes: [...] Eu sinto que a escola para estes alunos é um fardo. Há muita apatia. Se sentem incomodados por tudo. Mas ao mesmo tempo se divertem com a bagunça deles. É um problema. Comigo, eu imponho advertência, quem não faz dever leva advertência.

Depois: [...] Eu tenho notado que eles estão respondendo mais satisfatoriamente. O comportamento de alguns tem se mostrado mais alegre, sem tanta implicância com os colegas.

Questionário I (Oficina em 18 de fevereiro de 2003).

Caro(a) aluno(a): Peço para que responda esses questionário e no verso, faça um desenho representando o seu dia na escola:

1. Quem sou eu?

2. O que penso da vida?

3. O que acho da escola?

Gosto:

Não gosto:

Por quê:

Modelo autorização para entrevista com os pais e/ou responsáveis dos alunos da CA.

Senhores pais e/ou responsável,

Informamos que no dia ___/___/___, a partir das 8h, estará comparecendo à sua casa para uma visita pedagógica, a professora Alane, que desenvolve um projeto com a 6ª D, para tratar de assuntos importantes, particulares e de interesse escolar de seu (sua) filho (a).

Certos de contarmos com sua atenção e colaboração no atendimento à referida professora, desde já agradecemos e solicitamos que assine e devolva a AUTORIZAÇÃO abaixo.

Atenciosamente,
A DIREÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
pai/mãe/responsável

do(a)

aluno(a)

_____, da 6ª D,
autorizo que a professora deste Estabelecimento, ALANE, visite minha casa para
uma pesquisa pedagógica no dia ___/___/___, a partir das 8h.

Data, ____ de _____ de 2003.

Assinatura do pai/mãe ou responsável

Relatório fornecido pela professora da classe. (Preservou-se o anonimato da mesma).

RELATÓRIO

O trabalho que está sendo realizado com a 6ª série D (aceleração), já mostra os seus pontos positivos, pois houve uma melhora considerável no que diz respeito ao comportamento, isto é, a disciplina na sala. Conseqüentemente, o rendimento da turma, no fator aprendizagem, também melhorou.

Professora

L435r Leal, Alane de Lucena
Religião e educação : pressupostos básicos para a construção da

cidadania. / Alane de Lucena Leal. – Goiânia, 2003.

136p.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, 2003.

1. Religião X Educação – construção da cidadania. 2. Cidadania – educação. 3. Cidadão – formação pela educação. I. Título.

CDU 372.832:2
2:372.832